

RESISTENCIA

Relação e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor, José Pereira da Motta

Officina typographica, Arco d'Almedina, 6

N.º 503

COIMBRA — Domingo, 17 de dezembro de 1899

5.º ANNO

Esphacellos

Não ha muito que a monarchia, pelos órgãos da sua publicidade, roufenhos e pouco autorizados como sam, se não lançavam de propalar que o partido republicano se encontra esphacellado e morto.

Desde os ataques demolidores do impulsivo João Franco, a monarchia, no sonho acalento da sua corrupção sem vigilância, recostou-se abandonadamente no fôfo e voluptuoso divan da sua indolência, embriagando-se com o fumo esmanteador dum narghilé oriental. E desta maneira, coração ao largo, sem o pesadello republicano a perturbar-lhe as phantazias do ópio, entregava-se, despreocupada, ao suavissimo sonhar duma vida tranquilla e sorridente, em farta e serena digestão do improbo labor do país eternamente escravo.

De vez em quando, numa persistente monotonia de teimosia idiota, ia balbuciando—estám promptos os republicanos... Mas, por último, viu ella, a monarchia ebria e entorpecida, que a morte do partido republicano não passava dum lanceio anhelado do seu cérebro doente. E vê, agora, clara irrefutavelmente, que o partido republicano continúa bem vivo, desta vida que as ideias dam, que as necessidades dum povo inteiro alentam, que a esperança dum resurgimento próximo e necessário torna permanente e immorredoura.

E daí, desta certêza obseidiante e ingrata, os protestos de estrangulamento e de asphyxia, manifestados já no propósito firme de annullação da eleição do Porto, e no accôrdo eleitoral para as eleições de Lisboa.

Por todos os meios procurará a monarchia, estremunhada dum sonho bom, aniquillar de vez o pavoroso inimigo que a não deixa dormir e sonhar e viver a larga a doce vida de dissolução e de prazer.

Mas a vida da monarchia será cada vez mais agitada e afflictiva. O partido republicano mantém toda a sua força, que vai successivamente aumentando, pela aggregação de elementos novos e pela cohesão dos que existem.

Em que lhe pese, a ella, a corteza caduca...

E cabe-nos a nós ir registando o esphacello da monarchia. Na fallência dos seus partidos e na desaggregação das suas forças se vai notando successivamente o que elles sam e o que elles valem.

Que nem já lhes chega, como ao progressista está acontecendo, a farta pitança do orçamento para a compra de consciências e acolchetamento de vontades.

Que é só com este cimento que se levantam os edificios da monarchia, a esboroarem-se por toda a parte...

A questão do Porto

Sobre isto escreve o *Tribuna Popular* duas columnas de compacta prosa. Como elle discorre o risco de ninguem o fêr porque as maçadas estão prohibidas.

Por absoluta falta d'espaco não publicamos hoje um artigo do sr. dr. Teixeira de Carvalho, estudo de biographia artistica de João Machado.

No próximo número irá o trabalho do nosso amigo sobre o distincto escultor.

Congresso pedagógico

Deve realizar-se, nesta cidade, nos dias 2, 3, 4, 5 e 6 de janeiro próximo, o IV congresso pedagógico.

Pela commissão promotora foi pedida ao ministério do reino licença para virem a esta cidade, os professores congressistas, sem perda de vencimento, nem prejuizo para aposentação.

Sendo indeferida esta pretensão, será o congresso addiado para os dias 27 a 30 do corrente.

Pela mesma commissão foi sollicitado ao ministério das obras publicas *bonus* de 5 p. c. na passagem dos congressistas nas linhas férreas do Estado.

O sr. José d'Azevedo Castello Branco acha-se entre nós de visita ao sr. reitor da Universidade.

Gente d'habilidade ensinouu que s. ex.^a dava um feriado hontem se lh'o pedissem a sua chegada.

Os rapazes lá fôram, em bicha, aos vivas ao feriado e ao sr. José d'Azevedo.

O sr. José d'Azevedo achou que se ouviam de mais os vivas ao feriado, amouu, e estranhou que se andasse fóra d'horas a acordar quem dormia.

Gorára-se a manifestaçãozinha...

Renderam 1:800.000 réis as remissões de serviço militar no mês findo no districto de reserva com séde nesta cidade.

Carta de Lisboa

15 de dezembro.

As últimas noticias de Lourenço Marques contam coisas extraordinárias succedidas com os ingleses no respectivo porto ou, pelo menos, em nossas águas. Navios de guerra ingleses dam caça aos vapores que apparecem, rebuscando-os depois com a maior semcerimônia.

O escândalo é tal que o collaborador dum jornal conservador de Lisboa escreve:

«Em vista dos atropellos referidos nesta e na minha anterior correspondência, bem vêem quanto difficil nos será manter a neutralidade sem que sejamos victimas de qualquer violência por parte dos nossos fieis alliados.»

E um jornal de Lourenço Marques, *O Futuro*, diz:

«Os acontecimentos fallam bem alto e a intenção parece bem clara e diáphana: os ingleses, a despeito de todos os favores recebidos, de toda a deferencia tida para com elles, provocamnos e querem a todo o transe levantar um conflicto com Portugal, que justifique um golpe de mão, um desembarque, um acto de brutalidade.»

Ahi estão nessas palavras de monarchicos, de sobra justificadas as apreciações que nós, republicanos, temos feito da deferencia das estações officiaes pelos ingleses.

Ahi está, nessas mesmas palavras, a resposta a doutrina daquelles que exalçam a utilidade dos favores a Inglaterra.

Portugal, representado pelo seu regimen e pelos seus homens, tem-na mais que cortejado: tem rastejado ante ella, com sacrificio d'interesses e de brio.

A resposta é essa que vêem: a Inglaterra ainda nos affronta, e nos affronta e nos cospe.

Mas que haviamos nós de esperar da nação por excellência egoista, que nos tem sempre humilhado e expoliado?

Mas que se podia querer de melhor da nação que ainda agora veiu revoltar o mundo, attentando contra a independência do Povo boêr?

O que se está passando e o que se ha de passar ainda é um facto as natural, lógico, previsto por todas razões claras.

E tam fatal e tam lógico que nós não temos já, nestas alturas, de que nos queixar da Inglaterra.

Não, não é na Inglaterra que se devem concentrar os nossos odios.

É naquelles que nos têm humilhado perante ella, pondo em farrapos o nosso brio.

É naquelles que nos têm entregado ao reconhecido e confesso al goz.

É no inimigo interno, naquelle que, por um sórdido interesse, sacrifica todo o nosso futuro e toda a nossa honra.

Continuam muito divertidos os progressistas.

Segundo um jornal de hoje, despediu-se do seu partido o sr. dr. Fernando Mattoso dos Santos.

E do mesmo modo procedeu o sr. dr. Ornellas de Mattos, que era candidato por S. Thomé, mas à última hora foi substituido pelo Adolpho Loureiro, candidato *manqué* ahí pelo vosso circulo.

Sam mais dois factos a juntar aos últimos no género, entre os

quaes avultam as dissidências do Porto.

E' um partido a esfarrapar-se, a esfrangalhar-se.

Todavia é vêr como esse mesmo partido avoluma quaesquer dissidências pessoas que se dam entre nós, republicanos!

Ha bem pouco tempo ainda, por causa duma questão pessoal entre dois dos nossos homens, nenhum dos quaes deixou de ser republicano, fartou-se o *Correio da Noite* de bater palmas, apregoando o esphacelamento do nosso partido.

Que dizer então dum partido, onde diariamente se estão fazendo deserções em fôrma?

Que dizer dum cadáver que se chama partido progressista, d'onde foge toda a alma limpa e todo o cérebro regularmente organizado?

Descobre hoje um jornal que cada familia paga em Lisboa, por imposto de consumo, uma média de 31.500 réis.

Eu quisera poder berrar isto mesmo aos ouvidos de cada um dos interessados, sobretudo áquelles que passam fome, não têm assignatura em S. Carlos e mal podem, de tempos a tempos, comprar vacca para o jantar.

E ao mesmo passo quisera lêr-lhes os telegrammas que os jornaes publicaram sobre as caçadas de Monforte, dizer-lhes quantas gallinholas o rei e o filho mataram hontem em Villa Viçosa, para onde hoje parte a rainha-mãe, e mostrar-lhes emfim que ha gente que gosa muito—à sombra do imposto de consumo e dos outros.

Se se pudesse explicar isto com todos os pormenores, com os de vidos detalhes, ainda ficaria cada familia a pagar os 31.500 réis?!

F. B.

Carta da Figueira

De — *Um figueirense* — recebe mos a carta que noutro lugar publicamos. O correspondente, como cavalleiro andante de donzellas sem defêsa, apresenta se a pelear por sua dona, o sr. dr. José Jardim. Por nossa parte só lhe affirmamos que lh'a não queremos nem melhor nem pior do que ella é; não lh'a augmentamos nem diminuímos. Como ella é lh'a entregamos...

Continuamos sem governador civil. A' frente do districto está o personagem que o *Tribuna Popular*, chama o substituto legal do governador civil.

Tudo à espera da noticia, e o governador civil sem chegar. Tal qual a syndicância do sr. bispo-conde...

Coimbra sem governador civil. Peior que Castello Viegas.

Os socialistas de Milão

Os socialistas alcançaram uma brilhante victória nos eleições municipaes de Milão, obtendo 17:500 votos contra 8:000 dados aos moderados e 6:000 aos clericaes.

Soffreram avaria as linhas telegraphicas, devido ao temporal que tem estado nestes últimos dias.

Em honra do sr. dr. Luis Pereira da Costa, pela sua victória alcançada na eleição de deputado, dá hoje um banquete o sr. Ayres de Campos.

A vitalidade republicana

Por toda a parte a opinião republicana energicamente se pronuncia, affirmando a sua assombrosa vitalidade em face dum regimen condemnado, que na hora da agonia dissipa desvairadamente as últimas victualhas do erário.

Vinha-se affirmando nos arraiaes monarchicos que desde os ominosos tempos da ridicula dictadura franquista, o partido republicano resvalára bem fundo na voragem do descrédito; pregoava-se abertamente a singular doutrina attribuida a Oliveira Martins de que as prerogativas da realêza eram sagradas e por isso deveriam sempre prevalecer sobre os direitos nacionaes, e foi essa doutrina—momentaneamente praticada por um estadista perigoso pelo desequilibrio das suas faculdades intellectuaes—que paralysoou o movimento d'avanco da democracia portugêsa só porque alguns homens se confessaram vencidos ante a ridicula arremetida da guarda municipal quando o commercio de Lisboa protestava altivamente contra a lei da contribuição industrial!...

Até o próprio partido progressista, que, para se apresentarem os seus membros mais graduados ante as assembleias populares em grande parte formadas pelos seus antigos eleitores, foi preciso a intervenção dos nossos dois eminentes representantes em côrtes—sr. dr. Eduardo d'Abreu e Gomes da Silva, por occasião da farça representada em todo o país pela defuncta *liga liberal* contra o despotismo do governo d'então... até ousa proclamar bem alto o esphacelamento do partido republicano, desde a sua ascensão ao poder em fe^o vereiro de 1897; ascensão que deve ao nosso partido pelo receio que a colligação sempre infundiu no paço.

Mas, exactamente no próprio momento em que tudo parecia favorecer excepcionalmente a monarchia, eis que tudo se desmorona em volta della com uma rapidez que os aulicos do paço e os partidos da rotação constitucional andam atarantados e estúpidos sem saberem explicar coisa alguma.

O 8.º congresso do partido republicano e a eleição do novo Directorio em Coimbra veiu poderosamente affirmar a união e a força do partido republicano, formidavelmente colligado com o partido socialista e com todas as facções democraticas, popularistas e independentes do país, identificando na sua crença e no seu prestigio as mais sagradas aspirações da Nação.

Oito dias depois a significativa victória eleitoral alcançada no Porto, veiu revelar a todo o país que a manifestação de vitalidade e de força partidária realizada em Coimbra, não era um indicio vago e incerto, mas sim um movimento consciente da opinião nacional, desde longa data premeditado e preparado contra os perigosos desvarios da monarchia.

Foi este pronunciamento eleitoral e a eleição do sr. Fuschini por S. Thiago de Cácem, cuja candidatura foi patrocinada pelo prestigioso chefe do partido republicano em Grândola—sr. dr. José Jacintho Nunes—que rematou o desnorteamento do paço, do governo e dos dois partidos monarchicos, que apesar de tudo e contra tudo, vêem nestes successos com uma penetração inspirada pelo instincto de conservação—o temido prelúdio da derrocada do seu regimen.

E a repercussão do movimento do Porto vai-se já fazendo energicamente sentir em diversos pontos do país, e percorrendo a imprensa periódica da capital, depara-se nos *Vanguarda*, as seguintes correspondências da Vidigueira e de Lagos, para allí enviadas:

Vidigueira, 4. — Causou aqui enorme e indescritível entusiasmo a brilhantíssima vitória alcançada no Porto e todos esperam as importantes consequências deste successo.

A eleição do sr. Fuschini por S. Thiago de Cácem também causou nesta villa excelente effeito, tanto mais quanto o distincto estadista está de ha muito abertamente incompatível com todas as *coleries* monarchicas.

O nosso prestigioso chefe—sr. dr. Jacintho Nunes não iria certamente arriscar infructuosamente o seu prestigio de republicano convicto, se não visse na attitude tam dignamente sustentada pelo sr. conselheiro Augusto Fuschini um facto bastante significativo acerca do futuro e recto procedimento de s. ex.^a.

O partido republicano deste concelho disciplina as suas forças na expectativa de novas e mais valiosas adhesões e o mesmo succede em outras terras do districto, onde o descontentamento contra a monarchia é cada vez mais.

A de Lagos não é menos suggestiva e significativa:

Lagos, 10, 12, 1. — Realizou-se uma grande reunião republicana, presidida por João Marreiros Netto. O fim desta reunião foi a affirmação da grande vitalidade do partido. O presidente levantou vivas, que foram entusiasticamente correspondidos, em especial aos deputados do Porto. Foi deliberado telegraphar aos deputados do Porto, felicitando-os. A reunião terminou ás 10 horas da noite. Todo o partido acompanhou o presidente a sua casa.

Outro facto não menos significativo do ruído despertar da opinião republicana, foi o enorme entusiasmo com que foi acolhida a excellente publicação quinzenal do nosso prezadissimo collega e confrade, sr. França Borges—*O Combate*; éxito muito parecido com o que obtêve em França a celebrissima *Lanterne*, de Henri Rochefort.

Ao novo Directório compete, pois, aproveitar estes significativos symptomas do espirito republicano do país, disciplinando e orientando as forças democraticas num commum exforço de regeneração e prosperidade da Pátria.

FAZENDA JUNIOR.

Missa do Gallo

Este anno será celebrada com a costumada pompa a missa do Gallo na Se Cathedral, precedida de matinas, que devem principiar ás 9 horas da noite.

A música das Matinas este anno é original do sr. Francisco Lima de Macedo, e acha-se composta para órgão a grande instrumental.

No museu d'antiquidades do Instituto está sendo collocada a columnata romana que foi encontrada nas escavações feitas para a reedificação do Paço episcopal.

Fica decorando o corredor que liga a sala das antiquidades romanas, a sala da esculptura da renascença.

Consta que vai fazer-se convite aos officiaes do exercito, para cumprimento da lei 7 de setembro ultimo, que manda estar sempre nomeada, de prevenção, uma bateria de artilharia um esquadrão de ca-

vallaria e duas companhias de infantaria, a fim de seguirem a primeira voz para o ultramar.

Quando essa oportunidade chegar, serão os officiaes escolhidos de entre os que voluntariamente se offercerem, ou nomeados os mais modernos de cada posto que, em infantaria, ham de, com as praças de pret, também mais modernas, constituir as suas referidas companhias, e procedendo se similhantemente em artilharia e cavallaria.

Cooperativa

A cooperativa dos empregados públicos abre no 1.º de janeiro do próximo anno.

Escusado é mostrar as vantagens duma associação desta natureza, que, procurando fornecer os géneros por preços mínimos, attende, em primeiro, a sua qualidade.

O pão, um dos géneros de primeira necessidade, é fornecido aos associados no seu domicilio ou na sede da cooperativa, por contracto celebrado com um industrial, enquanto a associação não tem meios para o fornecer por conta própria. E' o que vimos numa circular dirigida aos sócios em que se pede a indicação do consumo diário, provavel.

Os restantes géneros têm merecido eguaes cuidados da prestimosa direcção a quem desejamos que veja os seus trabalhos coroados do melhor éxito.

O sr. Angelo Rodrigues da Fonseca que ainda ha pouco publicou de colaboração com o sr. Charles Leppierre um trabalho sobre um bacillo novo, ainda não descripto, encetou o estudo do coefficiente bacteriológico das enfermarias do hospital.

O rico americano Mr. Pollock offerceu o prémio de 100:000 fr. ao auctor do melhor apparelho que appareça na Exposição de Paris de 1900 e destinado ao salvamento dos navios e respectivos passageiros no alto mar.

O dito prémio será concedido ao inventor mais distincto da classe 33.^a.

Récita do 5.º anno

Perante o curso do 5.º anno theológico-jurídico, foi lida hontem, a peça de despedida—*Dois Séculos*—original dos srs. Alberto Pinheiro Torres e António Carlos Borges.

O sr. Afonso Lopes Vieira, reputado auctor do *Auto da Sebenta*, incumbiu-se espontaneamente de escrever a poesia para a Ballada de despedida, ornada de música pelo quintanista de theologia, sr. Macário Ferreira.

Da parte musical foi incumbido o maestro Cyriaco Cardoso.

O scenário novo que seja necessário pintar-se, foi confiado ao sr. Eduardo Bello Ferraz.

Os ensaios da peça, que começaram depois de ferias do Natal, serão dirigidos pelo actor-ensaiador lisbonense Dupont de Sousa.

Realiza-se hoje a eleição dos corpos gerentes que têm de funcionar em 1900, da Associação Comnibricense do Sexo Feminino.

Esta eleição realiza-se ás 3 horas da tarde na sala da Associação dos Artistas.

Os srs. drs. Arthur Ubaldo Correia Leitão e Francisco Borges Mendes Cruz, nomeados ultimamente, o primeiro para secretario e o segundo para thesoureiro da Penitenciária desta cidade, foram na quinta feira última ao governo civil prestar juramento.

Para ser entregue a quem provar pertencer lhe, está no commissariado de policia uma porção de panno preto; novo, achado pelo sr. Ricardo Pereira da Silva, considerado negociante desta praça.

Cartas da provincia

Figueira, 13 de dezembro.

Sr. redactor. — Um amigo mostra-me — porque nunca leio jornaes republicanos — um artigo intitulado *O Regosijo eleitoral*, publicado no numero (500) de 7 deste mês da *Resistencia*, em que é tratado de modo menos respeitoso um meu patricio illustre.

Estou convencido de que esse artigo é da penna de algum collaborador desse jornal, que abusou de v. ex.^a porque, certamente, se soubesse que elle quando diz o *José Jardim*, assim como quem diria o França Rollié, se refere ao ex.^{mo} sr. dr. José Jardim, digno presidente da Associação Commercial desta cidade, não consentiria que tal artigo viesse á luz.

Chamar assim: — o *José Jardim*, em ar de mofa a um cavalheiro que é médico, presidente da Associação Commercial, chefe de um partido politico, que já foi deputado numas câmaras a que um gracedor de mau gosto chamou o *Sollar dos Barrigas*, e a quem a Figueira deve não poucos serviços, é impróprio e não é decoroso.

O sr. dr. José Jardim foi quem fundou a actual escola industrial, bem melhor do que a anterior e onde já se leccionam varias disciplinas industriaes; quem para aqui trouxe a draga, que tem desobstruido o nosso porto, que tam mal tratado foi sempre pelo sr. Adolpho Loureiro; quem instituiu o asylo *Obra da Figueira*, onde em breve vam entrar centenas de creanças; quem contribuiu poderosamente para a criação do museu; e é de um tal homem que se faz troça?

O sr. dr. José Jardim resolveu ir a Coimbra com a philarmónica 10 d'agosto, felicitar os seus coreligionários dessa cidade por terem vencido a eleição, apenas com a ideia de lhes ser agradavel e não para provocar ou irritar sequer os progressistas vencidos. S. ex.^a é incapaz disso e a philarmónica 10 d'Agosto não o acompanharia, se assim não fôsse.

Eu bem sei o que fez fallar o seu collaborador. Se ahí houvesse um homem da estatura do nosso illustre conterrâneo, a quem essa bella cidade devesse tantos serviços como nós devemos a este cavalheiro, já talvez elle não fallasse...

O seu collaborador é, provavelmente, dos taes que diz que nós temos inveja da Sé e da Universidade...

Mas o sr. dr. José Jardim, que hoje está debaixo, ha de um dia estar de cima, ha de um dia ter o seu governo no poder e, então, talvez já o seu collaborador assim não falle delle, porque talvez o tenha á testa deste districto, porque, é preciso que ahí se saiba, que aqui corre como certo, e a pessoas bem informadas o temos ouvido dizer, que o sr. dr. José Jardim será o governador civil do districto logo que o sr. João Franco suba ao poder.

Quando isto acontecer, não terá s. ex.^a os dissabores que agora lhe fazem passar. Não o tratará como o tratou no dia em que foi a Coimbra, o chefe da estação desta cidade, que lhe recusou fazer atrazar a partida do *tramway* de uns cinco ou dez minutos apenas para esperar pela philarmónica 10 d'Agosto! Foi porisso que s. ex.^a e a philarmónica perderam o comboio.

O chefe da estação poderia ter sido mais attencioso!

Da bondade de v. ex.^a e da consideração que tributa, porque deve ser tributada, a pessoas de importância, espero que, no próximo numero dê satisfação ao nosso patricio e — vá lá, sem pretender censurá-lo — aos leitores que tem nesta terra.

Um figueirense.

Chega a ser indecoroso e impróprio duma cidade que se préza de ser azeida, o estado, positivamente censuravel, em que se encontram, todos, ou quasi todos os ur-

noes escassamente situados em varios pontos da cidade, porque para estes sumidoiros parece que a câmara votou a sua peculiar indifferença, não procurando, pelo respectivo pelouro de limpêsa, vigiar ou fiscalizar varios focos nocivos á salubridade pública, entre os quaes se destacam, por mais condemnaveis os ourinoes situados na a entrada da rua da Saboaria e nos próprios pacos municipaes interna e externamente, bem como os que estão situados na Couraça de Lisboa.

Por enquanto limitamo-nos a estas referências deixando outras de remissa para melhor occasião.

Tuna académica

Dizem jornaes que a tuna académica irá a Lisboa dar um sarau no dia 23 no theatro D. Amélia. Parece, porém, que á última hora, surgem divergências profundas no seio desta aggregração acerca de tal projecto que, por isso, é provavel que não se realize.

O consul espanhol em Manilla telegraphou ao governo de Madrid a participar que o governo de Washington auctorizou o general Otis a custear a despêsa do regresso á Peninsula dos 1:200 prisioneiros que foram libertados. Recolhem ao seu país a bordo do vapor *Leão XIII* que os conduzirá a Barcelona.

A Companhia Real vai introduzir algumas modificações nos horários, em janeiro, com o fim de acelerar a marcha de alguns dos seus comboios.

O comboio n.º 8 — correio do Porto a Lisboa — chegará á capital ás 4 horas da madrugada, em vez de chegar, como até aqui, ás 4 e 35.

Os comboios rápidos que se effectuam ás terças, quintas feiras e domingos do Porto a Lisboa ganharão em trânsito, o primeiro, 35 minutos, e os dois últimos 20 minutos.

Os comboios rápidos de Lisboa a Porto também passam a ganhar em trânsito uns 10 minutos.

Estas modificações, que terão começo em janeiro, sam o inicio d'outras que se introduzirão no andamento dos comboios.

Póde dizer-se que num futuro muito próximo, graças ás poderosas máchinas systema *Comoud*, os comboios rápidos, chamados expressos *Galliza*, percorrerão o trajecto de Lisboa ao Porto em 6 horas.

O supremo Tribunal de Nova-York confirmou o apresamento dos vapores espanhoes *Pedro* e *Guidos* feito durante a guerra hispano-americana. O do navio *Buena ventura* foi condemnado como não subsistente pelo que os respectivos armadores foram devidamente indemnizados.

Acha se impresso, devendo ser brevemente posto á venda o livro de versos de João de Barros, o moço poeta que tantas vezes tem trazido a este jornal o encanto dos seus versos frescos e novos.

O novo volume de versos chama-se *Algas* e é tudo cheio da saudade do mar e do amor.

Tem melhorado ultimamente o estado sanitario da cidade. Sam raros os casos de variola, e mais o sam os de dyphteria.

Dá se até a circunstância de ter decrescido a mortalidade no hospital, o que teria dificultado o estudo da anatomia e os trabalhos de direcção, se não fossem as precauções tomadas para a conservação de cadaveres.

Ha muitos annos que não é tam pequeno o movimento de cadáveres no theatro anatómico.

Falleceu em Ariège o pae de Mr. Delcassé, ministro dos negócios extranjeiros da França.

Entre a Inglaterra e o Transwaal

Londres, 15. — As baixas inglesas no combate de Magerfontun foram de 817 homens.

No de Stromberg as perdas foram de 832 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros, três peças de artilharia e dois carros carregados de munições.

O coronel Metge viu-se atacado á arma branca pelos boërs, que que espalhavam o terror, pela sua bravura.

O general Gatacre retirou para Gypergalt, a 11 kilometros de Molteno.

Não se confirma a rendição de Ladysmith, cujo bombardeamento continua.

O general French participa de Nawaport que 1:800 boërs avancavam sobre aquella cidade.

Dizem do Natal que os boërs fizeram voar a ponte da linha fêrrea de Colenso.

Londres, 15. — Muitos soldados irlandezes desertaram do exercito inglês, passando se com armas para as fileiras inimigas.

Os boërs realizam os seus movimentos estrategicos com o maior silencio. Todos os dias, porém, quando se deitam e se levantam, entõem um hymno guerreiro, de grandioso e imponente effeito.

Paris, 15. — Informam de Captown que o movimento afrikander a favor dos boërs é cada vez mais intenso e que ha pouca confiança nas tropas colonias britannicas, constando que sam ellas que participam ao inimigo os movimentos das columnas inglesas.

Londres, 15. — Vieram noticias complementares sobre o combate de Stormberg, enviadas pelo próprio general Gatacre. Confessa que o numero de feridos é muito maior que o indicado na primeira lista; que perderam 3 canhões; que o fogo da artilharia boër era muito certo e alcançava a 5:000 metros e que retirara para Bushman's Hock e Cypergat, 6 kilometros ao sul de Molteno, enviando parte das forças para Sterkstroom, 10 kilometros mais para o sul.

Londres, 15. — Corre com insistência a noticia de que o general Gatacre vai ser substituido no commando da divisão que opera ao norte e nordeste da colonia do Cabo, e isto por causa da derrota que experimentara em Stormberg e que foi devida a graves erros tácticos.

Londres, 15. — Foi o general boër Grobler, o que commandou as tropas orangistas na batalha de Stormberg. O presidente Krüger enviou lhe um telegramma a felicitá-lo pela vitória alcançada.

LONDRES, 13 (atrazado). — Acabam de chegar noticias atterradoras da Africa do Sul.

O general Methuen, sendo atacado os boërs, procurando apoderar-se das trincheiras inimigas em Magerfontein, foi repellido com extraordinárias perdas.

Os boërs soffreram o canhoneio dos ingleses sem arredar pé, e sem responderem com o fogo dos canhões.

O general Methuen mandou então avançar a sua infantaria, a fim de lhes tomar as posições.

Os boërs deixaram avançar os soldados ingleses, experimentando, sem trepidar, o tiro do inimigo, e quando elles estavam muito perto das suas trincheiras romperam sobre elles um fogo terrivel.

Os ingleses caíram ás dezenas, e não tiveram remedio senão bater precipitadamente em retirada.

As perdas britannicas foram enormes.

A impressão destas noticias em Londres tem sido indescritível.

La vna grande indignação contra os generaes que dirigem as operações.

Em três dias os ingleses têm sofrido três derrotas.

LONDRES, 16. — O total das perdas em Magerfentein é de 517 homens dos quaes 48 officiaes.

LONDRES, 16. — Um despacho official do general sir Redvers Buller diz ter perdido 10 canhões.

Londres, 16. — O ministro da guerra acaba de communicar um despacho do general Redvers Buller, com data de Chiovel 15 do corrente, annunciando que tinha partido com as suas tropas ás 4 horas da madrugada para forçar dois vaus do rio Tegela; o general Hart devia atacar o da esquerda e o general Hildyard o da direita, devendo o general Litelton, no centro, apoiar os outros dois; mas vendo que o general Hart era impotente para forçar o seu vaú, ordenou-lhe a retirada; um dos seus dois batalhões soffreu muito; ordenou ao general Hildyard que avançasse para a estação de Colenso e soube então que toda a artilheria destinada appela-lo tendo avançado até muito perto do rio, foi atacada com grande violência e ficou com todos os seus cavallos mortos; os artilheiros tiveram que abrigar-se num «thalveg»; fizeram-se esforços para salvar a artilheria, mas só se conseguiram salvar duas peças; como a passagem se tornava impossivel, por falta de artilheria que a appoiasse, mandei tocar a retirada, que se effectuou em boa ordem; abandonamos 10 canhões, e tivemos um outro desmontado por uma granada inimiga; reconcentramo-nos sobre Chiovel, receio que as perdas sejam consideraveis para a brigada do general Hart e para as baterias 14.^a e 66.^a.

Aquestão da Ribeira-Peixe na ilha de S. Thomé

(2.^a série)

VII

(CONCLUSÃO)

«A denuncia da usurpação das terras do Estado denominadas Ribeira-Peixe não está nem ficará deserta; «O... que as traz sonegadas não gozou ainda nem gozará nunca do seu rendimento; «Só pela farronca de as chamar suas, tem gasto e ha de gastar muito d'algo que de igual origem lhe advieio; «Comem-lhe sempre outros os figos e a elle arrebeta-lhe a bôcca.

(Resistencia, n.º 500.)

R₁₆₋₇₋₉₈⁶¹¹

— III.^{mo} e ex.^{mo} sr. Inspector de Fazenda da Provincia de S. Thomé e Príncipe; Diz Ligório Nicolau Cabral, mé-

dico-cirurgião, domiciliado e residente nesta ilha de S. Thomé, que:

Em requerimento exhibido em triplicado, datado de 14 de julho de 1894, elle abaixo assignado e o Visconde de Nova-Java denunciaram a v. ex.^a uma usurpação de vastos terrenos do Estado, situados na freguesia dos Angolares, do concelho desta mesma ilha de S. Thomé, nomeadamente das terras chamadas Ribeira Peixe, feita pela firma agricola Visconde de Valle Flôr & C.^a.

Os participantes descreviam e delimitavam esses terrenos e comprovavam a sua denuncia com cinco certidões juntas ao requerimento do qual lhes foi devolvido por v. ex.^a um dos três exemplares, com a nota de ter dado entrada na repartição de fazenda, no referida data de 14 de julho de 1894, sob o n.º 347, passada e assignada pelo então sub-chefe da mesma repartição, João M. Passos Vella.

Não foi tomado aos requerentes o competente termo afim de se seguirem os ulteriores; mas foi-lhes por v. ex.^a declarado em tempo que a sua participação fóra communicada e remetida ao governador da provincia e por este ao governo de sua Magestade, o qual pela reg. port. n.º 18—A de 19 de fevereiro de 1895, expedida ácerca do assumpto, pela secretaria d'estado dos negócios de marinha e ultramar, determinou que... (n.º 1 da portaria).

No empenho de, em harmonia com essa resolução, intentar em juizo, por iniciativa e a expensas próprias, as respectivas acções necessarias, os denunciantes requereram ao governo da provincia em 6 de junho e ao de sua Magestade em 3 de julho de 1895, que lhes fosse mandada tomar competentemente a denuncia feita perante v. ex.^a lavrado o termo della e passado o alvará preciso para, pelos meios indicados na cit. port. reg., serem reivindicados em favor do Estado os bens denunciados. E nesta última data de 3 de julho de 1895, renovaram perante v. ex.^a a mesma denuncia, feita um anno antes, dos mesmos bens conscientemente usurpados e gratuitamente usufruidos pela firma denunciada; — dando neste segundo requerimento como reproduzido todo este conteúdo do primeiro; e tendo-lhes v. ex.^a restituído e duplicado delle com o consto de o original ter dado entrada na repartição de fazenda naquella mesma dia 3 de julho de 1895, sob o n.º 966.

Não tendo, porém, v. ex.^a lavrado o termo da denuncia requerida, nem dado despacho algum nos dois requerimentos; não tendo

tambem nem o governo da provincia nem o de sua Magestade tomado quaesquer providencias ácerca das suas supplicas; e como passasse ainda mais um anno depois que a participação fóra feita, os denunciantes tornaram a renová-la e repeti-la perante v. ex.^a no dia 4—de julho de 1896, em requerimento assignado por ambos, no qual igualmente davam como reproduzido todo a contenda da primitiva participação e do qual igualmente lhes foi passado recibo com a data de entrada na repartição de fazenda.

Tambem a este requerimento de segunda renovação de denuncia não deu v. ex.^a despacho. Porisso os denunciantes, em 8 de maio do anno p. p. de 1897, dirigiram á sua Magestade uma nova supplica, narrando tudo quanto fica exposto e pedindo que, pela secretaria d'estado dos negócios de Marinha e Ultramar, mandasse tomar-lhes o competente termo de denuncia da usurpação e seguindo-se os mais de lei, passar-lhes o alvará requerido que os habilite a reivindicar para os terrenos de que se trata.

Esta última supplica tambem não teve despacho, com a fundamentação de que, da parte do governo central, estava o assumpto resolvido pela cit. port. reg. n.º 18—A de 19 de fevereiro de 1895.

Ex.^{mo} sr. — Em vista de que, singelamente e nos precisos termos da verdade, vem de relatar, o abaixo assignado, pela sua parte, considero-se constituido na obrigação moral e não desiste da pretensão, antes persiste no firme propósito de, pelos meios legais indicados, por iniciativa e a custa próprias, fazer reivindicar para o Estado e incorporar nos bens da fazenda pública, esses vastos e valiosos terrenos, conscientemente usurpados pela firma Valle Flôr & C.^a e, ora gratuitamente usufruidos pelo seu unico representante, o Conde de Valle Flôr.

Porisso, mais uma vez, renova perante v. ex.^a a sua participação de denuncia; e, por este requerimento, em que dá como reproduzidos e fazendo parte integrante delle todos os anteriores e os documentos a elles juntos, roga a v. ex.^a que se digne de lhe tomar o termo requerido, a fim de que, seguidos os demais tramites de lei, seja passado o competente alvará para os denunciantes poderem mandar e obter em juizo a reivindicación que pretendem.

P. a v. ex.^a deferimento.

E. R. M.^o

S. Thomé 14 de julho de 1898.

Ligório Nicolau Cabral.

— Despacho: — Tendo

sido submettido a resolução do governo de sua Magestade o requerimento dirigido a esta repartição de fazenda em 14 de julho de 1894 pelo requerente e pelo Visconde de Nova-Java, sobre a denuncia por elles apresentada naquella data e agora repetida — foi pelo mesmo governo tomada a deliberação que consta da Portaria n.º 18—A de 19 de fevereiro de 1895. Em vista desta resolução e não estando o prezente requerimento instruido com os documentos essenciaes que a lei exige para a comprovação do direito da fazenda pública aos terrenos denunciados, por estas razões não pôde legalmente ser aceita por esta inspecção de fazenda a denuncia de que trata este requerimento, não podendo por tanto ser tomado o respectivo termo como requer. Julho, 19 — 1898 — Fulano de Tal — Inspector de fazenda.

Suprimo o nome inconcusso de quem *subsigna* este despacho, porque... não posso escrevê-lo... De resto, pouco importa saber quem a vende para se apreciar essa belleza de hortaliça.

Extremamente correcto e desembaraçado em escrever e em fallar, teve o distincto funcionário, muito contra-vontade, talvez de gaguejar essa coisa muito arrastada e comprida... Se lhe deixassem livre o exercicio das facultades, te-la-ia resumido num simples: — in... de... feferido!...

Não devo regatear esta homenagem á sua honestidade e zelo, quasi pharisaico, pelos interesses da fazenda pública. Escreveu aquelle despacho, porque...

O meu requerimento é datado de 14 de julho de 1898 e foi no mesmo dia entregue por mim ao sr. Inspector de fazenda. Tinha um

duplicado que s. ex.^a devolveu-me sem recibo ou nota de entrada, como fizera aos seus três antepassados, quando eram assignados por mim e pelo Visconde de Nova-Java. No dia 15, já o Conde de Valle Flôr sabia da existência delle; uma carruagem puxada por duas mulas, vinda do Rio-do-Ouro ou da Bella-Vista á cidade, levava-os, Conde e requerimento, á villa da Trindade, onde então veraneava o governador da provincia; governador, Conde e requerimento davam entrada na repartição de fazenda — no dia 16; — e no dia 19 é que era *escripto* no requerimento aquelle despacho, lançado depois de muito estudo, meditação, consultas e conferências.

Por ora só tomo nota, no borrador, do gasto das rodas do trem e das preciosas vidas e saúde das mulas e do governador. A equipagem desconjuntou-se, as mulas morreram e o governador endoideceu!..

S. Thomé, 5 novembro de 1899.

LIGÓRIO NICOLAU CABRAL.

Novo dicionário DA LINGUA PORTUGUESA

COMPREHENDENDO ALÉM DO VOCABULÁRIO COMMUM AOS MAIS MODERNOS DICIONÁRIOS DA LINGUA Cerca 30:000 vocábulos por Cândido de Figueiredo LISBOA Livraria editora Tavares Cardoso & Irmão. 5—Largo de Camões—6

António Cândido d'Almeida Leitão

Do CRÉDITO e da CIRCULAÇÃO FIDUCIÁRIA

Livraria Central de José Diogo Pires, editor

Largo da Sé Velha, COIMBRA

1 Vol. in 8.º de 230 páginas... 700 réis

Aº venda nas livrarias.

76 Folhetim da «RESISTENCIA»

ERNEST DAUDET

DEPOIS DO PECCADO

LIVRO SEGUNDO

III

— Para lhe provar não tenho outro senão mostrar-lhe os documentos que demonstram a legitimidade e a pureza da minha fortuna. Tencionava mandá-los vir por causa do nosso próximo casamento, estão ainda em Paris em casa do meu procurador. Vou mandá-los pedir.

— Juro-lhe que não olharei para elles, disse Pierre; a quem a voz e a belleza de Magdalena davam confiança e que não tinha outra vontade que não fosse apagar a recordação dessas suspeitas.

— Tem além disso um meio mais rápido de se convencer da verdade das minhas palavras, acrescentou Magdalena levando até á temeridade a tentativa de justifica-

ção, é ir o senhor mesmo buscar as provas da honradez da minha vida.

Ao pronunciar estas palavras, comprehendeu o perigo, e, como Pierre olhava para ella, callado, commovido, dominado por o amor, enganou se com a significação do seu silencio, e julgou que ia accellar a sua extranha proposta. Gelou se-lhe o sangue, fechou os olhos e disse consigo que acabava de perder-se. Mas serenou-a um grito.

— Nunca, dizia Pierre, agarrando-lhe nas mãos, seria tam covarde em duvidar da sua palavra, como a senhora miseravel em querer traír me. Acredito, minha amiga, doce para mim crer em si, esqueçamos isto, não digá mais uma palavra, senão julgarei que incorri no seu desagrado.

— Porque não quer ver com os seus olhos? continuou Magdalena. Eu sei lá se um dia um inimigo da sua felicidade, da felicidade que vai fazer muitos invejosos, não tentará desprenhê-lo de mim calunniando-me!

— Desgraçado de quem tal fizer! respondeu Pierre; porque, desde hoje, quem a atacar, ataca-me a mim. Maurice Vivian fez bem em partir, eu fiz mal em o interrogar, e elle não devia ter-lho dito. Mas não lhe quero mal, porque a elle devo esta explicação definitiva. D'ora avante, não tenho mais dú-

vidas; é inteira a minha fé em ti, ó minha amiga! Amo-te e sou feliz.

O incidente, como se vê, desenlanchava-se com mais facilidade do que Magdalena esperava. Esta confiança simples e grande dava ao amor que tinha por Pierre, um novo atractivo. Mas quando elle a deixou feliz e tranquillo, Magdalena ficou triste. Foi colar a cara a arder aos vidros da janella e seguiu com o olhar o professor. Viu o sair de casa e dirigir-se para o presbyterio. Não tinha previsto aquella visita e ficou aterrada, convencida de que Pierre se dispunha a annunciar ao abade Rouvière o seu próximo casamento.

— Estou perdida, disse consigo. O cura sabe a verdade; deixa-la-ha cair dos lábios... Estou perdida!

Ficou muito tempo naquella logar, ansiosa, oprimida, o peito cheio de soluços, devorada pelo amor, amaldiçoando a sua vida passada, as alegrias ruidosas, as suas riquezas, tudo o que fazia della uma mulher perdida, e da felicidade que desejava, uma felicidade precária, sem futuro. De repente tornou a ver apparecer Pierre; sair do presbyterio, a sorrir, caminhando alegremente sob o céu azul, e dirigiu o olhar para a casa da princeza. Viu Magdalena por detraz dos vidros, e illuminou-se-lhe o rosto; cumprimentou-a de longe, e o com-

primento era alegre, eloquente, apaixonado.

— Não sabe nada, murmurou Magdalena, dando um suspiro.

E, sem forças, deixou-se cair sobre uma cadeira aniquilada, não sabendo se devia rir-se ou chorar.

No mesmo dia, a uma hora da tarde os pensionários ao asylo levantavam-se da mesa e espalhavam-se pelo jardim, onde brincavam debaixo das arvores. Todas as creanças se divertiam, vigiadas por duas religiosas a quem viera reunir-se Magdalena, depois do almoço. No meio daquella movimentação, sentia-se feliz e descansava das commoções da manhã, na contemplação da sua obra. Tinha realisado o seu sonho, a sua caridade dava fructos. Era, graças a ella que tinham sido arrancadas ao vicio tantas almas innocentes; experimentava uma voluptuosidade infinita em repara pelo bem feito aos outros as faltas da sua vida.

As vezes parava no meio dos grupos ruidosos, chamava uma das creanças, interrogava-a e beijava-a, como se quizesse encontrar nas caricias que fazia o esquecimento do passado. De repente no terraço appareceu o abade Rouvière. Tambem elle tinha interesse pela instituição fundada por Magdalena, e muitas vezes vinha vê-la ás horas do recreio encorajar com a sua presença as nobres aspirações da pobre

rapariga para o bem. Ao vê-lo, Magdalena dirigiu se para elle.

— Bons dias, Magdalena respondeu o padre, sorrindo melancolicamente, faz bem em chamar estas creanças meus filhos. Ama-os como se com elleito o fossem, e abenço-a pelo bem que lhes faz. Mas não foi por causa delles que vim hoje, foi por sua causa.

— Por minha causa, sr. cura!

— Preciso de lhe fallar.

— Subamos então para casa, continuou Magdalena, que pelo accento do abade adivinhou que tinha alguma cousa grave a dizer-lhe.

— Vamos antes para o cabo do jardim. Estamos lá melhor que em casa.

— Como quiser.

Dirigiram-se por entre os grupos grupos para a extremidade do jardim. Para além dos macissos altos em que brincavam as creanças havia um quadrado de tilias que formavam um retiro impenetravel. Ahí havia alguns assentos rusticos. Magdalena vinha muitas vezes meditar allí. O abade sentou-se em um dos assentos e indicou, com doçura, outro a Magdalena:

— Tenho coisas graves a dizer-lhe, Magdalena.

— Escuto-o, sr. cura, respondeu, inquieta já pela gravidade da palavra.

— Estive com Pierre esta manhã. (Continúa.)

REMÉDIOS DE AYER

O Remédio de Ayer contra sezões. Febres intermitentes e biliosas.

Peitoral de Cereja, de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tubérculos pulmonares.

Frasco, 1\$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas Cathárticas, de Ayer.—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



O Viger do Cabello DO DR. AYER,

impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e forma-sura.



Frasco, 1\$100 réis

Frasco, 1\$100 réis

Para a cura efficaz e prompta das Molestias provenientes da impureza do Sangue.

Tónico Oriental—(marca Cassel)—Exquisita preparação para aformosear o cabelo—Extirpa todas as affecções do cráneo, limpa e perfuma a cabeça.

Água Flórída (marca Cassels).—Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho.

Sabonetes de glicerina.—(marca Cassels).—Muito grandes, qualidade superior.

A venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermífugo de B. L. Fahnestock.—E' o melhor remédio contra lombrigas. O proprietário está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

Perfeito desinfectante e purificante de Jeyes para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nódoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.—Preço, 240 réis.

Depósito—James Cassels & C., rua Mousinho da Silveira, n.º 85, 1.º—Porto.

150:000\$000

E' o prémio maior da grande loteria do Natal de 1899

Extracção no dia 22 de dezembro

Bilhetes, décimos e vigéssimos.

Fracções desde 60 até 2\$400 réis.

Séries de 10 números seguidos de 600, 1\$200, 2\$400 e 6\$000 réis.

A. HENRIQUES

162, RUA FERREIRA BORGES, 164

COIMBRA

SALON DE LA MODE

92—Rua Ferreira Borges—92

A única casa que vende barato

em Coimbra

12 **Artigos** de primeira qualidade e últimas novidades para a presente estação.

Vestidos de bonitas lãs elegantemente feitos pelos últimos figurinos a 12\$000 réis.

Chapéus novidades para senhora a 4\$500 réis. Capas, pelerines, casacos, o que se pôde imaginar de mais elegante.

Camisas, collarinhos, punhos, gravatas e luvas

FABRICA DE CERAMICA

João da Silva Pinho

91—Rua Direita, 93—COIMBRA

3 **Diversos** materiaes de construcção, taes como: manilhas, telhões, balaustres, tijolos de todas as dimensões para fornos e chaminés, syphões e bacias para retretes, tanto em barro branco como em vermelho, e bem assim diferentes utensilios, como: vasos para jardins, tachos para cosinha, fogareiros, etc, tudo de boa construcção.

Esta fábrica está montada nas condições de poder satisfazer de prompto qualquer encomenda.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.ºs 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cómodos.

Tem bons quartos para alugar, accedendo hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junor.

15 **D**uas senhoras recebem creanças de qualquer idade, externas e internas, para tratar da sua educação e instrucção.

Para mais esclarecimentos, rua Ferreira Borges, 185, 3.º andar.

19 **Q**uem quizer tomar de arrendamento o grupo de casas da rua das Padeiras que tem estado arrendado ao sr. Manuel José de Sousa Guimarães, dirija-se ao solicitador Rocha Ferreira, Sophia, —Coimbra.

18 **S**enhora habilitada em sina a confeccionar todo o genero de flôres. Tambem ensina bordados a ouro, escama, froco sobre vidro, trabalhos em vidro fundido, ouro sobre vidro, fio de côco, etc.

Dam se informações em casa do sr. Miguel da Fonseca Barata na rua dos Sapateiros.

Officina de surrador

24 **J**osé da Cruz, encarrega-se de qualquer trabalho concernente a sua arte. Curte pelles de qualquer animal para tapetes. Preços módicos.

Ao fundo da rua Direita—Arnado—Coimbra.

ALVIÇARAS

23 **D**am-se a quem tiver encontrado um anel com um brilhante que se perdeu, desde a rua Ferreira Borges e Arco d'Almedina ao Largo da Portagem e que o entregue na mesma rua, n.º 141 143.

Officina de malas

DE Pedro da Silva

39, Rua de Quebra-Costas, 39 Coimbra

Nesta officina encontra-se um variado sortido de malas em diversos gostos e formatos. Satisfazem se quaesquer encomendas com promptidão, assim como se fazem concertos com a máxima perfeição. Preços resumidos, attendendo a que o proprietário desta officina se fornece directamente da fábrica.

ESTABELECIMENTO

DE

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE

JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego. —Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os maisapparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alviades, óleos, água-ráz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Rédes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e extranjera dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystóffe, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em taqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mēsa, lavatório e cozinha.

CURSO DE HABILITAÇÃO

PARA O

MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

Rua da Sophia, 57—COIMBRA

Continúa a funcionar este curso, dirigido pela professora complementar da cidade de Coimbra, Olívia Fontes d'Almeida, habilitada com o curso complementar pela Escola Normal do Porto.

Os resultados obtidos pelos alumnos que têm frequentado este curso, sam garantia bastante para os candidatos que desejem habilitar se para o magistério primário.

Para que possam certificar-se da veracidade do que afirmamos, publicamos os nomes e residência dos alumnos que obtiveram approvação, tanto na Escola Districtal de Aveiro, como na de Villa Real e Braga, único réclame que a Directora deste curso costuma fazer.

O corpo docente deste curso é constituído pelos seguintes professores:

Olívia Fontes d'Almeida.
Julião Maria Pães da Silva, legalmente habilitado.
Francisco Duarte d'Almeida.

Alumnos que frequentáram o curso e obtiveram approvação

D. Maria da Graça Cancellia Fontes, de Villa Real.
D. Luiza Carmelina Teixeira d'Azevedo, de Coimbra.
D. Maria do Carmo Ventura, de Coimbra.
D. Maria d'Assumpção Sant'Anna Ladeira, de Coimbra.
D. Maria Amália Pereira Monteiro, de Coimbra.
D. Albertina Veiga, da Figueira da Foz.
D. Maria d'Assumpção Figueiredo Gomes, de Coimbra.
D. Maria Guilhermina Xavier Pereira, de Miranda do Côrvo.
Accácio Alves Fontes, de Villa Real.

RECEBEM-SE ALUMNOS INTERNOS

Escritorio e officinas
RUA GARRETT, 48, 1.º, LISBOA

BICO AUER



Escritorio e officinas
RUA GARRETT, 48, 1.º, LISBOA

Marca registada

Premiado com a medalha d'ouro na Exposição Industrial do Porto de 1897

O **Bico Auer** é o único cujas mangas sam fabricadas em Portugal e portanto o **Unico Nacional**, o que foi reconhecido pelo digno jury da Exposição de productos nacionaes do Porto, concedendo unicamente a elle a **Medalha d'Ouro** que constituiu a mais alta recompensa.

Succursal em Coimbra, rua do Visconde da Luz, 101 a 103.

F. Fernandes Costa

E

ANTÓNIO THOMÉ

ADVOGADOS

Rua do Visconde da Luz, 60

Charrette

8 **Vende-se** uma. Trata-se com Francisco Nogueira Sácco.

Terreiro da Erva
Coimbra

RESISTENCIA

Redacção e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor, José Pereira da Motta

Officina typographica, Arco d'Almedina, 6

N.º 504

COIMBRA — Quinta feira, 21 de dezembro de 1899

5.º ANNO

AINDA VIVOS

Corre, com feitiço anecdótico, nas gazetas regeneradoras do país, uma phrase insulsa que, *segun se cuenta*, o grande homem do Alcaide, vulgo João Franco, rabiscou com aquella orthographia que todos lhe conhecem, e que deve ser, a admitir como verdadeira a lei das analogias, igual à sua pronúncia, um pouco... como diremos?... um pouco castelhana.

Essa phrase reles, com pretenções a espirotoza, que a tuba da fama tem levado a todos os pontos do país nas pandas azas das folhas da regeneração, referia-se à victória da lista democrática pelo Porto, victória incontestavel a que nenhum dos monárchicos de boa fé pôde fechar os olhos e dá-la como incidente sem importância. Alludindo aos republicanos e ao seu enorme triumpho, perguntava o estadista do Alcaide, imperientemente: «O quê? Esses diabos ainda vivem?»

Estamos vivos, é certo, e vivos como talvez nunca estivemos.

Contra nós, illustre talento do Fundão, foram impotentes as vossas cóleras, as vossas iras, as vossas miseráveis perseguições.

Durante o vosso baixo conculado, durante o vosso poder que qualificáveis de omnipotente, fecharam-se tyrannicamente os centros republicanos, perseguiu-se a imprensa, decretou-se uma lei de excepção para os crimes políticos, erigiu-se a policia em corpo especial de velleza sagrada prerogativas da monarchia, fez-se, finalmente, tudo quanto era humanamente possível fazer para aniquillar o partido republicano.

Nunca se tinha visto, depois das épicas façanhas dos caceiros de sua serenissima mastade, o sr. D. Miguel que seus guarde, taes atropellos e as arbitrariedades.

Na atmospheria pairava um nevoeiro a pólvora; a desconfiança motivada por uma revolta e espionagem andava no ar; presentia-se em redor de nós um laço de ferro que nos amarrava a bôcca e fazia calar, momentaneamente, a nossa consciencia.

Acreditou-se que o partido publicano morreria; afigurou-se muitos que com a ascensão do pygmeu alcaldense ao ministério a Democracia deixaria de existir.

E eis que agora, depois de julgarem mortos e bem mortos, o partido republicano, a fi-floz da Democracia, organice e elege, na máxima ordem, o congresso, apresenta na lissua, que se vence pela maiorios exforços dos monárchi-

cos ridiculamente colligados, que os clubs e mais collectividades puramente republicanas começam a dar signaes de vida, que a hydra ameaça levantar, pelo país fóra, num justo desforço, as suas demolidoras cem cabeças?

Ainda mexemos, sim senhor. Não morre um partido, como morre um homem, ainda que esse homem se chame João Franco, isto é, que seja o símbolo da audácia triumphante feliz!

Não desaparece uma causa justa, baseada no direito, assim, repentinamente, succumbida às mãos fataes dum epiléptico, que pretendia fazer do pavio frágil que lhe metteram inconscientemente nas mãos a formidavel maça hercúlea, com que nos havia de esmagar!

Sirva a lição a todos, aos que como João Franco, não podendo ser grandes pelo talento o pretendem ser pela tyrannia, e aos que, velhacamente, fabricam várias fórmulas do elixir republicanicida para apresentar triumphantes ás instituições agradecidas.

Os golpes dos adversários, por mais rudes e pesados, por mais desleaes e arcaicos, botam-se todos de encontro à aresta do Direito que defende a nossa causa. Sam elles como a bala inhabilmente dirigida, que bate de ricochete e volta, quantas vezes, ao ponto de partida.

D. Miguel era isso, era pior, do que isso, e succumbiu. Luis XVI não era tanto e morreu guilhotinado.

Podes continuar a usar da força. Estamos de pé e alerta para vos responder.

Ainda vivos, illustre dictador, ainda vivos para a glória e para o triumpho final, definitivo, e inadiavel da justa causa que defendemos!

GOMES DOS SANTOS.

Um cúmulo

Lemos num jornal que se va formar um partido liberal que terá por chefe o sr. João Franco.

João Franco chefe dum partido liberal...

Seria o mesmo que uma rameira, considerada prototypo na sua classe, assignalada pelos mais abjectos vícios, apresentar-se como directora duma casa de educação para creanças. Ou peor ainda.

Quando uma creança é malcreada, puxam-se-lhe as orelhas. E' o melhor meio de apurar verdades.

Foi o que fizemos ao *Comércio de Coimbra*, e elle, com a voz tremula, confessou que sim que fóra elle que disséra que a *Resistencia* se alugará aos progressistas.

Amanhã diria o contrario, se nós quiséssemos e valésse a pena.

Ninguém extranharia.

O resto sam ditos de creança malcreada, nomes feios que, em pequeno, elle chamava à mãe, quando ella lhe puxava as orelhas.

O caso da Misericórdia

Um papel da terra, com intúitos politicos miseráveis, atirou para público com uma accusação gravissima feita aos directores dos Collégios dos Orphãos, procurando envolver na responsabilidade dos factos denunciados o nosso amigo sr. dr. Alves Moreira, como provedor da Misericórdia, por não ter providenciado quando providências lhe fóram pedidas.

E o caso de, em Buarcos, no mês de setembro, os directores dos Collégios dos orphãos, de junco na mão e de ira sempre afiada, chicotarem infamemente os orphãos, em plena praia de banhos, no meio das exprobações mais acres do público, que esteve a ponto de fazer justiça por suas mãos!

O facto denunciado ao público, que seria infamissimo se fosse verdadeiro, não teve echo nenhum, ninguém teve conhecimento de taes barbaridades, que se passavam em plena praia de banhos...

Diz o malévolo, *double* de inconsciente, que o sr. dr. Alves Moreira recebeu queixas por escripto, e pergunta se o sr. dr. Moreira procedeu energicamente.

Ora é bom que se saiba que, segundo de boa fonte nos consta, o sr. Provedor da Misericórdia só recebeu uma carta, que lhe não denunciava, nem por sombras, taes barbaridades. Sómente lhe dizia que um orphão, vindo do banho, ca, não se referindo, nem de leve aos taes actos de crueldade, que haviam provocado a geral indignação.

Contudo o sr. dr. Moreira, no mesmo dia em que recebeu essa carta foi à Figueira averiguar do que havia, e nada apurou que fosse digno de censuras. O tal orphão havia sido castigado porque bem o merecera e a fórmula do castigo não passára, como em caso nenhum devia passar, os limites de paternal e necessária correção.

Em todo o caso, e em respeito, como lhe cumpre, pelo público e pelo que deve à benemérita instituição que dirige e ao seu próprio nome, o sr. dr. Moreira immediatamente pediu ao sr. governador civil uma syndicância a que já se está procedendo e de que foi encarregado o sr. dr. Agostinho Rodrigues d'Andrade, official do governo civil, e funcionário muito considerado pela sua competência e seriedade.

A méza da Misericórdia, apenas começou a syndicância, licenciou o pessoal superior dos Collégios durante o tempo em que a ella se proceder nos mesmos Collégios sem que isto signifique diminuição da confiança que estes funcionários lhe merecem, mas porque era esse o seu dever. Certa está a méza de que a accusação é infundada e injusta, e de que obedece a intenções tam desprezíveis como quem se lembrou, de animo leve, de fazer uma accusação tam gravemente offensiva dos interesses respeitabilissimos da instituição da Misericórdia; contudo é indispensavel que a demonstração da calumniosa falsidade seja bem pública e insuspeita.

O pessoal dirigente do Collégio das orphãos será licenciado tambem para o mesmo effeito.

Tudo leva a crer que o resultado da syndicância será honroso para a Misericórdia; nós, porém, aguardaremos que a syndicância esteja concluida para então apreciarmos como merecer o procedimento duns e doutros.

Motivo d'orgulho

Está averiguado que grande número de praças do *Adamastor* e o capitão Le'tão estão tomando parte na guerra da Africa do Sul, ao lado dos boërs contra os ingleses.

Como portuguezes orgulhem-nos do facto.

Quando os poderes constituídos de Portugal mostram systematicamente a sua sympathia pela Inglaterra, os filhos do povo vam espontaneamente bater-se pelo Transwaal, pela sua causa levantada, pelos opprimidos em lucta com os oppressores.

Muitissimo bem! Poderemos ao menos apresentar orgulhosamente o facto ao mundo.

Quando nos accusam duma parcialidade deshonorosa já podemos afirmar que ha provas de que o povo portuguez não é pela Inglaterra, mas pelo Transwaal.

Perante o mundo e perante a história, vingamo-nos assim sobremaneira da situação ultrajosa em que os governantes nos têm collocado.

Historiando a verdade, e se vê o *Comércio de Coimbra*:

a Santa Casa da Misericórdia não deve ser um covil de fêras.

As fêras da Santa Casa fóram recomendadas pelo sr. conselheiro Silva, fóram creadas no Seminário, o jardim dos lyrios regeneradores.

Resposta a um figueirense

Quando se recebeu na *Resistencia* a carta d'Um figueirense, publicada no último número, eu não estava.

Não pude por isso responder ao parceiro. Levanto agora a remissa.

Queixa-se o figueirense de havermos tratado com menos respeito o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Dr. José Jardim.

Lemos outra vez o artigo, e não vimos sombra de falta de respeito. Seria por dizermos — o José Jardim?

Não podia ser; o o estava auctorizado. E' tratamento de familiaridade.

Nós conhecemos o rapaz ha muito.

Mas, nem que o não conhecessemos, podia tal tratamento ser tido por menos respeitoso.

E' trivial, quando se falla de grandes homens.

A Homero, que foi poeta e cantor, como José Jardim é politico e músico, nunca ninguém chamou o Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Dr. Homero.

E não se diga que Homero não merecia tal titulo por ser um poeta bárbaro da Grécia.

Em tempo algum houve quem tratasse Camões por Ill.^{mo} e Ex.^{mo} Sr. Dr. Luis de Camões, e Camões andou nos estudos, nesta mesma Universidade que se orgulha de ter dado o leite de sciencia ao illustre filho da Figueira.

Disse o José Jardim, como poderia ter dito o João Franco,

Sem falta de respeito, como se fallasse dos nomes justamente celebres do seu partida.

Disse o José Jardim, como diria o José d'Azevedo.

E' vulgar a locução quando se falla de coisas raras e celebres.

Toda a gente diz o Moisés de Miguel Angelo, o Ugolino de Carpeaux.

E' modo habitual de designar as grandes creações, as fórmulas típicas da arte e do pensamento.

E José Jardim é um typo!...

O que seria? O que seria, então, que tanto devia offender o illustre figueirense que acompanhou a Coimbra philarmônica 10 d'agosto?

Errariamos-lhe nós o nome? Fomos consultar o annuario.

Era verdade!

O Sr. Dr. Jardim não se chama José Jardim; mas sim José Pereira Jardim.

Zé Jardim é tambem Zé Pereira! Era fatal...

T. C.

O caso do Campo Grande

Concluiu-se na terça-feira em Lisboa o julgamento dos republicanos, que ha tempo, à saída dum jantar offerecido pela policia de Lisboa.

O julgamento durou umas poucas de sessões, terminando com um brilhante discurso de defesa, do sr. dr. Alexandre Braga, a quem todos os jornaes da capital fazem os mais levantados elogios. Os reus fóram condemnados a 30 dias de prisão e nas custas e sellos, sentença de que appellaram.

Este resultado, se não admira a ninguém, por demais esperado, revela comtudo bem como neste país as arbitrariedades e prepotencias propositadas das auctoridades sam sancionadas e defendidas por aquelles que, por obrigação, deveriam fazer respeitar os direitos individuaes.

Afinal, todos sabem que, para os republicanos, não ha garantias de direitos...

No artigo que provocou a carta do sr. dr. Guilherme Moreira appareciam quatro artistas barbaramente despedidos do trabalho por serem regeneradores.

Agora apparecem apenas dois. Os outros dois escamoteou-os. E queixa-se de que o dinheiro está caro...

O chefe socialista Bebel e os boërs

Sam estas as palavras que Bebel, o chefe socialista allemão, pronunciou no parlamento, sobre a guerra anglo-transwaaliana:

«Sinto a maior sympathia pelos boërs e alegre-me quando oiço fallar das derrotas dos ingleses. Espero que não tardem a dar-se outros desastres eguaes, e que, desta guerra, resulte o estabelecimento duma republica independente, comprehendendo todo o sul da Africa.»

VIDAS SIMPLES

JOÃO MACHADO

—Como foi que lhe deu para vir para canteiro?

—O sr. doutor quer que lhe conte a minha história?

—Não! Não...

—Tem medo que o masse. Eu conto isto depressa.

—Eu queria...

—E' um instante. Já estou habituado. Tenho contado isto muita vez.

—Então conte lá.

—Foi assim. Eu andava a namorar minha mulher. Um dia meu pae disse-me: não sei para que andas com isso.

Por muito bem que me corram as coisas, nunca poderei dar-te mais de quatro tostões. Como queres tu com quatro tostões sustentar mulher e filhos?

Eu puz-me a pensar. Meu pae tinha razão. Como é que eu com quatro tostões, havia de me sustentar a mim, a mulher, e aos filhos, quando viessem?

Por esse tempo foi a inauguração da escola livre. Os rapazes não fallavam noutra coisa. Todas as noites, fogueiras, músicas... O *Contimbricense* vinha cheio só com a escola, com o que se dizia, e fazia. Eu andava doido. Não fazia senão correr para o *Arco d'Almeida*.

O sr. doutor lembra-se?

Ora! Logo vi, não está a ouvir nada do que eu digo...

Ah! está a ver o meu João?

E ficou-se a rir, e a olhar para o filho que, fóra, no passeio, via girar um pião que deitara o Luis, o aprendiz mais novo.

O João olhava sério, a testa franzida, para o pião que vinha a andar muito devagar a approximar-se da poça d'água que a chuva fizera. O Luis debruçara-se e, com os dedos abertos, tentava apagar o pião que fugiu, e foi cair a dormir numa volta larga, na água.

O João levantou o pé, e meteu-o em cheio na poça, ao lado do pião, fazendo esparrinhar a água, e ficou-se muito direito, a olhar para nós e a sorrir.

O pae pôs-se a rir.

—Este é forte! E mau?!...

—Uma fera?

—O sr. doutor ri-se? Ainda hontem...

—Então a sua história onde fica?

—Deixe-me contar a do pequeno.

—Não. Antes a sua que é mais curta.

—Mais curta?...

—Pudera! O Machado anda me todos os dias, desde que o pequeno nasceu, a contar prendas novas delle. Se agora começa, temos para um anno. Não. Antes a sua história.

—Então que quer? Gosto muito delle. E elle gosta tambem muito de mim. E' com quem se dá. O sr. doutor devia ter um filho.

—O homem...

—Devia! Se soubesse... Elles não deixam dormir a gente socegada de noite; anda-se sempre com medo que elles adoeçam.

Mas então?... Eu, se não tivesse tantos, não tinha tanto gosto no trabalho. Não andava à volta desta pedra ha tanto tempo...

E ficou-se, a cabeça voltada para a pedra, a ver se se lembrava onde lhe ficára interrompido o ornato.

Era uma pedra grande, em que começavam a rastejar as heras, num lavor gótico.

—Que grande calhau!

—Calhau! Maior é aquella.

E apontou para uma pedra enorme que alvejava ao cano da officina.

—Mas borita, bonita era a que veio para a figura do Bussaco. Contaram os carreiros que a ponte da Cidreira abanou toda, quando a pedra passou. Esteve ali que tempos. Até me custou a começar a cortá-la.

E ficou-se a acariciar a pedra.

João Machado tomou pela pedra rude a mesma adoração que os ourives tem pelo oiro fino de que se fazem os cálices, e as joias preciosas, que illuminam a carne das mulheres.

Bem sabe elle que a pedra, se a beija a arte, se põem a rir o mesmo riso que canta o oiro fino.

Aos primeiros golpes que se lhe dam, a pedra solta gritos ásperos de dor, como se chorasse o ferro.

Mas, pouco a pouco, vai-se amaciando o som, ainda triste, como o cantar das rólhas a distância.

E, quando a obra está quasi a acabar-se, a pedra sôa o riso mellico do oiro.

A pedra, se a beija a arte, ri como ri o oiro fino.

Mas a pedra é esquiua; é como a gente rude dos campos.

Quando o poeta encontra a Musa, os ouvidos cheios do cantar dos versos, a Musa pára, põe-se a ouvir aquelles versos novos, a sorrir e a caminhar ao lado delle, e depressa se ficam a amar a sombra dos loureiros.

Se a phantasia preenheu o poeta aos olhos duma mulher do campo, ella furta-se esquiua, e é necessário muito respeito, phrases murmuradas a distância, andar muito tempo para accender a chamma do amor.

E, no fim, a ingénua mulher do campo ri o mesmo riso d'amôr, que sabe rir a Musa, a amada, a inspiradora dos poetas.

O oiro fino com qualquer coisa se põe a rir e a brilhar; mas é necessário um grande amôr para animar a pedra do sorriso bom da arte.

E a pedra é dócil a este amôr. Se João Machado a abre num lavor, põe-se a rir ao sol; agarra-se ao chão num movimento de força a sustentar numa columna, ou voa, para o ar alegre num pinaculo rendilhado.

Se o cinzel a faz florir, a pedra cava-se, e o ornato enche-se de sombras negras, como as que faz vem, como os da água, "enfiar" de transparência aquellas flôres de pedra.

Esta adoração tem-se desde menino, quando se é artista, porque todo o artista o é desde menino.

E' se artista de muito amar a natureza.

Ainda ao collo da mãe, se a gente vê uma flôr balouçando se alto, tudo é gritar, e as mães, sempre a espiar o desejo no olhar dos filhos, levantam os braços para colher das arvores aquellas flôres tam lindas.

De rastos, as creanças vam plantar no chão a enfeitar a terra aquellas flôres que se balouçavam tam alto, longe della.

Mais tarde, quando se ama, a mulher amada veste-se do encanto da terra que amámos uma vez.

A carne d'ella é como a carne branca das camélias, e, se nos atrahem os seus olhos magoados, é que uma vez amámos já o olhar triste das violetas róxas.

Quando se achou o brilhante, o artista lembrou-se da alegria das flôres pela madrugada, e ficou contente por poder dar á carne da mulher a frescura das rosas orvalhadas.

E' assim na arte, como no amôr; que o amôr é feito da adoação da terra e da saudade da mãe que nos creou.

A natureza mesmo ensina o artista. A's vezes, no seio duma pedra, encontra-se gravada uma planta, escondido um animal antigo que a terra modelou antes de desaparecer.

A terra conserva-nos a saúde da vida que passou, a obra d'arte faz-nos sonhar o sonho já sonhado do artista.

A amar a natureza cria-se o artista, a contemplação da obra d'arte fá-lo revellar.

Na escola livre A. Augusto Gonçalves ensinou-lhe pela história a admirar o amôr da natureza que revellam as obras mais humildes em que sorri a arte.

Ha no cemitério uma capella pequenina numa rua affastada.

E' toda de pedra de Bordall

ruiva e quente, como a saúde do pôr do sol. A porta pezada, de ferragens fortes, é de cedro, como a porta dos thesouros dos contos bons que ouvimos em creança.

E' lá que descança a mãe de A. Augusto Gonçalves.

Escolheu o discípulo querido para decorar a arca do seu thesouro.

Foi João Machado que fez o dintel em que o Christo abençoa sereno, rodeado dos evangelistas.

Foi elle que fez os dois capiteis, deliciosos d'ingenuidade. Num vê-se o mau, devorado por o peccado.

No outro, a alma do justo afaga duas pombas brancas que vem numa caricia roçar a sua cabeça contra a della.

Em toda a obra se vê o sorriso da arte em tempos muito antigos, quando o artista mal sabia balbuciar.

Sorri-se a gente, e fica-se a pensar.

João Machado soube comprehender aquelle balbuciar ingénuo e traduzi-lo, como os paes nos dizem sempre o que balbuciam os filhos.

Mas só o amôr comprehende o que quer dizer a linguagem d'arte que fallaram os ingénuos artistas primitivos.

Naquelle sepultura anda à volta de uma imagem adorada o sorriso dum artista que encontrou para afagar a mãe uma caricia esquecida de creança.

Vou muitas vezes vêr a capellita perdida, e encontro-me a chorar, por não poder envolver o corpo de minha mãe numa caricia assim.

Mas eu não sei senão fallar. E não tenho amigos...

(Continúa) T. C.

O *Comércio de Coimbra* chorra-se

... 50 p. c. de usura em em dinheiros emprestados...

Esfolam-no? Que quer? Nem todos tem crédito.

Recordação de Coimbra

É uma elegante collecção de photographias que se encontra à venda na *Papelaria Central*, de que é proprietário o activo e intelligente commerciante sr. Francisco Borges. Dezoito photographias dos logares mais pittorescos da cidade e dos seus monumentos e edificios mais notaveis, constituem um excellent e formoso brinde, que servirá de *reuerdo* desta bella terra.

Em virtude do preceituado na carta de lei de 1 de agosto, que auctorisa o governo, mediante concurso público, a conceder a conclusão das obras do Bussaco e sua exploração conforme as condições abaixo mencionadas, no dia 20 de janeiro, pelas duas horas da tarde, proceder-se ha numa das salas da direcção geral de agricultura à abertura das propostas, nas quaes os concorrentes deveram declarar qual a renda annual que offerecem, que nunca poderá ser inferior a 1:500:000, base da licitação, e, bem assim, que se compromettem ao fiel cumprimento das referidas condições.

As propostas deveram ser feitas em carta fechada e seram entregues no dia 20 de janeiro de 1900, da uma hora ás duas da tarde, perante a commissão opportunamente nomeada.

Approvaram-se as folhas de salários, prémios e quotas pela liquidação e cobrança da contribuição de registo, neste districto, referentes ao pretérito mês de setembro.

Ao concurso para os logares de 2.^o aspirantes do quadro telegrapho-postal, cujas provas se realizaram no dia 12 de janeiro próximo, foram admittidos os aspirantes auxiliares da estação desta cidade, srs. Alberto da Silva Gavião, Angelo Lameiras Fernandes, José Maria Rocha da Fonseca, Miguel

Augusto Martins Adão, Rúben Dias da Conceição, Victor Maria dos Santos e Viriato da Costa Condeixa.

Num repto de muita erudição diz-nos o *Comércio de Coimbra*:

«Se continuar a esbravejar responder-lhe-hemos com a phrase que Cambrone dirigiu aos ingleses...»

Não esbravejaremos. Não deixe cair da bôcca a ameaça.

Fique sempre suspenso de seus lábios esse Cambrone de Democles. Seu pôrco!

Continua um frio rigorosissimo em Paris. O presidente do concelho, d'adordo com omunicipio, determinou que os commissarios de policia e os *maires* disiribuiam socarras entre os desvalidos para poderem lutar com tão aspero inverno.

Rothschild mandou 50:000 francos ao munidipio para serem distribuidos pelos indigentes.

Associação do Sexo Feminino

O resultado das eleições na Associação de socorros mutuos para o sexo feminino, foi o seguinte:

Assembleia geral

Maria Rodrigues Teixeira de Brito, presidente; Rosa da Conceição Vianna, vice-presidente; Maria da Conceição Lourenço, 1.^a secretária; Emilia Rosa Sanhudo, 2.^a idem; Candida Ferreira de Moura Paredes, 3.^a idem.

Direcção

Olympia dos Prazeres da Silva, presidente; Abailera Emilia Pedro, vice presidente; Maria do Carmo Silva, 1.^a secretária; Maria de Jesus Ramos, 2.^a idem; Maria José dos Santos, thesoureira; Maria Cândida Marques e Catharina de Jesus, vogaes.

Councilho fiscal

Virgínia Augusta Alves de Carvalho, Augusta de Jesus Fonseca e Ephigenia da Conceição Cardoso.

Supplentes

Silvina de Jesus Lopes e Augusta d'Oliveira Bizarro.

A faculdade de medicina, em sua congregação de 19 do corrente, tratou do desdobraimento da cadeira de Medicina legal e Hygiene pública e marcou o dia 20 do próximo mês de janeiro para o exame de licenciatura do sr. Albino Augusto Pacheco, que na última época lectiva concluiu, com brilho, o curso médico.

O sr. dr. Eugénio da Costa e Almeida, juiz da 2.^a instancia, será inspeccionado no governo civil no dia 23 do corrente, para o effeito de aposentação.

O destacamento de cavallaria 7, estacionado nesta cidade, vai recolher ao corpo.

A fim de obter feriado geral para sexta feira e sabbado, o curso do 5.^o anno juridico dirigiu-se ao sr. reitor da Universidade sollicitando essa pretensão, que s. ex.^a prometteu patrocinar.

A população dos grandes Estados

Calculada em números redondos, divide-se assim:

Império anglo-indiano, 406; império chinês, 400; império russo, 132 1,5; França e colonias, 97 1,5; Estados-Unidos da América e colonias, 85 1,5; Alemanha e colonias, 61 1,5; Japão, 45; Austria-Hungria 47 1,5; Hollanda e colonias, 43; Italia e colonias, 33; império Ottomanico 25 1,5; Bélgica e Estado do Congo, 23 1,5; Espanha e colonias, 18; Brasil, 17; Portugal e colonias, 13 1,5; e México, 11 1,5 milhões de habitantes.

O TRANSWAAL

XX

A última derrota dos ingleses em Grasspan, Modder-River e Tugela, consumiu os derradeiros reforços recentemente enviados pela metrópole.

O Reino-Unido está quasi sem guarnição nas suas numerosas cidades. Além de seis divisões do effectivo territorial da Grã-Bretanha, já foram tambem chamadas para uma mobilização geral as guarnições de Gibraltar e de Malta e a continuarem as coisas por esta senda verdadeiramente funesta, não tarda que por seu turno a suprema reserva do Império Britânico — a milicia, as forças navaes, convertidas em praças do exercito territorial e os voluntários — seja promptamente mobilizada para a continuação da criminosa e odiosa guerra d'África.

O orgulho ferido dos poderosos argentários londrinos — Chamberlain à frente — que assim vêemos seus dourados sonhos desfeitos pela sublime heroicidade dos exercitos das duas pequenas, mas invencíveis Republicas, começa a pedir ás colonias d'além Atlântico enormes sacrificios em dinheiro e homens para se alimentar a terrível e insondavel voragem de que têm fatalmente de surgir num breve trecho de tempo os *Estados Unidos da Africa do Sul*.

A primeira colónia americana em quem o sacrificio imposto pela criminosa teimosia da metrópole é o Canadá, onde o elemento franco-normando que alli predomina, é absolutamente incompativel com o dominio britânico.

Esta ordem metropolitana será certamente acolhida em todo o dominio canadense com o mesmo sarcástico sorriso que os próprios Estados da Austrália manifestariam se a Inglaterra de preferéncia para alli se dirigisse, e no estado de fermentação revolucionária em que o Canadá se encontra,

é uma louca provocação que nem ao menos attende ao perigoso facto da vizinhança e facil communicação com os Estados Unidos.

O estadistas do *Foreign-Office* não se arriscariam a semelhante appello se não vissem na aliança com os Estados-Unidos uma sólida e perduravel garantia do futuro mallogro de qualquer insurreicção canadense; mas o que elles ignoram, ou fingem ignorar, é que a célebre aliança anglo-americana, preconizada por Chamberlain — que tam imprudentemente a revelou no seu discurso de Leicester — conquanto se afigure um facto consummado durante o consulado de Mac-Kinley, não tem contudo a indispensavel estabilidade para nella se basearem os actuaes projectos da Inglaterra.

E tanto isto é verdade que o próprio Chamberlain, aspirando a uma aliança com a Alemanha, confessou publicamente em Leicester a sua duvida sobre a estabilidade da aliança com os Estados Unidos, e, conquanto a não formulasse em termos claros e de facil interpretação affirmativa, deixou ainda assim entrever uma hesitação que não abona muito as suas faculdades d'estadista no momento em que embrenha o seu país numa guerra d'exterminio, destinada a grandes surpresas.

A confirmar plenamente o estado de duvida em que o espirito de um dos homens mais funestos que se têm posto à testa dos destinos do seu país, já narrámos em anteriores artigos desta série a forma pouco prometteadora com que a imprensa norte-americana acolheu tam espantosas affirmações, o que sendo a rigorosa intérprete da opinião pública nos Estados-Unidos, representa ao mesmo tempo um significativo movimento de protesto contra a politica de Mac-Kinley na Europa e na Oceania, e a sua inexplicavel teimosia na aventureira expansibilidade do *imperialismo norte-americano*.

Este movimento de protesto, que surgiu primeiro muito timidamente

go aos primeiros rebates dos castros das armas americanas nas Filipinas, tomou enorme e rápido incremento depois que MacKinley se collocou abertamente ao lado da Inglaterra no seu conflicto com as Repúblicas d'Orange e do Transvaal, e o que mais preoccupa a opinião é a completa abjuração das tradições da politica norte-americana, indefinidamente e nebulosamente inaugurada pelo presidente.

E, de facto, causa profunda e indescriptivel surpresa que um país republicano — onde a doutrina insubstituível de Monroe tem sido constantemente seguida nas relações externas — renegue de animo tão leve as suas tradições para se aliar abertamente ao lado duma monarchia europeia contra duas Repúblicas africanas.

O movimento de protesto, que talvez já alveje a queda de MacKinley nas eleições presidenciaes de novembro de 1900, continúa ininterruptamente na sua faina patriótica e o seu progresso tem sido tão rápido e decisivo que da praça pública começa já a escalar as bancadas dos Representantes do Povo no Capitólio de Washington.

No próximo e immediato artigo occupar-me-hei da proposta apresentada pelo senador republicano Mason acerca do conflicto anglo-transvaaliano e da significativa decisão do Senado, enviando a proposta do seu digno e patriótico membro à *Commissão dos Negocios Externos*; facto que neste momento reveste excepcional importância. Eis o estado actual da opinião pública da América do Norte, que nos revela a animosidade contra a politica de MacKinley e o frágil alicerce da alliança offensiva e defensiva dos Estados Unidos contra a Inglaterra, e o que é para pasmar é o inexplicavel facto da cegueira, ou demência dos estadistas britânicos que escolheram este inopportuno momento para exigirem do Canadá enormes sacrificios para a terrivel coragem sul-africana, sem ao menos se preocuparem com a agitação que alli se vai manifestando e com o misero papel de inconvenientes agentes do partido democrático da poderosa República, que — quando for governado — certamente se aproveitará das actuaes circumstancias para promoverem a futura e fatal libertação da próxima República Canadiana.

FAZENDA JUNIOR.

Esteve nesta cidade o sr. Pina Callado, ex-governador civil do Porto.

77 Folhetim da «RESISTENCIA»

ERNEST DAUDET

DEPOIS DO PECCADO

LIVRO SEGUNDO

III

— Já sei. Foi a sua casa quando daqui saiu, e quando de lá partiu passou por debaixo das minhas janelas e cumprimentou-me.

— Deu-me parte do seu casamento consigo.

— Ah! Falou-lhe disso?

— Sou como pae delle. Não tem na vida accção que tenha praticado, sem ter solicitado os meus conselhos e a minha approvação. Esta era importante de mais para ma esconder.

— Que conselho lhe deu? perguntou Magdalena anciosa.

— Não lhe dei nenhum. Calei os meus sentimentos; fingi que approvava o que na realidade desaprovava. Queria demonstrar-lhe primeiro que o seu projecto é irrealisavel.

— Irrealisavel! O projecto de casar com Pierre! exclamou a pobre

Entre a Inglaterra e o Transvaal

Paris, 18—Um telegramma de Pretoria, via Lourenço Marques, diz que os boers, no ataque de Colenso, apprehenderam, alem de 12 canhões, muitas metralhadoras e carros de munições.

As tropas inglesas retiram para Frére.

Paris, 18—A retirada das forças de sir Redvers Buller, de Chievelez para Frére, foi devida ao facto dos boers, atravessando o Tugela em vários pontos, ameaçaram envolver as posições inglesas. Antes de se retirar, os ingleses canhoaram, sem resultado, varias trincheiras inimigas.

Paris, 18—São numerosos os detalhes que vão chegando sobre o combate do Tugela.

O coronel Long, que commandava a artilharia, só se apercebeu da presença dos boers quando, chegado junto daquelle rio, os soldados e as mares principiam a cahir alvejados pelas balas inimigas. As baterias avançaram sem que as apoiasse a infantaria e sem que a cavallaria tivesse reconhecido as posições do adversário.

O exercito britânico foi batido em todos os pontos e não só na esquerda, onde Hart não conseguiu forçar a passagem do vau o perdeu parte dos seus effectivos.

No centro, o general Littelton foi igualmente repellido e, na direita, Hildyard foi obrigado a retirar de Colenso.

Paris, 18—Julga-se impossivel que, sem chegarem os novos reforços, as tropas britannicas do Natal possam avançar de novo para o norte.

Se assim succeder, é certa a rendição de Ladysmith, attenta a escassez de viveres e munições que ha nesta praça. Consta que a guarnição está desmoralizada.

Londres, 19—Ao War Office chegaram hoje muitos telegrammas do Sul d'África e que foram franqueados ao publico. Começou por isso a correr o boato de que os boers, aproveitando-se do desalento em que cahiram as forças inglesas depois dos ultimos combates, tomaram a offensiva contra lord Methuen, inflingindo-lhe uma séria derrota, a mais sangrenta de todas as que se tem ferido na campanha actual. Ha uma vi-

mulher que começava a comprehender.

Contou-lhe o seu passado?

A esta pergunta baixou a cabeça. Não! Não é verdade? continuou o abbade; de tal sorte que Pierre julga esse passado sem mancha, não sabe nada da origem da sua fortuna, e pensa que a mulher que deve ter o seu nome, está ao abrigo de toda a suspeita.

—Mas onde quer chegar o sr. cura?

—A isto, minha filha; a dizer-lhe que não pode ser a mulher de Pierre sem o ter feito juiz da sua existência; deve-lhe essa narração, para que elle possa decidir em sua alma e sua consciencia, se pode acceptar as responsabilidades da sua vida desordenada e cobri-la com o nome delle.

—Isso é impossivel, murmurou Magdalena levantando-se pallida.

—Repito-lhe que isso é necessário. Manda-o o dever, ordena-o a honra.

Se eu fizer a Pierre a confissão que exige, repellar-me ha com horror, e a minha felicidade ficará perdida.

—Receio isso.

—Mas então, como pode o sr. cura aconselhar-me que destrua essa felicidade com as minhas próprias mãos?

—Mas, desgraçada, pensou alguma vez que Pierre podia descobrir um dia a verdade?

—Nunca! Como hade elle des-

cobri-la. Puz o tempo e o espaço entre mim e o mundo.

—Tem a certeza delle não encontrar nunca um dos que poderiam revelar-lhe tudo indiscretamente? Elle mesmo me disse que hontem encontrára aqui um parisiense um pintor seu amigo...

—Que partiu para não mais voltar.

—Podem vir outros, e quererem ficar! E se então de um delles Pierre soubesse que sua mulher...

—Oh! por piedade, sr. cura, não acabe.

—Faço-a apalpar os perigos para que corra. Não sam peiores do que poderia resultar de um acto de franqueza?

—E' muito tarde para me retractar. Menti de mais já para incorrer no desprezo de quem amo, se confessar a mentira.

—Em todo o caso, mais valeria isso do que continuar até ao fim no caminho em que entrou. Pense, Magdalena, reflita! Com que direito vai associar a sua vida manchada pelo peccado a vida pura dum homem honrado?

—Com o direito que me dá o amor. Porque pôs Deus este amor no meu coração e no de Pierre? Porque nos uniu com este laço mysterioso, se não para garantir a nossa felicidade. Amo, sr. cura, amo apaixonadamente, e sou amada. Compreende o que lhe quero dizer? Quero dizer que, se este

mor se partisse hoje, não ficaria

eu só martyrisada, ficá-lo-ia tambem o meu noivo que me deu a sua palavra e recebeu a minha. Por isso volte a cabeça, e deixe correr as coisas...

—Isso está acima do meu dever, Magdalena, não posso deixar correr as coisas, não, não posso consentir que Pierre case consigo, sem saber...

—Pois bem! Então diga-lhe! exclamou Magdalena exasperada, diga-lhe se se atreve...

—Serei obrigado a atrever-me, se Magdalena se recusar a fazê-lo, respondeu o abbade Rouviere com melancollia, não posso deixar correr para a desgraça o meu filho adoptivo; não posso nem como pai, nem como padre.

Ao ouvir esta ameaça pronunciada em voz firme, Magdalena, esmagada, deixou-se cair de joelhos deante do abbade que continuava sentado...

Como sam crueis as suas ameaças, e que mal me faz, murmurou. Pois é possivel, sr. cura, que seja o sr. quem pense em chamar sobre mim esta catástrophe?

—Para evitar outras mais graves.

—Mais tarde! Deixemos o futuro e pensemos só no presente. Se, um dia, Pierre descobrir essa horrivel verdade, não se sentirá mais infeliz, do que se sentiria hoje, se lhe fizesse essa revelação horrivel.

(Continúa).

PUBLICAÇÕES

O Occidente. — Recebemos e agradecemos o n.º 754 desta esplendida illustração portugueza.

Publica as seguintes gravuras do maior interesse e actualidade:

Dr. Paes de Carvalho, governador do Estado do Pará, um bello retrato a americana; João Ribeiro Christino da Silva, novo director de secção no Instituto Lauro Sodré do Pará; Palácio do Governo do mesmo estado brasileiro; a celebre actriz Réjane; Altar de S. Francisco Xavier em Goa.

A parte litteraria igualmente interessante e selecta é muito variada constando dos seguintes artigos:

Chronica Occidental, por D. João da Câmara; dr. Paes de Carvalho, por Titto Martins; As nossas gravuras, O Apostolo das Indias, por D. Francisco de Noronha; O tambor-mór «Ponte-do-Sul», por Pin-Sel; O descobrimento do Brasil, narrativa de um marinheiro; O Moinho Silencioso, (conclusão) por H. Sudermann; A campana dos mortos, por Ricardo de Sousa; Publicações, etc.

Revista Coimbra — Publicação litteraria bi-mensal — n.º 3. Redacção, rua dos Coutinhos, n.º 4 — Coimbra. Muito agradecemos.

Educação Nacional. — Redacção e administração: — Travessa Sá de Noronha, 5 — Porto.

Recebemos o n.º 169, deste magnifico jornal de pedagogia, de que é director o sr. António Figueirinhas. Agradecemos.

Gazeta das Aldeias — Semanario Illustrado de Propaganda Agricola e Vulgarização de Conhecimentos Uteis. Redacção, Rua do Costa Cabral, n.º 126. Porto.

Recebemos o n.º 207, desta magnifica publicação, de que é director e proprietario, o sr. Júlio Gama.

Esta revista vende-se em todos os kiosques, no Centro de Publicações e na Agência Central, à rua dos Clérigos.

Coração de criança por Charles de Vitis. E' este o título do formosissimo e atrahente romance com que a Empresa do nosso collega lisbonense — *O Século* — continúa a serie de publicações românticas, cujo éxito é por tal modo conhecido, que nada mais faremos do que consigná-lo.

Agradecemos vivamente a remessa da caderneta n.º 8.

No lugar competente inserimos o annuncio deste sensacional romance.

Supplemento Illustrado do Século. — Recebemos e agradecemos o último numero desta magnifica publicação.

Diz-se que o sr. dr. António de Padua, lente da faculdade de medicina, vai ser nomeado governador civil substituto deste districto.

O novo regulamento do serviço das encomendas postaes, que começará a vigorar, segundo dizem, do primeiro de janeiro em diante, vai ser distribuido ás estações telegrapho-postaes.

As obras da secção de edificios públicos desta cidade, foram entregues a direcção das obras publicas deste districto, continuando a occupar o lugar de chefe da mesma secção, o engenheiro sr. José Ribeiro d'Almeida.

Concederam-se, superiormente, plenos poderes ao sr. delegado do thesouro neste districto, para prorrogação do prazo e decisão das reclamações sobre as novas matrizes predias desta cidade, como concelho capital do districto, mas de fórma que o contingente da competente contribuição seja repartido no próximo futuro anno em face das ditas matrizes.

No tribunal judicial da comarca de Villa Pouca d'Aguiar, começou ante hontem o julgamento dos criminosos e mandantes de Ribeira de Pena, sendo advogado da accusação o sr. dr. Avelino Cesar Calisto, lente cathedrático da faculdade de Direito.

Já foram organizados os orçamentos para a criação da Morgue nesta cidade sendo o local escolhido o rez-do-chão do museu, lado norte.

Os habitantes de Copenhague soffreram numa destas noites uma desagradavel surpresa. Num dado momento, toda a cidade ficou ás escuras: nas ruas, nos theatros, nos cafés, em todas as partes, emfim, se apagaram ao mesmo tempo as lampadas de luz eléctrica.

Os transways ficaram immoveis e outros trens viram-se forçados a parar no seu trajecto, os transeuntes não se atreviam a dar um passo porque a escuridão era absoluta, devida a um incendio que se declarára na fabrica de luz eléctrica. O sinistro destruindo os cabos, cortára dum só golpe a luz em toda a cidade, a força motriz e todas as comunicações.

Passados os primeiros momentos de surpresa, os estabelecimentos accenderam candieiros de petroleo e velas e devido a isso pôde restabelecer-se a circulação, continuando a cidade no mesmo estado até que possa fazer-se a reparação da rede dos cabos conductores.

MISSA

D. Maria Rita Sanches de Carvalho e José Ferreira Pinto de Carvalho, participam ás pessoas de suas relações e amizade e do fimado, de que no dia 23 do corrente se ha de celebrar uma missa, suffragando a alma de seu sempre chorado e saudoso irmão, dr. António Gomes da Silva Sanches, fallecido em África-Natal.

Agradecendo desde, já eternamente reconhecidos, ás pessoas que se dignarem assistir a este acto religioso pelas 8 horas e meia da manhã na igreja de Santa Cruz, desta cidade.

Chegaram à Papelaria Borges as seguintes novidades:

Mais 4 bilhetes postaes com vistas de Coimbra, um album de photographias do Centenario da Sebenta e outro de vistas de Coimbra, uma linda collecção de chromos para kalendário e felicitações,

(Continúa).

REMÉDIOS DE AYER

O Remédio de Ayer contra sezões. Febres intermitentes e biliosas.

Peitoral de Cereja, de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tubérculos pulmonares.

Frasco, 1\$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas Cathárticas, de Ayer.—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



Frasco, 1\$100 réis

Frasco, 1\$100 réis

Para a cura efficaz e prompta das Molestias provenientes da impureza do Sangue.

Tónico Oriental—(marca Cassel)—Exquisita preparação para aformosear o cabello—Extirpa todas as affecções do cráneo, limpa e perfuma a cabeça.

Água Flórída (marca Cassels).—Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho.

Sabonetes de glicerina.—(marca Cassels).—Muito grandes, qualidade superior.

A venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermifugo de B. L. Fahnestock.—E' o melhor remédio contra lombrigas. O proprietário está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.



O Vigor do Cabello DO DR. AYER,

Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e forma-sura.

Perfeito desinfectante e purificante de Jeyes para desinfectar casas e latrinas; tambem é excellente para tirar gordura ou nódoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.—Preço, 240 réis.

Depósito—James Cassels & C., rua Mousinho da Silveira, n.º 85, 1.º—Porto.

150:000\$000

E' o prémio maior da grande loteria do Natal de 1899

Extracção no dia 22 de dezembro

Bilhetes, décimos e vigéssimos.

Fracções desde 60 até 2\$400 réis.

Séries de 10 números seguidos de 600, 1\$200, 2\$400 e 6\$000 réis.

A. HENRIQUES

162, RUA FERREIRA BORGES, 164

ADORNADA

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20—(Detraz de S. Bartholomeu)

COÍMBRA

25 **E**sta casa a mais antiga e mais bem montada neste género continúa a encarregar-se de funeraes completos desde os mais modestos aos mais pomposos, tanto nesta cidade como fóra, para o que tem boas peças douradas para adultos e crianças; e completo sortimento de armações de velludo e todos os mais ornamentos preciosos para este effeito.

Grande sortimento de fitas de faile, moiré, ganfré, glacé e setim em todas as côres e larguras.

O mais completo sortido de cordões e bouquets tanto fúnebres como de gala, que vende por preços muito diminutos.

Tem tambem um grande armazem de fazendas nacionaes e estrangeiras em que faz grandes descontos para revender.

FABRICA DE CERAMICA

João da Silva Pinho

91—Rua Direita, 93—COÍMBRA

3 **D**iversos materiaes de construcção, taes como: manilhas, telhões, balaustres, tijolos de todas as dimensões para fornos e chaminés, syphões e bacias para retretes, tanto em barro branco como em vermelho, e bem assim diferentes utensilios, como: vasos para jardins, tachos para cosinha, fogareiros, etc, tudo de boa construcção.

Esta fábrica está montada nas condições de poder satisfazer de prompto qualquer encomenda.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços cômodos.

Tem bons quartos para alugar, aceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,
José Maria Junior.

15 **D**uas senhoras recebem creanças de qualquer idade, externas e internas, para tratar da sua educação e instrucção.

Para mais esclarecimentos, rua Ferreira Borges, 185, 3.º andar.

19 **Q**uem quizer tomar de arrendamento o grupo de casas da rua das Padeiras que tem estado arrendado ao sr. Manuel José de Sousa Guimarães, dirija-se ao solicitador Rocha Ferreira, Sophia, —Coimbra.

18 **S**enhora habilitada em sina a confeccionar todo o genero de flores. Tambem ensina bordados a ouro, escama, froco sobre vidro, trabalhos em vidro fundido, ouro sobre vidro, fio de côco, etc.

Dam se informações em casa do sr. Miguel da Fonseca Barata na rua dos Sapateiros.

Officina de surrador

24 **J**osé da Cruz, encarrega se de qualquer trabalho concernente a sua arte. Curte pelles de qualquer animal para tapetes. Preços módicos.

Ao fundo da rua Direita — Arnado — Coimbra.

ALVIÇARAS

23 **D**am-se a quem tiver encontrado um anel com um brilhante que se perdeu, desde a rua Ferreira Borges e Arco d'Almedina ao Largo da Portagem e que o entregue na mesma rua, n.º 141 143.

Officina de malas

DE Pedro da Silva

39, Rua de Quebra-Costas, 39
Coimbra

Nesta officina encontra-se um variado sortido de malas em diversos gostos e formatos. Satisfazem se quaesquer encomendas com promptidão, assim como se fazem concertos com a máxima perfeição. Preços resumidos, attendendo a que o proprietário desta officina se fornece directamente da fabrica.

ESTABELECIMENTO

DE FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os maisapparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em faqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro lavatório e cozinha. Agate, serviço completo para mesa.

CURSO DE HABILITAÇÃO

PARA O

MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

Rua da Sophia, 57—COIMBRA

Continúa a funcionar este curso, dirigido pela professora complementar da cidade de Coimbra, Olivia Fontes d'Almeida, habilitada com o curso complementar pela Escola Normal do Porto.

Os resultados obtidos pelos alumnos que têm frequentado este curso, sam garantia bastante para os candidatos que desejem habilitar-se para o magistério primário.

Para que possam certificar-se da veracidade do que affirmamos, publicamos os nomes e residência dos alumnos que obtiveram approvação, tanto na Escola Districtal de Aveiro, como na de Villa Real e Braga, único réclame que a Directora deste curso costuma fazer.

O corpo docente deste curso é constituído pelos seguintes professores:

Olivia Fontes d'Almeida.
Julião Maria Paes da Silva, legalmente habilitado.
Francisco Duarte d'Almeida.

Alumnos que frequentaram o curso e obtiveram approvação

D. Maria da Graça Cancellia Fontes, de Villa Real.
D. Luiza Carmelina Teixeira d'Azevedo, de Coimbra.
D. Maria do Carmo Ventura, de Coimbra.
D. Maria d'Assumpção Sant'Anna Ladeira, de Coimbra.
D. Maria Amália Pereira Monteiro, de Coimbra.
D. Albertina Veiga, da Figueira da Foz.
D. Maria d'Assumpção Figueiredo Gomes, de Coimbra.
D. Maria Guilhermina Xavier Pereira, de Miranda do Côrvo.
Accácio Alves Fontes, de Villa Real.

RECEBEM-SE ALUMNOS INTERNOS

Escritorio e officinas
RUA GARRETT, 48, 1.º, LISBOA

BICO AUER



Escritorio e officinas
RUA GARRETT, 48, 1.º, LISBOA

Marca registada

Premiado com a medalha d'ouro na Exposição Industrial do Porto de 1897

O **Bico Auer** é o único cujas mangas sam fabricadas em Portugal e portanto o **Único Nacional**, o que foi reconhecido pelo digno jury da Exposição de productos nacionaes do Porto, concedendo unicamente a elle a **Medalha d'Ouro** que constituiu a mais alta recompensa.

Succursal em Coimbra, rua do Visconde da Luz, 101 a 103.

F. Fernandes Costa

E

ANTÓNIO THOMÉ

ADVOGADOS

Rua do Visconde da Luz, 50

Charrette

Vende-se uma. Trata-se com Francisco Nogueira Sécco.

Terreiro da Erva
Coimbra

RESISTENCIA

Relação e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor, José Pereira da Motta

Officina typographica, Arco d'Almedina, 6

N.º 505

COIMBRA — Domingo, 24 de dezembro de 1899

5.º ANNO

Os gosos da monarchia

Toda a imprensa portugueza, repercutindo o sentimento da quasi totalidade dos seus confrades do antigo e novo mundo, e perfeitamente d'accordo com a opiniao universal, tem revelado as suas sympathias pelas duas republicas sul-africanas, que, no momento actual, estam dando um exemplo de heroismo como raro se encontra na historia. Na propria Allemanha, onde razoes particulares de familia poderiam desculpar manifestacoes em contrario, se esta desenvolvendo uma corrente de sympathia pelos boers que assompra, pelas circunstancias excepcionaes em que o imperio germanico se encontra, em face da Inglaterra. Não ha muitos dias ainda que um jornal de Berlim accentuava claramente as tendencias favoraveis do povo allemão para com os dois estados em lucta contra a poderosa Albion, dizendo que 98 por cento da populacao germanica se encontrava em communhão de sentimentos com os boers.

Pois bem! Quando isto assim e; quando em todo o mundo se esta de tal modo evidenciando a antipathia para com o bretão espoliador; quando a imprensa portugueza acompanha o sentir geral do universo: e nestas condições especiaes que dois podengos governamentais, parece que ao serviço dos nosos maiores e mais terriveis inimigos, estam dando um espectáculo degradante, mostrando-se dum facciosismo feroz contra as duas republicas da Africa Austral, cujo unico crime consiste em defenderem com uma tenacidade, poucas vezes observada, o seu lar, a sua honra, a sua familia, a sua liberdade! Nem sequer os assombra e confunde o bravismo verdadeiramente homérico dum povo que tam nobremente combate pela sua independencia brutalmente ameaçada pelo colosso britânico! Não se póde rastejar mais baixo na escala da subserviencia, ou antes, da abjecção!

E o que mais espanta sam as razoes allegadas em defesa da secular espoliadora do nosso desgraçado país. E, segundo elles, a nossa fiel alliada, a nossa melhor amiga, a nossa mais desvellada protectora. Parece phantástico que tal se affirme, mas está escripto, nos dois papeis a que nos estamos referindo. Como se os factos não estivessem ahí bem claros e bem patentes a protestar contra semelhantes blasphemias! Como se actos recentes, bem dolorosos para o nosso brio de povo livre, não conclamassem contra as heresias historicas dos dois bonzos monarchicos! Querem que nós, os eternamente explo-

rados pela voraz ambicao do bretão insaciavel, nos colloquemos abertamente ao lado da Inglaterra, que está fazendo a guerra mais injusta e deshumana de que a historia faz menção! Como se a dignidade de todos os portuguezes estivesse perdida e se podesse medir pela craveira da dos orgãos do paço! Felizmente que o sentimento nacional é bastante elevado para stygmatisar tamanha depressão moral, como a revelada por aquelles que collocam a penna ao serviço do estómago e tudo a elle sacrificam! Isso não, que a vergonha ainda não desapareceu de todo de entre nós. Ainda ha quem se revolte contra o servilismo, contra a abjecção de jornalistas facciosos e sem escrúpulos, para quem, no dizer do Poeta,

a consciencia é um ventre
e o coração é um músculo.

Missões religiosas no ultramar

Foi nomeada uma commissão em que entram dois bispos e um cónego, para estudar uma proposta de lei destinada a obter melhor resultado das missões religiosas no ultramar.

O relatório da portaria é um excellento argumento contra as missões.

Um dos considerandos affirma que «não se póde asseverar com verdade que, attenta a despesa que o Estado actualmente faz com as variadas instituições, quer na metrópole, quer no ultramar, que se ligam directa ou indirectamente com o serviço das missões ultramarinas, se haja conseguido dellas accção tam efficazmente civilizadora e patriótica como seria para desejar».

Estas palavras sam uma condemnação formal das missões religiosas, porque, quando fallam assim, os homens que estam na sujeição do beatério, subentende-se que ellas não têm produzido nada.

Entretanto a despesa feita é enormissima, já com nacionaes, já com extranjeiros, dentro das verbas orçamentaes e fóra dellas.

E' e continuará a sê-lo. Não por amor do país, mas por amor do beatério e gente assim.

E' por via della que se gasta um dinheirão louco nas missões.

Antônio Albino de Carvalho Mourão

Chegou a esta cidade o sr. Antonio A. de Carvalho Mourão, nosso prezado amigo e valioso collaborador, que em Braga exerce com muita dedicacão e proficiencia o cargo de sub-inspector primário, accumulando a regencia de duas cadeiras do lyceu.

O sr. Carvalho Mourão veiu dar nos a alegria de passar commosco as festas do Natal e em companhia dos numerosos amigos que tem nesta cidade.

Magistério secundário

Reúniu hontem, ás 3 horas da tarde, no edificio do lyceu, o jury da parte geral dos concursos para o magistério secundário aberto perante esta circunscripcão.

Resolveu-se que as provas escriptas sejam prestadas nos dias 8 e 9 de janeiro, pela 1 e meia da tarde, sendo no dia 8 a de portuguezes e no dia 9 a de psychologia ou lógica.

ANTIGUIDADES DE COIMBRA

DOM EGAS FAFES

Por morte de D. Domingos, successor de D. Tibúrcio, os cónegos de Coimbra, fugidos da sua cidade episcopal por motivo da guerra civil, elegeram por bispo a D. Egas Fafes, filho de D. Fafes Godins, neto de D. Godinho Fafes, bisneto do bravo D. Fafes Luz, — que ueo com o comde Dom Amrrique a Portugal, e foy muy boõ ricomem e muito homrrado, e alferex do comde Dom Amrrique.

Indo a Cúria romana D. Egas Fafes, allí foi pelo Summo Pontifice promovido a Arcebispo de Compostella. Quando se dirigia para a Sé metropolitana da Galliza, falleceu em Montpellier, donde o seu cadáver foi transportado para o túmulo que havia construido para si na Sé de Coimbra, junto do altar de Santa Clara, que elle mesmo erigira, logo depois da canonização desta Santa.

O túmulo do notavel bispo ainda hoje lá se acha, entre a porta

de Santa Clara e o altar, com a estátua jacente do illustre prelado, majestosamente revestido de pontifical, sobraçando o báculo e calcando o peccado.

A inscripcão epitaphica achava-se embutida na parede fronteira ao altar; arrancada de lá e despedaçada, fóram os fragmentos lançados no entulho com que se levantou o pavimento da igreja. Mão piedosa recolheu ha pouco alguns desses fragmentos, ao proceder-se a remoção dos referidos entulhos, e unidos convenientemente estam hoje depositados no museu do Instituto.

O epitaphio de D. Egas Fafes está incompleto, mas póde quasi completar-se pela cópia que delle se encontra no livro das Calendas. E' o que vamos fazer, compondo em caracteres italicos tudo o que hoje falta na lápide.

Dizia assim:

RAPTUS AD ETHEAS SEDES celiq' choreas
INCOLA FCS BAS COLIT HIC tumlat' egeas
CLARUS HONESTATE GENERIS quoque nobilitate
PONTIFICALE DECUS NACTUS UIR iustus & equus
Hic EST ACCEPTUS CATHEDRAM pastoris adept'
Metropolitanus TANDEM DE presule factus
Compostellanus FUIT AC TAMEN ante coact'
Tempus adimplevit RESOLUTUS MORTE quieuit
In terram cessit CORPUS SED AD ASTRA RECESSIT
Spiritus inde QUIDEM DUPLEX LOCUS EXTAT EID
E.M. CCCVI. VII. IDUS MARCII OBIIT APUD MONTE
Persulanum dñs EGEAS AFILE ARCHIEPS OPOSTELLAN'
..... IESEM Cº CORPº DUCTº E HONORIFICE A FAMI
lia sº i ciuitate COLIB'EN' & SEPL'º HIC SPL'º Sº FAB'CATO IUX AL
tare beate clare virginis XV.º KL'S. MAJ. DE. EADEM. ERA.

Vê-se pois deste epitaphio que o bispo D. Egas falleceu a 9 de março de 1268 (Era de 1306), e foi sepultado a 17 d'abril do mesmo anno.

Explicação das abreviaturas desta Inscriptão

Lin. 1 — *ethreas, calique.*
Lin. 2 — *factus, tumulatus.*
Lin. 5 — *adeptus.*
Lin. 7 — *coactus.*
Lin. 10 — *eadem.*
Lin. 11 — *Era millesima trecentesima sexta, septimo etc.*

Lin. 12 — *domnus, archiepiscopus compostellanus.*
Lin. 13 — *cius corpus ductus (sic) est (A lacuna que se nota nesta linha é assim preenchida no livro das Calendas: — quondam Episcopus Colimbrien'; mas as primeiras letras que se enxergam nesta linha não se compadecem com tal leitura.*
Lin. 14 — *sua in ciuitate colimbriensem et sepultus hic, in sepulcro suo fabricato iuxta.*
Lin. 15 — *decimo quinto calendas.*

Portugal e a guerra do Transwaal

Volta a dizer-se em Lisboa que o governo portuguez vai prestar o auxilio de forças militares à Inglaterra na guerra com o Transwaal.

E' só o que nos falta para compromettermos completamente a nossa situação.

A cooperação de Portugal na guerra entre a Inglaterra e o Transwaal representaria, ainda quando as probabilidade parecessem todas a favor da Inglaterra, uma deshonra e um perigo.

Agora, porém, quando a Inglaterra apparece completamente batida, essa cooperação seria mais que tudo um inconcebível acto de loucura.

Era offerecermo-nos para partilhar duma expiação, que de nenhuma forma inspira com-

miseracão, por ser a consequência duma illegitima ambicao.

Era mais ainda, porque seria prestarmos a bode expiatório dessa ambicao.

Filippinas

Noticias de New York dizem que os americanos procuram aprisionar Aguinaldo, o famoso general filipino. Este, acompanhado por uns 200 homens, fugiu para Cervantes, nas quasi inacessiveis montanhas de Tilao; algumas das quaes atingem 3:300 a 3:400 metros d'altura.

E' no meio das gargantas desta montanhosa região que uma columna de 300 americanos, commandada pelo major Morch, persegue o romanêsco chefe tagalo que, depois de ter combatido os espanhoes, collocando-se ao lado dos americanos, pretendeu vencer estes, quando soube que elles não pretendiam outra coisa mais do que apoderar-se do seu país, sendo este o unico motivo que os animava na lucta contra o poder da Espanha.

Carta de Lisboa

22 de dezembro.

O que se passou com o julgamento do chamado caso do Campo Grande é uma dessas phantasticas series d'abusos, que apavoram o commentador, deixando-o sem saber por onde começar, que dizer.

O que se passára no Campo Grande inspirara já violentos assomos de revolta. Custava a comprehendere que a policia se tivesse abalançado a tanto — a prender cidadãos que não tinham commettido o menor delicto, a espancá-los.

O que succedeu depois, mas antes ainda do julgamento, exacerbou a revolta e generalizou o alvô. Viu-se o poder sancionando, protegendo a policia e, mais do que isso, mostrando-se seu responsavel, seu inspirador.

Por último, faltava o julgamento. A justiça dera já uma triste prova de si, chamando as victimas da policia a sua frente como accusados.

Mas o que ninguem podia esperar foi isso que se viu.

Eu, em boa verdade, não o esperava, não o sonhava.

E quem havia de esperá-lo — quem havia de fazer essa injúria a justiça portugueza?

Pois essa justiça, sobre não ter coragem para tomar contas aos criminosos, podia ainda acaso commetter a suprema iniquidade do castigar as victimas?

Pois essa justiça, que não chamou ao banco dos reus os policias que abusaram da sua auctoridade, podia ainda mandar para o Limoeiro aquelles que tinham sido offendidos nos seus mais respeitaveis direitos, sendo presos e, ainda por cima, espancados?

Ninguem o devia suppôr.

Mas a triste verdade é que a justiça do 3.º districto — que não tem fama de ser o peor, porque essa triste glória cabe ao 2.º — condemnou os cinco homens que fizeram tanto como muitos dos demais convivas no banquete.

E viu-se assim, mais uma vez, por uma tristissima prova, a justiça envolver-se por completo nas responsabilidades do poder, tornar-se sua cúmplice.

Na responsabilidade de traduzir todos os sentimentos que o facto me inspira, eu desejo registrar uma observação minha aos senhores juizes.

Não lhes digo que contingências do destino podem collocá-los, a elles ou a seus, em circunstancias absolutamente idénticas ás de muitos réus que têm de julgar.

Quero-lhes apenas affirmar, em boa paz, que os réus não esquecem os nomes dos julgadores.

Quando me vi no Limoeiro, fallei com muitos presos communs, mais por simples entretenimento, por desejo de conhecer a chamada populacao criminosa.

E nessas palestras uma convicção me ficou, entre outras: não póde em Portugal ninguem ser mais odiado do que é o juiz do 2.º districto criminal.

Vi miseraveis tremerem ao falar no seu nome. Vi outros, loucos de alegria, porque esperavam responder quando elle estivesse ausente.

E todos mais ou menos murmuravam esta phrase:

— Se eu pudesse um dia...

Não sei se os srs. juizes sabem da existencia destes odios e calculam as consequencias que elles podem ter.

Mas parece-me que o assumpto é digno pelo menos de meditação,

Se a Divina Providência não é para temer, talvez o sejam os homens.

Mas não ficou apenas na condemnacão o dia de terça feira na Boa Hora. Houve mais e não sei mesmo se diga que houve peor.

Alludo ás 76 prisões que se fizeram, depois de ter sido pateado o juiz pelas centenas de pessoas que assistiram ao julgamento.

Uma testemunha presencial contou assim os factos num jornal:

«Enquanto no tribunal o illustre advogado terminava o seu discurso, violentamente cortado pelas interrupções do juiz, que deram origem a manifestação de desagrado acima referida, estacionavam no largo, em frente do edificio da Boa-Hora, dois grupos característicos de policia paisana, olhando attentamente todas as pessoas que entravam e saiam do tribunal.

«Logo que um individuo mal ou mesmo modestamente trajado descia os degraus da escadaria, acercava-se-lhe um desses agentes e prendia-o, sem invocar o minimo pretexto, conduzindo-o para a casa da guarda proxima. Surprehendido, o preso nem mesmo protestava, e lá ia juntar-se à leya de desgraçados que a policia arrebanhava para o monte.

«Não eram, porém, apenas os individuos, nas condições referidas, que saiam do tribunal, os únicos detidos por uma forma tam abusiva como revoltante. Os agentes, rindo à socapa, espreitavam todos aquelles que entravam na Boa Hora e designavam já de antemão os que d'alli a pouco, à saída, se tornariam suas victimas.

«E assim era. Embora essa demora não se prolongasse mais de cinco minutos, e que o homem alvejado não subisse mesmo ao andar superior, onde continuava o julgamento, apenas voltava, ei lo que desaparecia, estupefacto e confuso, na casa da guarda, já atafalhada de tantos outros.

«Esta scena indecorosa durou até o momento de sairem os espectadores do julgamento quando este já terminara. Foi nessa occasião precisamente que as prisões cessaram. Em seguida tendo se o publico dispersado, os agentes secretos e alguns policia fardados estenderam-se em duas filas, figurando um corredor, que se prolongava até ao meio do largo. Abriu-se então a porta da casa da guarda e saíram os 76 presos, os quaes ficaram entre as duas alas de policia, formados em columna. Quem dirigiu este serviço foi o agente Saccarrão.

«Vinhão todos muito espantados, sem comprehenderem a razão da arbitrariedade que sobre elles se commettera, e, com effeito, por muitas vezes que alguns delles porventura tenham caído nas garras da policia, nunca o foram de certo com menos razão do que agora! E a columna marchou pela rua Nova do Almada acima, enquanto os transeuntes perguntavam uns aos outros o que significava aquella inesperada e aviltante leva.»

Porquê, e para que se fez isto? Eu comprehenderia uma outra violência. Comprehenderia que, pateado o juiz, ficassem presos todos os individuos que estavam na sala. É um desforço illegal, arbitrário, mas tinha por elle a sympathia de ser franco e enérgico.

Comprehenderia que se pretendesse averiguar se tinha havido o que é d'uso chamarem-se cabeças de motim.

Tendo se realizado um protesto na sala, é, porém, duplamente revoltante que fossem presos, ao calhar, individuos que estavam no edificio e que podiam, ou não, ter tomado parte no protesto.

Isso fez se entretanto e fez-se, pelo mais sórdido dos processos, e com o mais tórpe dos fins.

Digo mais sórdido dos proces

so porque mais uma vez se tornaram os esfarrapados e os miseráveis bôdes expiatórios de actos que elles não praticaram. Os desgraçados, que trajam mal porque não têm dinheiro para vestir, que sam macilentos porque passam fome, os párias e os engeitados têm, sobre todas as demais desgraças, a missão de servir de victimas da policia e da justiça, quando é absolutamente preciso fazê-las. Quando foi da célebre caça aos padres, tornou se necessário dar uma satisfação ao jesuitismo: arremessaram-se centenas de miseráveis para a África como vadios e como anarchistas. Em todas as pavorosas, elles lá apparecem, a servir de mártires.

O processo seguido foi, pois, sórdido, porque se prenderam individuos perfeitamente innocentes e de preferéncia desgraçados.

O fim foi tórpe porque com as prisões dos miseráveis procurou-se tirar importância à manifestação feita no tribunal que, visando um juiz ao serviço dum regimen, foi ter mais do que o juiz—o regimen. Prenderam-se esfarrapados e miseráveis, que por isso mesmo têm o que se chama cadastro, para depois se apregoar que o regimen fóra apenas atacado por malandros.

Mas esse fim não se conseguiu. A farça não illudiu ninguém.

E assim resultou que os seus auctores ainda por cima de tudo se mostraram estúpidos—como sempre.

F. B.

Mais impostos

A câmara municipal approvou definitivamente na segunda feira os impostos sobre os vehiculos que entram na cidade, o qual é lançado nos seguintes termos:

Vehiculos de carga, de qualquer forma de construcção, por cada vez que entrarem na cidade—10 réis por cada animal que os puxar;

Carruagens e carros de transporte de passageiros, incluindo os funerários, por cada vez que entrarem na cidade, 15, 30, 40 ou 50 segundo forem puxados por 1, 2, 3, 4 ou mais animaes;

Automoveis—taxa annual réis 25000;

Velocipedes—taxa annual réis 25000.

A receita deste imposto é destinada ao aterro do rocio de Santa Clara, depois de deduzida a décima para a viação municipal.

A necessidade que ha de fazer o aterro de Santa Clara não pôde ser mais instante, e por ella temos chamado ha annos; louvavel é, por isso, que a actual vereação municipal ainda da realização, de tal melhoramento. Sam difficéis as condições financeiras da câmara, ninguém o duvida, e não terá meio de o realizar dentro das suas actuaes circunstâncias; se é indispensavel lançar um novo imposto para este fim, lance-se, embora seja difficil de admitir um agravamento maior das tributações deste municipio, já de si tam elevadas como o não sam na grande maioria dos concelhos de 1.ª ordem. Mas se é certo que a câmara municipal de Coimbra não pôde cecear as despesas de modo a produzir uma atenuação sufficiente no desequilibrio orçamental, que permita a realização desta obra de alta utilidade, é aceitavel, em principio, uma tributação para este fim, embora seja de lamentar que as administrações municipaes tenham levado o municipio a um tal estado de penúria.

Contudo parece-nos que o modo de tributação dos vehiculos, como foi feita, é altamente iniqua.

Lá que os vehiculos de luxo sejam favorecidos como o sam com umas taxas insignificantes, comparadas com o que têm de pagar, na roda do anno, os vehiculos de transporte, é, sem duvida, injusto. E que um carro de transporte, que tenha de entrar dez ou dôze vezes na cidade, pague por cada vez a taxa respectiva, não nos parece menos injusto.

Ou muito nos enganamos ou a câmara vai ter desgostos sérios com esta forma de tributação...

VIDAS SIMPLES

JOÃO MACHADO

Um dia encontrei no Museu de antiguidades do Instituto o João Machado, a cabeça dobrada, a sorrir para um baixo-relevo.

Quando deu comigo, apontou para a escultura antiga que o prendera, e disse-me:

— Nós nem sabemos o que devemos ao sr. doutor e ao sr. António Augusto.

— Sim?!

— Não se ria. O que aqui está!... Muito lindo é o seu S. Thomé, a metter os dedos na chaga ao Christo, e elle tam bem feito, e ao mesmo tempo tam ingénio. Tam severo, e faz lembrar as attitudes que ás vezes desenhavam as creanças...

— Deve ralhár assim o pae do Ceu.

— E este túmulo?

E apontou-me para a arca de pedra que uma abbadessa de Lervão mandára fazer para arrecadar a ossada dum dos santos Mártires de Marrocos.

E' um baixo-relevo interessante. Numa série d'arcadas adeantam-se os cinco mártires.

Na primeira o *Miramolim* chama-os com um gesto da mão levantada ao alto, o pollegar estendido para fóra, os outros dedos juntos, flectidos, seccos e rigidos. A cabeça inclinada para a banda sublimha num movimento desdenhoso e altivo a attitude do commando da mão.

O primeiro frade adeanta-se para o *Miramolim*, sereno, sorrindo, as mãos postas em adoração, confessando a sua fé. Na outra arcada, volta-se outro frade para o que vem atraz, tambem a sorrir, as mãos agarradas de lado ao hábito, a levantá-lo, como quem se prepara para fugir.

O quarto frade, sério, reprehen-de o último que caminha muito descuidado, as mãos mettidas nas mangas do hábito, sorrindo, o capuz arrebitado para cima.

Ha muita ingennidade e muita arte naquelle baixo relevo antigo, na attitude do *Miramolim*, sentado sobre coxins flácidos, o corpo envolto em túnica de seda, a perna traçada sobre o joelho, o pé nũ, seguro pela mão, fechada numa caricia.

Ha muita crença naquella marcha do sorriso contra a altivez do *Miramolim*, tam forte e tam desdenhoso; que morriam antigamente os mártires a sorrir.

Pois esta simplicidade antiga soube João Machado realizá-la no baixo-relevo que na sepultura de Manuel Gaspar conta a salvação das almas das penas do Inferno.

Na symbolização antiga da bocca dum dragão, abre-se a bocca do Inferno, em que se vêem três almas, todas de joelhos, todas de mãos postas, todas a sorrir.

Na primeira põe o Christo a mão, e ella muito direita, a cabeça flectida, sorri de beatidade.

A outra estende curiosa o pescoço, e sorri ao vêr a felicidade que a espera. A última, muito nova, de joelhos, o corpo a descansar sobre os calcanhares, as mãos postas, tem nos lábios o sorriso ingénio das creanças.

E todos os sorrisos sobem numa curva d'adoração que vai acabar nos lábios do Christo, de pé, tam sereno, sobre as águas.

João Machado soube no detalhe do sorriso, escrever a história da crença, a ingenuidade dos simples, a esperança dos que creem, a beatidade dos eleitos, a serenidade do Christo.

E raro comprehender como João Machado o espirito que faz viver o ornato e traduz o estylo.

Os seus capiteis românicos sam fortes e pesados, ou lavrados de caprichos de ourives delicado.

No jazigo do sr. José Teixeira da Cunha, as columnas parecem d'ouro martellado, a archivolta brilha, como applicação de ourivesaria, num ornato vegetal, sempre a prender a luz e a fazer brilhar o mármore no cravejado das pedras preciosas.

A's vezes, a columna forte, ao chegar ao capitel, abre-se numa caricia a proteger o capricho vegetal que rompe, elegante, através das malhas daquella rede d'ouro.

E' vêr como elle anima a fachada góthica dum jazigo, como illumina d'espirito um motivo estafado de canteiro.

Por toda a parte as ha. Em baixo uma ogiva mesquinha, accentuada pelas linhas do telhado que sobem frias, sem um ornato até a cruz. Dos lados, dois pináculos tristes como cirios apagados.

Nas obras de João Machado aquellas arestas finas, que vam abraçar-se para segurar a cruz, sam cheias de caprichos a trahir a a vida; a aresta fria abre numa folha que se curva reverente numa genuflexão, e se volta para a cruz, as denteações delicadas muito abertadas, como os braços em extase, em adoração.

E, ao chegar à cruz, rompe uma vegetação luxuriante, que se dobra e ata humilde num nó a segurá-la.

Outras vezes as arestas chispam numa chama pequenina, e vem lambeber a cruz como a chama dos thuribulos.

E tudo lhe tem custado muito trabalho, e viagens longas a estudar.

Quando fez o jazigo de Quintans Lima, foi à Batalha, e contou-me a admiração que se apossára delle na igreja arruinada de Leiria.

— Que lindo ornato, e as molduras, e a abóbada, tudo tam igual. Pareceu-me que não sabia nada. Fica a gente como doido...

Esta admiração, que se não comprehende, só a sentem os que amam a arte e se vêem presos deante das estátuas sem as entender.

Quando Miguel Angelo acabou o seu Moysés, ficou-se parado a olhar para elle, sem saber porquê. Quanto mais o via, mais o fascinava; e elle, parado, sem poder fugir ao encanto daquella estátua muda.

Falla! gritou por fim; e atirou-lhe com o cinzel que foi cair, num grito de dôr, aos pés de Moysés.

Não queria Miguel Angelo para a sua estátua uma nova perfeição; que seria imperfeita uma estátua que fallasse.

O que nos prende nas estátuas é o mysterio, o segredo que julgamos advinhar.

Riem se os olhos, rebenta o sorriso nos lábios, e nós ficamos a vêr se se abre a flôr do riso naquella bocca.

Miguel Angelo perguntava a estátua o segredo da emoção que o dominava, e fazia do artista um crente.

Quería saber porque é que o seu corpo forte, sempre adomar a pedra sempre a vencer o bronze, vergava agora, tam fraco, quasi a cair de joelhos; porque se baixavam numa adoração, os seus olhos acostumados a olhar altivos para os grandes da terra.

Ao pé das grandes obras d'arte o artista fica, como o amante quando encontra a mulher amada, a olhar, a balbuciar, sem atinar com as palavras.

E tudo se diz, e tudo se ouve, sem fallar, ao lado da mulher que se ama.

De ver de perto o olhar azul de uma mulher aprenderam os ingénios artistas primitivos a adorar o céu distante e a animá-lo do vôo branco dos anjos do Senhor...

(Continúa)

T. C.

O preço da carne

Já era de admirar que os marchantes não tivessem feito das suas! Ha muito que se ia presentindo o seu propósito, demacaram-no agora. Elevaram o preço da carne de masneira a termos de reclamar a intervenção immediata e enérgica da câmara.

A carne de vacca, que se vendia a 260 réis, vacca de toda a classe; a 360 réis sem osso, e a 400 réis lombo e alcatra, foi elevada aos preços seguintes:

— vacca de toda a classe, peito, cachaço e abas, 250 réis; assém e pá, 280 réis; perna 300 réis; limpa de osso, 400 réis; lombo, 450 réis.

Este augmento de preços é inadmissivel, como inadmissivel será, nas circunstâncias presentes, qualquer augmento de preços.

Pois não se comprehende que haja necessidade para os marchantes acostumados a fazer conluios nesta terra e o não seja para o marchante Paschoal, que conserva os seguintes preços:— vacca de toda a classe, 220 réis; assém e pá, 260 réis; perna 280 réis; lombo e carne limpa de osso e cebo, 380 réis.

Perante isto pedimos à câmara providências immediatas e enérgicas. Por certo que lhe não faltaram meios para os metter na ordem, e da sua boa vontade estamos nós certos. Por isso esperamos que o procedimento da câmara se não faça esperar.

Imprensa da Universidade

Foi hontem publicado no *Diário da Governo* o edital abrindo concurso para o provimento do logar de revisor da imprensa da Universidade de Coimbra.

O ordenado é de 300000 réis. Os concorrentes têm de apresentar carta de qualquer curso completo de instrucção superior e attestado de inteiro conhecimento das linguas latina e franceza.

O prazo do concurso é de 30 dias.

Segundo uma estatística recente, as redes dos caminhos de ferro actualmente construidos na Africa sam de 19:000 kilometros, assim repartidos:

Colónias inglesas 6:220 kilometros, colónias francezas 4:935, Egypto e Sudão Egyptico 3:358, Republica Sul Africana 1:935, Estado Livre de Orange 960, colónias portuguezas 793, Estado independente do Congo 331, colónias alemães 350 e colónias italianas 72.

VARIOLA

Dos quatro estudantes atacados de variola, estão já dois no hospital, o sr. Mário Ochôa e o sr. Herculano da Costa Sarmiento, filho do fallecido escrivão e tabelião desta cidade, sr. José Lourenço da Costa.

Não é tam alarmante, como se incute, o estado sanitario desta cidade, pelo facto de se terem manifestado ultimamente casos esporádicos de variola, de carácter tam accentuadamente benigno, que não merecem levarem o desassocego e a inquietação a tanto peito amigo disperso por esse país além.

Contudo, não sabemos que as auctoridades tenham tomado as providências devidas, apesar de lhe terem sido reclamadas bastantes vezes, ha meses a esta parte...

O director da alfândega do Porto, conselheiro Malheiro Dias, encontra-se na Figueira da Foz em cumprimento da recente portaria do Ministério da fazenda, para indagar do modo como alli se fazem despachos e classificações de mercadorias.

Estám a concurso as seguintes igrejas da diocese de Coimbra: Palla no concelho de Mortágua, Portunhos no concelho de Cantanhede, e Trezoi no de Mortágua.

A câmara municipal approvou definitivamente, em sessão última, o seu orçamento ordinário para o futuro anno de 1900, na quantia de 35:641.449 réis.

Cartas da provincia

Figueira, 22 de dezembro.

Sr. redactor. — No n.º 503 do seu jornal, de 17 do corrente, vi-nha uma carta, de um ingénuo, a propósito de uma pequena local inserto no n.º 500 da *Resistencia*. Não posso deixar de confessar que me enojou de tal forma a tal creança e não sei como resisti à tentação de lhe dizer duas coisas desagradáveis.

Hoje, que acabo de ler uma espécie de explicação da sua parte, não posso conter-me e, desde já, peço-lhe a finiza de fazer publicar uma resposta minha ao tal *Lulú*.

Sr. redactor. — O grande José Jardim, desta cidade, vendo que lhe tinham annexado a este circulo o concelho de Mira e que, portanto, não podia fazer eleger um deputado regenerador, embora para isso tivesse trabalhado eliminando dos cadernos do recenseamento eleitoral para cima de 300 indivíduos, todos seus adversários, decidiu vingaça.

A partir d'este momento começou a sentir-se com pesadelos constantes a ponto do seu cérebro dar uma volta e então surgiu uma ideia! Vêr se conseguia alcançar, fóra da sua pátria, em Coimbra, importância que aqui não tem.

Isto assente começou o grande homem em correrias desordenadas entre Coimbra e Figueira.

Chegada a véspera da eleição mudou o cenário!

Em vez do grande homem surge, na estação de Coimbra, a figura do inseparável Mano à frente duma leva importante de quatro votantes.

No dia da eleição, logo de manhã, ei-los na Sé ao lado da urna, olhos fitos nos circunstantes, como quem diz, aqui estamos, somos o sustentáculo da regeneração, da realza!

Findo que foi o escrutinio elles ahí vam rindo um para o outro e dizendo ao mesmo tempo, ganhámos nesta, vamos a vêr as outras!

Sabido o resultado final decidiram os dois ir a Coimbra com a sua música, mas como as fanfarras estivessem a compôr em Lisboa para allí foi o Mano Joaquim fazer com que estivesse tudo prompto para o dia do apuramento.

Neste mesmo dia, de manhã, o grande homem, pois é assim que o *Lulú* quer que chamem ao seu Senhor, levantou-se cedo a esperar o Mano com os instrumentos.

Apitou o comboio ao longe e o nosso homem sentiu calafrios até que afinal apparece o mano à janella, radiante.

Chegavam elles!!!

Lá vam os dois com o António da carroça, conduzindo as trombetas cujos sons avisariam aos de Coimbra de que tinha sido alcançada victória, devido aquelles que iam á frente e assim se tornavam conhecidos.

Mas! oh! infelicidade que os não largas!!

Tudo a postos chegam à estação, já o comboio tinha partido!

O nosso homem bota discurso ás suas gentes e fica resolvido irem no primeiro comboio.

Assim foi.

Chegados a Coimbra, succedeu o já sabido, vivas, foguetes, etc.

Agora se perguntamos o que aconteceu, ao grande homem, no fim de tudo isto, não sabemos, a não ser que o *Lulú* deu sorte com a local e que tudo o mais ficou como até então — tanta importância por cá como por lá!

Um segundo figueirense.

Foi approvedo na quinta feira no governo civil o 2.º orçamento supplementar ao ordinário do anno corrente, da Santa Casa da Misericórdia desta cidade, na importância de réis 8:308.700:—108.700 para socórras a pobres e satisfação de legados, e 8:000.000 para a construção, já começada, do edificio em que seram installados os escriptórios, o consultório médico e a pharmácia desta pia instituição.

O concurso para a adopção de obras de instrucção secundaria, perante as circunscricções de Lisboa, Porto e Coimbra, abriu hontem e finda em 30 de junho de 1900, podendo apenas concorrer os auctores, proprietários ou editores nacionaes.

Dizem de Villa Real que houve na sexta-feira uma grave desordem entre vários individuos daquela villa e duma aldeia proxima, que tomou grandes proporções, em consequência de ser dia de feira.

Ficaram gravemente feridos dois, sendo um individuo de Escaris, com cinco punhaladas e um olho vasado, e outro, tendo a testa fendida com um estadulho.

Este que se chama Affonso Lascario, principal promotor da desordem, offereceu grande resistencia á policia, munido duma machada com que ia matando um guarda. Teve de intervir uma força de infantaria, sendo presos o Lascario, Francisco Bicho e um cabreiro daquela villa.

Entre outras versões, é attribui-

dê lo proteger, levaria a minha alma até á loucura; ter-me ha perdido para sempre.

Ao ouvir estas palavras, o abbede, que se tinha conservado sentado, levantou-se rapidamente, obrigando Magdalena que estava de joelhos a fazer o mesmo. Depois, sem dizer palavra, pôz-se a pascear debaixo das árvores, com as mãos atraz das costas, a fronte baixa; reflectia, perturbado pelas lágrimas de Magdalena, e mais ainda pelos argumentos que ella acabava de fazer valer. A sua alma era o theatro dum combate. Devia deixar correr Pierre para o seu destino? Deveria antes fazê lo parar embora fizesse mergulhar Magdalena na lama em pue estivesse para morrer?

—Guia-me, Senhor, pensava o abbede. inspire-me a vossa sabedoria.

—Renuncie a essa idéa má, senhor cura, murmurou de repente Magdalena; pondo-se a andar ao lado d'elle, com as mãos postas. Não seja mais exigente que Deus, não mate as minhas esperanças!

O abbede fé la callar com um gesto.

—Confesso-me vencido, se faço mal, Deus me perdõe! Cumpram-se os seus votos. Mas desgraçada de si, Magdalena, se perder de vista, um dia que seja, o encargo que acaba de tomar; desgraçada de si

da a desordem a ter um dos presos tirado a agulhada do carro ao homem de Escaris. Este, diz se que já falleceu.

PUBLICAÇÕES

Diário de Noticias—*Brinde do Natal de 1899*—A empresa do *Diário de Noticias*, o considerado jornal tam consciencioso e intelligentemente dirigido, publicou este anno um formosissimo número do Natal, cujo summário damos em seguida.

Ha que admirar nelle, a par da sua collaboração brilhante, a execução artistica tam perfeita, quer na impressão, quer na gravura, que faz do Brinde uma bella obra de arte. A officina do *Comércio do Porto* revela uma vez mais a perfeição com que nella se executam trabalhos desta natureza, mostrando bem que é a primeira do pais.

Ao nosso distincto collega da capital agradecemos o valioso brinde.

O summário é:

A capa—O frontispicio da capa é constituído por uma deliciosa aguarella de J. Vaz o exímio pintor e director da Escola de Xabregas. Representa uma creancinha colhendo lírios a beira de água e a ornamentação é constituída por formosissimos lírios. A legenda *Sine mácula*, posta a um lado do quadro, denuncia bem a pureza daquella scena.

O texto. A página d'El-Rei.—A primeira página é occupada por uma formosissima aguarella de El-Rei representando o cruzador *D. Carlos*. Não sabemos que admirar mais, se o desenho do vaso de guerra, se o formoso céo e o bello mar.

Noite de Natal—Formoso conto do conde de Arnoso, com bellas illustrações de Casanova.

Um Natal no Limpopo.—Bella narrativa de Mousinho de Albuquerque; illustração de Casanova.

Judas vingador (quadro de costumes portuenses)—Interessantissimo conto do dr. Souza Viterbo, com illustrações de Julio Costa.

Ao luar—Delicada poesia de Guerra Junqueiro, com uma illumina do dr. José Julio Gonçalves Coelho.

Um benemerito—Bella poesia de Thomaz Ribeiro, com um formoso quadro do grande pintor Souza Pinto.

Baile infantil—Música do illustre pianista Vianna da Motta, com bellas illustrações de Alfredo Moraes.

Pelos filhos!—Reproducção em

se voltar a ser má mulher, se deshonrar o nome que vai ter!

—Obrigada! Obrigada! suspirou Magdalena.

E a alegria illuminava lhe o olhar e as lágrimas seccavam-se-lhe nas faces, e o abbede Rouvière, silencioso e perturbado, olhava para ella com doçura, como para lhe dar coragem e esperança.

Enquanto se passavam estes acontecimentos, a tia Télémaque fazia as suas visitas de despedida a algumas pessoas, contrahira relações durante a sua estada em Antraigues. No número dellas, contava-se o procurador Riballier. Habitava ao fim da aldeia uma casa pequena que fizera construir três annos antes, quando viera estabelecer-se na terra. Vivia ali só, com uma creada velha que tratava da sua modesta casa de rapaz solteiro.

Um typo curioso, o tal Riballier. Nascerá em Aubenas, e, depois de ter sido muito tempo escrevente, a principio em Lyon, e depois em Paris, empregára um dia o seu pequeno patrimonio na compra do unico cartório que havia em Antraigues, e cujo proprietario morrera de repente. Apezar da sua humildade, a situação não deixava de ser lucrativa. A clientela do cartório era grande. Compunha-se não só dos habitantes do concelho como das dos concelhos vizinhos.

similigravura de um cliché photographico do distincto amator Joaquim Basto.

Theatros por fóra e por dentro—Caricaturas engraçadas-imas de Raphael Bordallo Pinheiro.

Secção de publicidade—Nesta secção figuram annuncios das principaes casas commerciaes e industriaes do pais e de algumas do Brasil, vendo-se nellas illustrações do melhor effeito.

Mercado de Coimbra

Os preços dos cereaes, durante a semana finda, fóram os seguintes:

Trigo de colorico, novo, graúdo, 600 — Dito tremês, 620 — Milho branco, 420 — Dito amarello, 420 — Feijão vermelho, 760 — Dito branco, miúdo, 700 — Dito branco graúdo, 760 — Dito rajado, 500 — Dito frade, 580 — Centeio, 480 — Cevada, 360 — Grão de bico graúdo, 720 — Dito meúdo, 560 — Favas, 480 — Tremoços (20 litros), 320. Azeite da colheita de 1898 está a 1.3800 e o novo a 1.3350 réis.

Cotações—Lisboa, dia 22. Libras 2.0080 — Ouro português graúdo 41 por cento, meúdo 39. Francos 784.

Porto, dia 22. Libras 2.0050. — Ouro português graúdo 41 por cento, meúdo 39 por cento.

Coimbra, dia 23. Libras 2.0050. — Ouro português, graúdo, 43 p. c., meúdo 41 p. c.

Entre a Inglaterra e o Transwaal

Londres, 22.—Um despacho de Modder-River afirma que um canhão da brigada naval inglesa fez fogo contra os boërs na terça-feira última, violando o armistício.

Os boërs protestaram oficialmente contra o transporte de munições inglesas, sob a protecção da bandeira da Cruz Vermelha.

Londres, 22.—Os boërs conseguiram que os basutos lhes vendessem todos os seus cavallos, em número de 30:000. Os commissários ingleses procuraram, mas não conseguiram adquirir estes mesmos animaes, que sam de grande resistencia.

Londres, 21.—Sir Campbell Baanemann, antigo ministro da guerra liberal, falando em Aberdeen, disse que o povo inglês re-

Riballier tinha passado os trinta annos. A estatura alta, a magreza, a cabeça rapada, a côr biliosa, a expressão do olhar tornavam-no uma espécie de cavalheiro da triste figura cuja aproximação não era nada attraente. Mas depois, da primeira prova, não se tardava a perceber que era obsequiador, perito em negócios, de bom conselho, e os que uma vez tinham ido ao seu escriptório, voltavam de bom grado toda a vez que tinha necessidade de valer-se dos serviços dum tabellião. Fóra o acaso que creára as relações entre Madeline e Riballier, quando se lhe tinha mettido em cabeça comprar a casa da príncêza. Depois recorrera muitas vezes aos seus serviços, e Riballier considerava a a mais preciosa das suas clientes.

Soubera, pouco a pouco a história della; mas tudo o que ia sabendo, guardava-o discretamente para si, evitando metter-se no que lhe dizia respeito, fingindo uma dedicação cega, um zelo extremo, ganhando cada vez mais a confiança de Madeline. Por diversas vezes a tia Télémaque estivera tentada a fallar-lhe de Madeline, a contar lhe o que ella chamava a ingratidão da pobre rapariga. Mas o procurador, depois de ter escutado friamente confidências e queixas, tinha o cuidado de não traír as impressões que sentia, recusar

recebeu serenamente a noticia dos desastres. Não ha nada que justifique a dúvida ou o desanimo. Toda a Inglaterra deseja que prosiga a lucta. O partido liberal não aceita nenhuma responsabilidade da actual guerra e nunca approvou que a pudesse ter provocado. Disse que o principal responsavel era lord Chamberlain.

Londres, 22.—A imprensa pede que, com o fim de levantar o cerco de Ladysmith, a divisão do general Warren se una á do general Redvers Buller, para que esta conte com 32:000 homens e 8 baterias de artilharia.

O critico militar do *Daily Chronicle* diz que a Inglaterra deve, por todos os modos, evitar que caiam em poder do inimigo os 10:000 homens, 36 cachões de campanha e 6 de marinha que estão em Ladysmith, sob o aommando do general White.

CHAMPAGNE
Claricourt

Legítimo

Único depósito em Portugal, na casa José Tavares da Costa, successor—Largo do Principe D. Carlos (antigo largo da Portagem).

Vende-se em garrafas e meias garrafas. Por caixa tem um grande abatimento.

Alvaro Esteves Castanheira, successor de JOSÉ TAVARES DA COSTA.

Largo do Principe D. Carlos, (antigo largo da Portagem).

COIMBRA

Pomada anti-herpética

COMPOSTA

Preparada pelo pharmaceutico

FRANCISCO MIRANDA ASSIS

Para impingens e affecções de pell: que produzem fendas com ardor e comichão, desfaz as manchas e nódoas de melancolia; mágnifica em todas as doências cutâneas, cura as chagas antigas ainda que rebeldes.

Usa-se untando a parte affectada pela manhã e à noite.

Depósito

PHARMACIA ASSIS

41,—Praça do Comércio,—42

Coimbra

do-se a associar-se mesmo só com uma palavra, ou por um gesto ás queixas de que era confidente. A tia Télémaque por causa desta frieza propositada, d'este mutismo obstinado não gostava do tabellião cujo jogo não comprehendia.

Todavia, estando para partir, julgou-se obrigada a fazer uma visita e foi batter á porta do cartório.

—O que é que me dá a honra de a ver, tia Télémaque?

—Venho despedir-me do senhor.

—Vai-se embora! Deixa Madeline?!

—Não tenho cá nada que fazer.

Vai-se casar, e não precisa de mim.

—Casa-se!

—Não sabia! Então fiz mal em dizer-lho. Mas julgava que sabia tambem o segredo. Guarda-lo ha, não é verdade?

—Não tenha receio; sou discreto por profissão. Ah! Vai-se casar, continuou Riballier com um tom singular. E com casa?

—Não adivinha?

—Não pôde ser! exclamou o tabellião que adivinhava.

—Pois é esse mesmo! Sim, senhor, aquella rapariga tam bonita, aquella creatura adoravel vai casar com a besta do mestre escóla.

—Mas como se arranjou isso, Deus do céo?!

—Sei lá! O amôr, o arrependimento...

(Continúa).

77 Folhetim da «RESISTENCIA»

ERNEST DAUDET

DEPOIS DO PECCADO

LIVRO SEGUNDO

III

—Engana-se, minha filha, nunca verá em si, senão a mulher que o enganou.

—Pois bem, matar-me-ha então! Morrerei, mas terei tambem vivido.

—Ao dar este grito, Magdalena, em forças desfez-se em lágrimas e abbede Rouvière, deante daquelle desespero despedaçador, sentiu enaquecer o vigor.

—Não falle assim, Magdalena.

—Oh! Não sou santa nenhuma! Sou uma mulher, uma pobre mulher que hoje vive só do nobre amor que a transformou. Sem o bem que quero mais que tudo, rólo no hymno, de novo volto a ser o que já fui. E o sr. para poupar a terra uma dor de que julgava po-

REMÉDIOS DE AYER

O Remédio de Ayer contra sezões. Fe br intermitentes e biliosas.

Peitoral de Cereja, de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tubérculos pulmonares.

Frasco, 1,100 réis; meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas Cathárticas, de Ayer.— O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



Vigor do Cabello
DR. AYER,

Impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e forma-sua.



Para a cura efficaz e prompta das Molestias provenientes da impureza do Sangue.

Tónico Oriental— (marca Cassel)— Exquisita preparação para aformosear o cabelo— Extirpa todas as affecções do cráneo, limpa e perfuma a cabeça.

Água Flórida (marca Cassels).— Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho.

Sabonetes de glicerina.— (marca Cassels).— Muito grandes, qualidade superior.

A venda em todas as drogarías e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermífugo de B. L. Fahnestock.— E' o melhor remédio contra lombrigas. O proprietário está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

Frasco, 1,100 réis

Frasco, 1,100 réis

ESTABELECIMENTO

FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de pára-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os maisapparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systêmas.— Rédes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.— Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em taqueiros e outros artigos de Guimaraes.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mēsa, lavatório e cozinha.

CURSO DE HABILITAÇÃO

PARA O

MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

Rua da Sophia, 57—COIMBRA

Continúa a funcionar este curso, dirigido pela professora complementar da cidade de Coimbra, Olivia Fontes d'Almeida, habilitada com o curso complementar pela Escola Normal do Porto.

Os resultados obtidos pelos alumnos que têm frequentado este curso, sam garantia bastante para os candidatos que desejem habilitar-se para o magistério primário.

Para que possam certificar-se da veracidade do que afirmamos, publicamos os nomes e residência dos alumnos que obtiveram approvação, tanto na Escola Districtal de Aveiro, como na de Villa Real e Braga, unico réclame que a Directora deste curso costuma fazer.

O corpo docente deste curso é constituído pelos seguintes professores: Olivia Fontes d'Almeida, Julião Maria Paes da Silva, legalmente habilitado, Francisco Duarte d'Almeida.

Alumnos que frequentaram o curso e obtiveram approvação

- D. Maria da Graça Cancellia Fontes, de Villa Real.
- D. Luiza Carmelina Teixeira d'Azevedo, de Coimbra.
- D. Maria do Carmo Ventura, de Coimbra.
- D. Maria d'Assumpção Sant'Anna Ladeira, de Coimbra.
- D. Maria Amalia Pereira Monteiro, de Coimbra.
- D. Albertina Veiga, da Figueira da Foz.
- D. Maria d'Assumpção Figueiredo Gomes, de Coimbra.
- D. Maria Guilhermina Xavier Pereira, de Miranda do Côrvo.
- Accácio Alves Fontes, de Villa Real.

RECEBEM-SE ALUMNOS INTERNOS

Escriptorio e officinas
RUA GARRETT, 48, 1.º, LISBOA



Escriptorio e officinas
RUA GARRETT, 48, 1.º, LISBOA

Marca registada

Premado com a medalha d'ouro na Exposição Industrial do Porto de 1897

O Bico Auer é o unico cujas mangas sam fabricadas em Portugal e portanto o Unico Nacional, o que foi reconhecido pelo digno jury da Exposição de productos nacionaes do Porto, concedendo unicamente a elle a Medalha d'Ouro que constituiu a mais alta recompensa.

Succursal em Coimbra, rua do Visconde da Luz, 101 a 103.

F. Fernandes Costa

E

ANTÓNIO THOMÉ
ADVOGADOS

Rua do Visconde da Luz, 50

Charrette

Vende-se uma. Trata-se com Francisco Nogueira Sêcco.

Terreiro da Erva
Coimbra

SALON DE LA MODE

92—Rua Ferreira Borges—92

A única casa que vende barato

em Coimbra

12 **Artigos** de primeira qualidade e últimas novidades para a presente estação. Vestidos de bonitas lãs elegantemente feitos pelos últimos figurinos a 12,000 réis. Chapéus novidades para senhora a 4,500 réis. Capas, pelerines, casacos, o que se pôde imaginar de mais elegante.

Camisas, collarinhos, punhos, gravatas e luvas

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20—(Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

25 **Esta casa** a mais antiga e mais bem montada neste género continúa a encarregar-se de funeraes completos desde os mais modestos aos mais pomposos, tanto nesta cidade como fóra, para o que tem boas eqas douradas para adultos e creanças; e completo sortimento de armações de velludo e todos os mais ornamentos preciosos para este effeito.

Grande sortimento de fitas de faile, moiré, ganfré, glacé e setim em todas as côres e larguras.

O mais completo sortido de cordas e bouquets tanto fúnebres como de gala, que vende por preços muito diminutos.

Tem tambem um grande armazem de fazendas nacionaes e estrangeiras em que faz grandes descontos para revender.

FABRICA DE CERAMICA

João da Silva Pinho

91—Rua Direita, 93—COIMBRA

3 **Diversos** materiaes de construcção, taes como: manilhas, telhões, balaustres, tijolos de todas as dimensões para fornos e chaminés, syphões e bacias para retretes, tanto em barro branco como em vermelho, e bem assim diferentes utensilios, como: vasos para jardins, tachos para cosinha, fogareiros, etc, tudo de boa construcção.

Esta fábrica está montada nas condições de poder satisfazer de prompto qualquer encommenda.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços commodos.

Tem bons quartos para alugar, acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário,
José Maria Junior.

15 **Duas** senhoras recebem creanças de qualquer idade, externas e internas, para tratar da sua educação e instrucção.

Para mais esclarecimentos, rua Ferreira Borges, 185, 3.º andar.

19 **Quem** quizer tomar de arrendamento o grupo de casas da rua das Padeiras que tem estado arrendado ao sr. Manuel José de Sousa Guimarães, dirija-se ao solicitador Rocha Ferreira, Sophia, —Coimbra.

18 **Senhora** habilitada ensina a confeccionar todo o genero de flores. Tambem ensina bordados a ouro, escama, froco sobre vidro, trabalhos em vidro fundido, ouro sobre vidro, fio de côco, etc.

Dam-se informações em casa do sr. Miguel da Fonseca Barata na rua dos Sapateiros.

26 **Chegaram** à Papelaria Borges as seguintes novidades:

Mais 4 Bilhetes Postaes com vistas de Coimbra, um album de photographias do Centenário da Sábenta e outro de vistas de Coimbra uma linda collecção de chromos para calendários e para felicitações.

ALEMTEJO

27 **O** melhor enchido do Alemtejo que se vende em Coimbra (o que se pôde garantir) é na mercearia de António Fernandes, na rua do Corvo.

Officina de malas

DE

Pedro da Silva

39, Rua de Quebra-Costas, 39
Coimbra

Nesta officina encontra-se um variado sortido de malas em diversos gostos e formatos. Satisfazem se quaesquer encommendas com promptidão, assim como se fazem concertos com a máxima perfeição.

Preços resumidos, attendendo a que o proprietário desta officina se fornece directamente da fábrica.

RESISTENCIA

Relação e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor, José Pereira da Motta

Officina typographica, Arco d'Almedina, 6

N.º 506

COIMBRA — Quinta feira, 28 de dezembro de 1899

5.º ANNO

PASTOR MODELO

— Deve desculpa-lo, meu senhor; porque, acredite-me Vossa Magestade, bispos que creiam em Deus não tem outro. Foram estas as palavras que o grande Solitário de Tal de Lobos disse a D. Pedro v, quando este monarcha se lhe queira de que um prelado, que elle com grandes difficuldades fizera despachar, fôra a câmara dos paes e proferiu um discurso que impressionára muito desagradavelmente o público e tambem o alludido monarcha, pelas sandices que o pobre homem soltára, numa sessão, que por isso, ficou memoravel.

Com effeito, o bispo a que estamos alludindo era realmente o que se chama uma boa alma, mas, em compensação, de letras muito gordas, a ponto de que um dia o seu secretario—um homem de grande talento, mas, por vezes, desequilibrado, lhe bradou, num excesso de indignação:

— Como anda o mundo! Você bispo e eu seu secretario! Mas D. Pedro v, como elle era virtuoso, resolveu, apesar das contrariedades que encontrou, fazê-lo bispo. Dessejaria, porém, que elle se contentasse soccegado na sua diocese, e não fôsse a câmara dos prôeres exhibir a sua pobreza intellectual; e por isso é que, depois do facto a que acima nos referimos, foi ter com A. Herculano a assalgar as suas mágoas. E o grande historiador, que conhecia bem os homens do seu tempo, consolou o monarcha afflicto com dizer-lhe que dos bispos portuguezes era aquelle, de cujo discurso se occupava, o único que crêa em Deus. Ora, pelo que vamos observando, parece que a raça dos bispos do tempo de Herculano, isto é, daquelles que se preoccupam mais das coisas terrenas do que das divinas, ainda inelutavelmente se não acabou; e parece tambem que o actual Bispo de Bragança é um dos exemplares mais curiosos do género. Porque, se elle pertencesse ao numero dos que creem na Providência, por certo que os seus actos se conformariam mais com os preceitos do Evangelho.

Demonstrêmo-lo. Já, por vezes, nos temos referido aqui a factos muito pouco regulares do prelado brigantino, sendo um delles, e dos mais escandalosos, o abandono systemático da diocese, como ora está succedendo, pois que, importando se mais com as suas commodidades do que com os interesses e necessidades espirituas das suas ovelhas, veio passar os rigores invernaes para o seu bello palácio de encantante. Como s. ex.ª esteja bem confortado, as ovelhas que as leve o diabo.

Muitos outros factos condemnatorios o sr. Bispo de Bragança tem praticado, os quaes mereciam bom correctivo. Entre os varios abusos de s. ex.ª commettidos, avultam estes, que nos asseguram serem verdadeiros: fazer no seminário aulas de instrucção primaria, alugar e taxar propinas como bem lhe apraz, etc., etc. Uma syndicação ao que a tal respeito se usa não seria descabida, a fim de se averiguarem bem todas as responsabilidades e abusos do prelo de Bragança e Miranda.

Mas ha mais e melhor, como vamos ver. Um facto da maior gravidade, já apontado por um jornal localidade — *O Baixo Clero* — chega ao nosso conhecimento. E' fantoso, parecendo, na verdade,

inacreditavel. Ei lo, como no lo contam:

Um pobre homem do concelho de Bragança foi confessar-se ao párocho da sua freguesia, accusando-se, parece, dum furto leve, numa igreja. O párocho declarou ao homem não o poder absolver, por falta d'authoridade, mas que se dirigisse ao prelado, que este o absolveria; e consta-nos haver-lhe dado elle um bilhete de apresentação, recommendando-lh'o.

O penitente foi, na verdade, ter com o prelado, para se confessar.

E o que imaginam os leitores que fez o illustre bispo? Provavelmente que confesso o homem e o mandou em paz absolvido. Pois enganam-se redondamente, se o pensam. Isso fã lo-hia um simples padre, que nortasse o seu procedimento pelos sublimes preceitos do Evangelho. Mas o sr. Bispo de Bragança não é homem que proceda como qualquer simples mortal. O seu procedimento foi este, segundo consta: ouviu o homem, e em seguida mandou chamar um policia, entregando-lh'o! O poder judicial, que não lê pela cartilha do bispo, absolveu-o, segundo informa o *Baixo Clero*.

Isto pareceria phantastico, se não se tratasse do prelado mirandês, já bem conhecido e assignalado por feitos assás gloriosos. Com elle tudo é possível, ao que parece. E não voltar outra vez o Christo, para repetir a conhecida scena do Templo!...

Este caso ainda a presta a considerações, que ficarão para outra vez.

RATICES

A Câmara Municipal mandou ha pouco renovar os letreiros dalgumas ruas, mas estes letreiros fôram feitos com especial cuidado: — *Palacios dos Confusos*, encontra-se numa; rua de *Juacum d'Aguar*, encontra-se noutra; e ainda numa terceira—rua de *Entre Colejos!* Isto em Coimbra... E tam confusa andava a cabeça de quem tal coisa mandou fazer, que nem viu que a cedilha de *Palacios* está ás avessas...

Ora ahí têm, para ver, uma pequena coisa municipal tam cheia de tolices.

A VARIOLA

Não pôde haver dúvida de que a variola continúa grassando em Coimbra com mau carácter e numa dispersão que é indispensavel atacar com a maior energia. Ha uns poucos de meses já que esta doença lavra com intensidade, embora por vezes tenha mostrado tendências de attenuação; mas por último tem recrudescido, no meio da geral indifferença das autoridades.

Cuidados hygiênicos não vemos que tenham sido postos em prática, apesar de frequentes vezes reclamados; antes, pelo contrário, se tem procedido, e ainda recentemente, de modo inteiramente avesso a todos os preceitos da hygiene, não só deixando de se attender, pelos meios geraes, ao estado da diffusão da variola, mas nem ain-

da ordenando que os enterros sejam feitos com os devidos cuidados. Consta-nos que ainda ha poucos dias uma creança, que morreu de variola, foi enterrada não immediatamente, como o clinico determinára, mas só muito quando a familia quis, tendo vestido a creança como lhe approveu e fazendo-a conduzir ao cemitério por creanças! E' bem conhecido que os casos se têm repetido com frequência digna do maior reparo, em diversos pontos da cidade, e mais especialmente na alta; — e tudo isto tem passado no meio da indifferença geral!

E' indispensavel, por isso, que as autoridades competentes curem de cumprir o seu dever. E todas as considerações conduzem a pôr as coisas claras, como ellas sam.

Retira amanhã para Braga, a reassumir as funções do seu cargo, que tam distinctamente desempenha, o nosso presado e erudito amigo sr. António de Carvalho Mourão. Que em breve volte a esta cidade, onde conta tantas dedicações.

Misericórdia de Coimbra

No dia 31 do corrente mês cantar-se-ha na capella da Santa Casa da Misericórdia, ás 11 horas da noite, um solemne *Te-Deum*, celebrando-se em seguida missa a grande instrumental.

Pela verba do cônego Arantes, fôram distribuidos pela Santa Casa da Misericórdia mais de oitenta cobertores e algumas esmolas pecuniárias para roupas.

E' no dia 31 do corrente mês, pelo meio dia, que as orphãs que pretenderem ser dotadas devem entregar pessoalmente os seus requerimentos na secretaria da Santa Casa.

Consta-nos que o sr. dr. Agostinho Rodrigues d'Andrade tem quasi concluidos os trabalhos respeitantes a syndicância de que foi incumbido e que apresentará o seu relatório brevemente ao sr. governador civil.

Dizem-nos que a Mês da Santa Casa pensa na reforma do regulamento dos Collégios dos dos orphãos de S. Caetano, designadamente na parte respeitante a admissão dos orphãos e a epocha em que devem sair dos Collégios.

Passou ante-hontem o anniversário do sr. dr. Francisco da Costa Pessoa, illustrado professor do lyceu desta cidade, a quem cumprimentâmos.

O TRANSWAAL

XXI

Prometti no artigo anterior sob idéntica epigraphie occupar me da proposta do senador republicano por Chicago — Mason —, ainda ha pouco um dos mais importantes membros do jingoismo americano no Palácio do Capitólio e hoje um dissidente do *mac kynleismo*, com cuja politica expansionista se declarou abertamente incompativel, principalmente desde que reconheceu os inconvenientes de semelhante politica.

Se a grande e sympathica Republica anglo saxonia se limitasse a libertar Cuba, Porto Rico e Filipinas do dominio espanhol, está muito bem.

Até ahí estava dentro dos limites do seu programma externo—a stricta fidelidade tradicional ao pan-americanismo de Monrôe; mas o que todo o mundo culto extranha, a começar pelos próprios americanos, é o desenvolvimento sempre crescente do imperialismo, cuja participação na senda de desconhecidas aventuras com a Inglaterra está inquietando a opinião sensata d'além-Atlântico e fomentando cada vez mais a queda do actual governo, que assim demonstra renegar por completo a linha de conducta constantemente seguida desde os áureos tempos do glorioso Washington.

E' um pronouncemento bastante significativo essa decisão aliás muito importante do Senado, e o movimento de protesto que se avoluma *au jour le jour*, augmentando-lhe o numero das adhesões, levou um membro democrata do Congresso a formular uma *conjuncte resolution* no sentido duma futura intervenção dos Estados Unidos no conflicto anglo boer-orangista, sob o fundamento expresso e consagrado no *Pacto Federal* de 1823, em que o veneravel *old gream* Monrôe, protestando contra a reacção européa representada no congresso de Verona, estabeleceu o principio de não reconhecimento da intervenção dos países europeus nos acontecimentos politicos das novas republicas americanas, recentemente libertadas do dominio affrontoso da Espanha, cujo governo abertamente reaccionario, teimava em não lhe conceder — conjunctamente com o regimen das côrtes — uma ampla e bem rasgada autonomia administrativa sob as mesmas bases que ligam o Canada à Inglaterra.

Adoptado o pacto de 1823, que synthetisa na sua elevada moralidade a denominada e bem conhecida *DOCTRINA DE MONRÔE*, logo nesse mesmo anno manifestou a sua incontestavel utilidade, robustecendo a independência das novas nacionalidades republicanas e mallogrando triumphantemente todas as odiosas tentativas da Espanha, que — confiando no auxilio das potências da Santa-Alliança promettido no congresso de Vienna d'Austria em 1815, ratificado no de Aix-la-Chapelle em 1818 e reconhecido por uma célebre decisão do de Verona em 1823 — persistia em reconquistar o seu perdido predomínio sobre as suas antigas colônias; teimosia esta que mais tarde levou o governo de Madrid a aproveitar-se dos acontecimentos do Peru, declarando ao mesmo tempo guerra ao Chili e a associar-se com Napoleão III na burlêsca e desastroza aventura contra o México em 1861.

Foi esta a segunda vez que em toda a América se fez sentir a be-

néfica influencia do pacto federal de 1823. Assim que o governo norte americano, sobre a presidência do illustre e satídoso Lincolor, pôs triumphantemente termo à grande guerra seccionista, ou da abolição da escravatura, logo fez expedir uma nota ao governo francês, desapprovando abertamente a politica de Napoleão III em... *reorganizar o Estado Mexicano sob novas bases*, o que obrigou o gabinete das Tulherias a mandar retirar o traidor de Bazaine, atirando com o inconsciente Maximiliano — seu instrumento d'ambição — para o supplicio de Oaxaca.

Assim se restabeleceu a Republica do México, que desde 1868 caminha na senda da sua regeneração.

Terceira vez, em março de 1894, a doutrina de Monrôe desenganava os illudidos e fementidos monarchistas europeus, acabando com a guerra civil que ensanguentava o Brasil republicano. O marechal Floriano Peixoto, plenamente triumphante, demonstrava à Europa a suprema invencibilidade da influencia *yankée*, inspirada pela Democracia, no continente americano.

A quarta e última vez (por enquanto se a Europa persistir na sua illusão) foi a mais solemne afirmação do pan-americanismo pelo voz atroadora dos canhões de Dewey e de Sampson, em Cavite e em S. Thiago, que inscreveu luminosamente no *mappa mundi* duas florentissimas e vigorosas Republicas, que — embora sob o protectorado do governo de Washington, por algum tempo — não deixou por isso de ser universalmente consideradas como Estados independentes.

Eis a luminosa senda que os Estados Unidos sempre têm trilhado na sua politica externa *vis-à-vis* das senis ambições da velha Europa, corroída pela lepra da corrupção politico social que avassalla todos os seus países ao pesadissimo jugo duma odiosa instituição militar que lhe impõe a sustentação de milhares de homens em pé de guerra, sem motivo nem justificação.

O partido democrático norte-americano inscreveu no seu novo programma de reformas, a fiel e rigorosa observância da doutrina *monrôista*, e a sua boa orientação politica, impulsionada pelo movimento protestante da opinião, talvez consiga alguma coisa do actual governo no sentido duma intervenção no conflicto, tremendo e pavoroso, que enlucta a Africa Austral.

Oxalá triumphe a causa do Progresso e da Civilização.

FAZENDA JUNIOR.

Esteve nesta cidade e partiu hoje para Lisboa, em companhia de sua esposa, ex.ª sr.ª D. Rita Mouzaco Alçada, o sr. João Mendes Alçada de Paiva, abastado proprietario e importantissimo industrial da Covilhã.

O Campeão

Recebemos o n.º 8 deste semanário litterário, que se publica no Porto, relativo ao domingo último, que vem interessantemente redigido.

A direcção das contribuições directas communicou ao delegado do thesouro de Coimbra, que os agentes do ministério publico intervêm como juizes nos processos de liquidação de contribuições de registo nos termos do artigo 10.º da carta de lei de 29 de julho corrente.

VIDAS SIMPLES

JOÃO MACHADO

O que distingue o temperamento artístico de João Machado é a graça, o reflexo da sua organização, da sua extraordinária sensibilidade à natureza e à arte.

O estylo gótico não pôde por isso fazer vibrar o seu modo de sentir e de ver moderno.

Mesmo no anjo, que no cemitério de Coimbra pousa a abençoar em cima dum jazigo, as azas levantadas ao alto, cobrindo-o como um docel, João Machado talhou a face e o collo num corte gótico, mas deixou o corpo envolvido na graça das roupagens da renascença.

E' que o estylo gótico é frio, como um plano d'architecto.

Quando nasceu, não cabiam os feis no templo triste, sem luz. A's vezes descia o raio do ceu e incendiava os tectos de madeira, e Deus ficava à chuva e ao vento.

Então o artista lembrou-se da abóbada. Para sustentá-la, cazaaram-se os arcos, e nasceu a ogiva.

As columnas enfeixaram-se, como as heras a segurar as árvores velhas; mas em toda a parte se vê o esforço, a fraqueza, mesmo na decoração, em que as plantas da horta se levantam, vincadas de rugas, túrgidas de músculos, como as árvores gigantes da floresta.

E' a lama negra a erguer-se na adoração com que os montes se levantam a offerecer a Deus a neve pura.

Para sustentar o templo, a terra levantou o gigante, e estendeu o botareu, mas gigante e botareu ficou à chuva e ao vento, e os templos caíram em ruínas.

E' forte sem graça a arte gótica.

Para crear o sonho, arrancou a pelle aos animaes do país da phantasia, e elles ficaram os músculos a mostra, a gritar e a soffrir. As suas faces têm as rugas ásperas do ferro, e as aves voam num vôo cortante d'as.

Nos quadros, vê-se a mesma fraqueza na attitude de força das sédas e velludos.

A carne das virgens góticas envolvida, como a das santas, em linhos preciosos, anda longe das sédas, todas floridas de cravos e d'al cachofras d'oiro, a agarrarem-se ao chão e a sustentarem em prégas fortes corpos delicados.

Na renascença as roupagens vòm leves, como se a volta daquelles corpos de mulher andassem a lutar na ancia duma caricia a séda e o vento da primavera, o mensageiro bom dos beijos das flôres.

Deliciosa idade d'amôr e d'aventura.

Então aprenderam os pagens a sorrir; que os meninos até alli creavam-se na tristeza dos conventos, onde aprendiam a lêr e a tezar.

Depois os aios traziam-nos sempre no monte na caça d'altanería.

E assim cresciam sem um olhar amigo, que não fôsse o do seu cavallo de batalha.

Nunca floriram os lábios num riso. O capacete frio de ferro tinha-os sempre prêsos longe da caricia da carne das mulheres, quente como o ar embalsamado da primavera.

Aprendiam a gritar e a calar-se com os animaes ferozes, e morriam ás vezes, novos, sem um beijo, sem uma caricia que não fosse a dos seus cães de caça.

Para poder rir antes de morrer a alegria do amôr tinha o cavalleiro de deixar pae e mãe, e ir a terras distantes pelear.

Duro amôr o que se cria longe da terra em que nascemos, o que se não aprende no doce olhar da mãe.

Quando chegou o tempo bom da renascença, os paes tiraram os filhos aos aios, e entregaram-os ás mulheres que lhe formaram o coração.

E aprenderam os cavalleiros a conquistar as mulheres com um sorriso.

Que lindos pagens que havia! Alguns tristes, a bôcca pequena e aguda como a ferida duma seta,

o olhar negro da saúde do pae que lhes morrera na India a pelear.

Outros então loiros, o cabelo modelava-lhes a testa, liso, como uma lâmina d'oiro fino, fendida a deixar vêr a sua pelle delicada. Descia ao longo da face e, quando perdia a caricia da sua carne, voltava a enroscar-se na espira dum anel e ficava a despedir-se num beijo novo.

Todo o mundo fallava então de Portugal.

Os reis de fóra admiravam a riqueza com que os nossos saíam a folgar, e faziam escrever a descrição daquelles cortejos abertos por elephantes cheios de jóias e em que iam, de olhar triste, animaes ferozes que nunca ninguem vira, trazidos dos países conquistados.

Todos os que sabiam o grito de desespero com que os portuguezes ao caírem mortos no chão mordiam a terra extranha que lhes sugava o sangue, admiravam a gentileza dos nossos torneios, a elegância dos nossos saraus.

E vinha-se de fóra aprender a dançar e a cantar em Portugal.

No Tejo entravam as naus aos centos, e saíam aos centos as naus cheias de cavalleiros que iam conquistar as pedras e as sédas no vas que faziam sorrir ás namoradas um sorriso novo.

E não se ouviam as vozes rudes dos marinheiros, tantas eram as músicas e os cantos dos que andavam a rir e a folgar.

No rio e no mar andava sempre a nadar o esplendor do pôr do sol, tantos eram os reflexos d'oiro que a rir e a tremer escorriam para a água das galeotas e bergantins.

Até Deus era mais bonito.

Na renascença o Christo não é como o que appareceu aos artistas medievales, pallido e sem sangue, o corpo magro de jejuns e de trabalhos.

Na renascença o Christo, até a morrer é lindo: expira sem tortura os lábios a sorrir.

Era formoso o Deus daquela idade d'amôr.

Tudo isto morreu com um rei novo que nós tivemos, bonito como uma mulher, forte como um soldado.

Era adorado de todos os cavalleiros novos, e amado pelos guerreiros mais velhos; que D. Sebastião era formoso como a avô, D. Catharina, senhora de D. João III, muito cortejada de todos os cavalleiros, a rainha de todos os torneios do seu tempo; e aquelles cavalleiros velhos enchiam-se de ternura ao ver o neto.

O amôr perfilha sempre os filhos da mulher que amamos...

Adoravam no e foram, cobertos de jóias, como num torneio, morrer num areal distante, muito alegres para o não fazerem chorar.

A arte da renascença é toda graça, por isso ella domina João Machado que a estudou, desde muito novo nos monumentos da sua terra.

Coimbra foi o sitio de Portugal em que a renascença sonhou o mais bello sonho d'arte. Quem quizer estudar a renascença tem de cá vir em romaria piedosa.

Coimbra é ainda hoje, a bella terra que cantaram os poetas quinhentistas, a mesma paysagem socegada, a mesma ondulação branda dos montes.

Relva, árvores, colinas, a terra toda vem desfazer-se numa caricia no rio e parecem acompanhá-lo ao longe, mansamente, até ao mar distante.

As árvores sam as cantadas por Sá de Miranda, e os rouxinóis têm a mesma voz molhada de lágrimas dos rouxinóis do Bernardim Ribeiro.

E' tudo fresco, como o cantou a renascença, tudo choupos e salgueiritos novos. As oliveiras eram já assim velhinhas e boas no tempo de Camões.

Terra encantada, sempre nova, toda fresca e mocidade.

Se até eu, que tenho tanta idade, me sinto ainda novo, sempre a rir com os rapazes.

E é tam bom viver assim a vida sempre nova nêstes campos encantados.

A's vezes elles ralhãem me por eu não ter juizo, e fico-me triste, como quando me dava conselhos o meu irmão mais novo, e elles, ao verem-me triste, põe-se a rir e a fingirem-se mais doidos do que eu sou.

A conversar, páro, ao ouvir uma risada, como se me chamasse uma voz conhecida e muito amiga.

E ponho-me a olhar. Eram os paes que riam assim comigo aos dezanove annos.

E eu fico-me a rir com elles, muito alegre por saber rir ainda um riso assim.

(Continúa)

T. C.

Lyceu

As aulas do lyceu desta cidade reabrem no próximo dia 2 de janeiro.

O sr. Gonçalves, proprietário do Centro photographico, da Estrada da Beira, tem tirado uma série de grupos dos estudantes das diversas faculdades, destinados a ser expostos na futura exposição universal de Paris.

O médico russo dr. Metschnikoff, que se entrega no Instituto Pasteur a estudos sorotherápicos, acaba de descobrir que o soro dos rins é um poderoso específico para reparar a cachexia senil. O especialista está ultimando as experiências de prova para submeter a sua descoberta à Academia de Medicina de Paris.

Os prémios grandes da loteria do Nata

O prémio gordo de 3 milhões de pesetas saiu para Montevidéu. Foi remetido á casa montevidéuana Taraco & C.ª, pelos cambistas madrilenos Sainz Hermanos. Com esse bilhete mandaram mais oito.

Vários décimos compraram os empregados do Hospital de Caridade daquela capital e outro décimo pertence ao espanhol sr. Bauliz que deu sociedade aos seus empregados.

O segundo prémio de dois milhões de pesetas comprou o D. Thomas Romanecho, dono do café de Paris, Barcelona, que o dividiu em pequenos lotes de cinco pesetas entre os seus freguezes e empregados, com excepção de um creado que não quis, pretextando a sua má sorte. O sr. Romanecho ficou com três lotes no valor de 15 pesetas, dando sociedade ao filho e aos creados.

Do terceiro prêmio 1 milhão de pesetas, também vendido em Barcelona, não se sabem pormenores.

Dois décimos do quarto prêmio, 750:000 pesetas, também foram vendidos naquella cidade nos srs. Font y Mila, e dos restantes décimos não se conhecem os possuidores por enquanto.

O bilhete do quinto prêmio, 500:000 pesetas, foi vendido em Santander, saindo numa povoação chamada Unquera.

O sexto prêmio, 250:000 pesetas, saiu em Sigüenza (Gualadajara), enviado de Madrid por D. Manuel Caballero para um amigo que lho pediu. Por indicações desse amigo, mas que por vontade própria, ficou o sr. Caballero com um décimo e offereceu sociedade aos empregados do Crédit Lyonnais; ao sr. Caballero couberam 13:000 pesetas.

Concurso

A câmara municipal da Figueira da Foz pediu auctorização superior para pôr a concurso o novo partido médico do sul do concelho, e o lugar de veterinário. Enquanto este lugar não é provido definitivamente, a inspecção ás rézes no matadouro será feita pelo sr. Avila Horta, veterinário contratado pela câmara, e que começará a exercer as suas funções no dia 2 de fevereiro próximo.

Cartas da provincia

Poiães, 26 de dezembro.

Tristes sam os tempos que atravessamos! Entre nós feneceram os intuitos patrióticos e só preponderam a sede insaciavel do mando e os interesses de campanário.

Como todos sabem, os partidos políticos, que ahi tam ingloriamente se degladiam e que tam rasgadas promessas de reformas politicas nos fizeram—reformas por elles julgadas como base indispensavel de todas as reformas administrativas e financeiras—nada absolutamente têm feito.

Nos programmas d'esses partidos lá apparecem as reformas politicas como base indispensavel de todo o bom governo. Sem elles era impossivel a reorganização das nossas finanças, diziam.

Mais tarde, porém, mudaram de opinião e disseram que se deviam pôr completamente de parte as reformas politicas em quanto não fossem regularizadas as finanças.

E após tantos annos de governo abalançaram-se por ventura a pô-las em prática?

Não; porque mudaram outra vez de opinião. Para reorganisar a fazenda pública não se carecia que ella assentasse sobre a transformação completa, radical das nossas instituições politicas? E quaes têm sido as normas de bom governo adoptadas por esses partidos, todos infelizmente o sabem.

Na opposição cu no poder promettem reformar tudo, a fazenda, as instituições, a administração, a magistratura, auxiliar eficazmente a agricultura, o commercio, a industria; moralidade em tudo, melhoramentos na viação, redução nas despezas, severissima economia, extincção do deficit e... um mirabolante saldo positivo dalguns milhares de contos.

E nada mais. Perdão; prometteram nos tambem a liberdade d'imprensa, não exercer pressões e veniagens electoraes.

Qual a razão porque faltaram a tudo quanto prometteram? É fácil de descobrir. Nos seus longos, fastidiosos aranzeis de logares communs, apenas tiveram e têm em mira nunca cumprirem o que prometteram.

Daqui a indiferença com que o país recebe tuas promessas. Felizmente, vai-se robustecendo o sentimento popular. O povo, saindo da sua culposa indiferença, vai-se compenetrando de que só a democracia pôde salvar o país.

Ao povo cumpre vigiar pelos seus interesses, velar pela sua autonomia e fallar em nome dos seus direitos.

O vencimento da eleição dos deputados democraticos pelo Porto, essa terra sempre leal, honrada e generosa, é um grande aviso, uma lição singular e um poderoso desengano aos que tanto têm abusado.

O partido democratico ha de dar sempre sobejas provas duma politica séria, leal, definida, sem manchas, nem conluios; o partido democratico, e só elle, poderá, com aquellas energias largas e patrioticas de que precisam todos os governos que querem e têm obrigação de governar, poderá, repetimo-lo, acabar com os defeitos e vicios da nossa administração e regularizar as nossas finanças, salvando o país do abysmo tremendo da bancarrota.

Demais, nós, como portuguezes, só queremos quem melhor governe, quem maior liberdade e mais perfeita e sólida prosperidade nos possa outhorgar.

Não temos outro ideal. E esse ideal só no-lo pôde dar o partido democratico.

x.

Bombeiros voluntários

No domingo realizou-se a eleição dos corpos gerentes desta benemérita e synpathica corporação. Foram eleitos os seguintes srs.

Direcção—presidente, Adelino Augusto Ferrão Castello-Branco; Vice-presidente, António Coutinho

Moura Bastos; Secretário, Francisco da Fonseca; Vice-secretário, José António Simões; Thesoureiro, Ricardo Pereira da Silva.

Conselho fiscal—Manuel José de Sousa Guimarães, José Marques Pereira e Augusto Gonçalves e Silva.

Aviso

A comissão municipal republicana da Figueira, pede aos cidadãos republicanos que compareçam no sabbado, 30 do corrente, pelas 8 horas da noite, na rua Fernandes Coelho, n.º 13 15 (quasi em frente da rua da Glória), para tratar de assumpto de interesse do partido.

Entre a Inglaterra e o Transwaal

Paris, 25.—Apesar da Inglaterra se mostrar hostil a toda a ideia de mediação, corre em Londres que a rainha Victória, no decorrer da visita que lhe fizeram lord Roberts e o marquês de Salisbury, exprimiu o desejo de que a guerra terminasse o mais depressa possivel.

Aqui ha quem sustente que a vinda a Paris Mr. Cambon, embaixador francês em Londres, se relaciona com questões respeitantes à paz.

Nada disto, porém, tem carácter official.

Paris, 25.—Um telegramma de Durban noticia que chegaram alli numerosos feridos provenientes do combate do Tugela, sendo preciso transformar alguns navios em hospitaes de sangue.

Acrescenta que se estão constituindo dois novos esquadrões de esclarecedores e que os addidos militares extranjeiros já estão no quartel general de sir Redvers Buller.

Paris, 25.—Um telegramma de Melbourne, inserto no Times, diz que no meiado de janeiro partirão para a Africa do sul 272 officiaes e soldados.

De Wellington participam ao mesmo jornal que o segundo contingente da Nova-Zelandia, na força 250 homens, sahe para o mesmo destino por toda a primeira quinzena do mesmo mês.

PUBLICAÇÕES

Dicionário de Seis Línguas

Está publicada a setima série desta notavel obra, comprehendendo os fasciculos 31 a 35, que vam desde as letras Inf até Mon e relativo ás paginas 417 a 496.

Este dicionário, feito sob um plano inteiramente novo, permite conhecer simultaneamente as seis linguas que trata, dispensando a consulta de dicionários especiaes de cada lingua, resultando maior facilidade procura dos vocabulos e uma grande economia de tempo.

E' um livro utilissimo ao publico em geral e muito especialmente aos estudantes, tabelliães, advogados, escrivães, corporações diplomaticas, consulares, commerciaes e industriaes.

A' utilidade reconhecidamente pratica do dicionário accresce a modicidade extrêma do seu preço, pois cada fasciculo semanal de 10 paginas apenas custa 30 réis.

Todos os pedidos de assignaturas se podem dirigir á Empresa Editora do Occidente, Largo do Paço Novo, Lisboa, a qual está publicando o Dicionário das Seis Linguas.

O dicionário abrange o francês, portuguez, allemão, inglês, italiano e espanhol num só volume, contendo por um processo muito engenhoso disposta á consulta do leitor a matéria de trinta dicionários.

E' inquestionavelmente um livro notavel o Dicionário das Seis Linguas.

Litteratura e Arte

O VEU

(De F. DE NION)

I

Júlio Lecroux, ao regressar do ministério, quando dobrava a esquina da rua onde residia, levantou os olhos e viu, na janella, Martha, sua mulher, que, como de costume, o esperava com impaciência.

Subiu rapidamente a escada e entrou no seu domicilio. Martha, que se achava já sentada à mesa com seu filho Paulo, disse a seu marido:

—Estou certa de que te esqueceste de comprar me o pacote de fitas...

Sem dizer uma palavra e interrompendo a apenas com um gesto, Júlio Leroux tirou um pacote da algibeira e entregou-o a sua mulher. Martha apressou-se a desembulhar o pacote e viu que, entre as fitas, havia um veu de senhora.

—Que é isto? perguntou ella com voz trémula.

—Não sei...

—Sei eu todavia. Vejo que vens de casa de alguma amiga...

—Juro te que ignoro como está ahí esse veu. Talvez fosse por descuido do caixeiro da loja onde comprei as fitas.

—Diz-me a verdade. D'onde vens?

—Do ministério.

—Mentes!... Julgas acaso que sou imbecil?

—Mas, mulher...

—Não ha mas que valha. Tudo está acabado entre nós.

—Affianço-te, Martha, que estou innocente e que desconheço a procedência d'esse maldito veu.

—Queres fazer-me acreditar que t'o metteram involuntariamente na algibeira?

—Repito-te...

—E cheira a almiscar! Júlio, tu tens uma amante! Ah, infame! Assim pagas a ternura que sempre te tive!

—Mas, como queres que eu te engane, se nunca me separo de ti, a não ser para ir à repartição?

Júlio approximou-se de sua mulher e esta retrocedeu até à porta da casa immediata.

—Não me toques! exclamou M.

Diz-me donde vens! Diz-me com quem me enganas!

—Estás em erro, minha filha: Juro te que não sei qual a razão porque esse veu está em meu poder,

—Uma mulher!

Martha abriu a porta do quarto, encerrou-se nelle, fechou a porta à chave e disse ao marido:

—Não saírei daqui até que me contes a verdade. E se insistes em negar, irei para casa de minha mãe.

Júlio, que em realidade estava innocente, estava perplexo e não sabia que partido havia de tomar. Durante a sua hesitação, entrou a creada e perguntou:

—Posso servir a sôpa?

—Podes, respondeu Leroux. A senhora está incommodada.

E o pobre homem jantou com o filho no meio da maior tristezza.

—Pois, nesse caso, é verdade tudo quanto te disse. Sim, confesso que te enganei e reconheço que fiz mal.

—Prefiro isso. Não ha nada como o arrependimento. Continua...

—Nada mais tenho que acrescentar.

—E quem é essa mulher? Conheço-a?

—Não. E' uma senhora a quem encontrei num omnibus: uma baroneza.

—Uma baroneza?

—Sim.

—Com que então a tua amante é baroneza?

—E porque não? Não posso eu agradecer-me duma senhora da aristocracia?

—O que te digo é que fazes muito mal em enganar a tua mulherzinha com essa tal baroneza... Já não amas a tua Martha? Jura-me que não tornarás a ver essa mulher! Jura-me!

E Martha lançou-se, soluçando, nos braços do marido.

—Juro-te! contestou Júlio. E agora, veste-te immediatamente, porque temos que sair.

—Onde vamos?

—A loja onde comprei a fita. Estou certo de que a baroneza que me meteu o veu no pacote das fitas não foi outra senão o caixeiro.

Tradução de

GOMES DOS SANTOS.

—Isso sei eu. Mas que classe de mulher?

—Uma senhora da aristocracia.

—Devêras?

—Sim.

—Amas outra! exclamou Martha, rompendo a chorar. Ah, Júlio! Como és ingrato comigo!

O marido, profundamente commovido:

—Mas não chores, louquinha, não vês que eu te disse isso porque a isso me obrigaste?

Martha cessou de chorar, e, encolerisando-se novamente, exclamou furiosa:

—Não tentes negar, visto que já confessaste tudo. E' inutil pretenderes burlar-me!

—Pois, nesse caso, é verdade tudo quanto te disse. Sim, confesso que te enganei e reconheço que fiz mal.

—Prefiro isso. Não ha nada como o arrependimento. Continua...

—Nada mais tenho que acrescentar.

—E quem é essa mulher? Conheço-a?

—Não. E' uma senhora a quem encontrei num omnibus: uma baroneza.

—Uma baroneza?

—Sim.

—Com que então a tua amante é baroneza?

—E porque não? Não posso eu agradecer-me duma senhora da aristocracia?

—O que te digo é que fazes muito mal em enganar a tua mulherzinha com essa tal baroneza... Já não amas a tua Martha? Jura-me que não tornarás a ver essa mulher! Jura-me!

E Martha lançou-se, soluçando, nos braços do marido.

—Juro-te! contestou Júlio. E agora, veste-te imediatamente, porque temos que sair.

—Onde vamos?

—A loja onde comprei a fita. Estou certo de que a baroneza que me meteu o veu no pacote das fitas não foi outra senão o caixeiro.

Tradução de

GOMES DOS SANTOS.

Do CRÉDITO

e da CIRCULAÇÃO FIDUCIÁRIA

Livraria Central de José Diogo Pires, editor

Largo da Sé Velha, COÍMBRA

I Vol. in 8.º, de 230 páginas... 700 réis

A' venda nas livrarias.

AGRADECIMENTO

Joaquim Miranda, Rosa Maria Miranda, Domingos Miranda, Adelaide Miranda d'Abreu, Júlia Miranda da Cruz Amante, António José d'Abreu, José António da Cruz Amante, João Miranda, Ignácio Miranda, José Miranda, Manuel Miranda, Joaquina Miranda Cardoso, e mais familia em geral agradecem muito penhorados a todas as pessoas que se interessaram pelo estado de saúde de sua prezadissima filha, irmã, cunhada e sobrinha Virginia Miranda, durante o curto periodo da sua enfermidade: ás que lhes dispensaram a fineza de acompanharem os restos mortaes à última morada e se dignaram por qualquer forma manifestar-lhes sentimentos de pesar.

Faltariamos a um dos mais sagrados deveres de gratidão se não tornassemos bem público o testemunho mais sincero do nosso profundo reconhecimento e infinda gratidão para com o hábil e mui distincto facultativo o ex.º sr. dr. Francisco António da Cruz Amante, pelo desvelado e affectuoso carinho com que sempre tratou a nossa querida e nunca esquecida Virginia.

A todos significamos um entrañado reconhecimento, pedindo ao mesmo tempo desculpa de alguma falta que se tenha dado nos agradecimentos por ignorância das residências.

SEMENTES

De repólho, couve do Algarve, e outras qualidades novas e garantidas.

Rua dos Sapateiros, 8 e 10.

O SR. REITOR

Romance naturalista por Afonso Botelho, 1 vol. 800 réis.

o seu rosto, — o rosto dum homem feliz, — exprimiu a surpresa e a alegria. Caminhou ao encontro de Riballier com a mão estendida. O tabelião hesitou. Corresponderia aquélle sorriso com um acto infame? A hesitação foi de curta duração.

—Chegou-me ha pouco uma carta para o senhor.

—Uma carta para mim? Disse Pierre.

—Vem de Paris.

E dum sobescripto, que recebera pela manhã de Paris, e que tinha tirado da carteira antes de sair de casa, puxou a carta que entregou a Pierre. Este virou a e tornou a virá-la, olhou para a lettra e disse: —Não conheço ninguém em Paris.

—Leia sempre. Póde ser alguma herança.

Pierre fez saltar o laço, abriu a folha de papel e lançou-lhe os olhos; mas, logo ás primeiras linhas, deu um grito terrível que fez dar um salto a Riballier, e chamou as creanças que vieram ver.

—Que querem vocês? exclamou, afastando-os com o olhar. Vam brincar.

E, sem dar por Riballier, de pé, em frente delle, olhou para a carta, e desta vez leu a toda, sem parar.

—E' infame, murmurou encostando se à parede.

—O que é? perguntou timidamente Riballier.

Fábrica de cimentos de Maceira (LEIRIA)

28 Cimentos naturaes de presa lenta.

Análises officiaes feitas nos laboratórios da 1.ª circunscripção hydraulica.

Os melhores cimentos naturaes do pais especialmente para obras hydraulicas.

Cimento Rápido— Cal-hydraulica.

A' venda nos principaes estabelecimentos de ferragens, de drogarias e de materiaes de construção.

Direcção para a fábrica:

MACEIRA — LEIRIA

João H. T. Guedes

Aos agricultores!!!

Está publicado o

Almanach das Aldeias para 1900

Abrange todos os elementos próprios de livros desta ordem; insere numerosos artigos sobre todos os ramos de agricultura e industrias rurales. Além disso trata assumptos importantes da vida prática, pelo que é um livro utilissimo

PARA TODA A GENTE

1 vol. de 160 páginas, illustrado com 34 gravuras — 150 réis.

A' venda nas principaes livrarias do pais.

Remette-se, immediatamente, pelo correio, franco de porte, a quem remetter a respectiva importância ao director da **Gazeta das Aldeias**, rua do Costa Cabral, 1216 — Porto.

As fabricas a vapor

Cartão e corda de amianto para as máchinas.

Preços sem competidor.

José Marques Ladeira

R. Visconde da Luz — COÍMBRA

—Nada, nada! disse Pierre muito depressa; e com um sorriso quebrado pelas lágrimas, acrescentou: agradeço-lhe o ter-me trazido esta carta.

Depois, sem poder dizer mais nada, entrou na sala da aula e fechou a porta. Então, sósinho, deixou se cair sobre um banco, e, amarrando a carta entre as mãos, depois de ter tornado a lê-la, poz-se a soluçar, mas este accesso durou minutos apenas.

Pierre levantou-se de repente, e correndo para fóra de casa, sem pensar nos discipulos, foi ter com Madeleine.

—Onde está Madeleine? perguntou a primeira pessoa que encontrou no vestibulo da casa; e que ficou aterrada com a sua palidões.

—No quarto, julgo eu.

Sem pensar em se fazer annunciar, subiu a escada, como um doido, chegou à porta do quarto, bateu e entrou, sem esperar que lhe respondessem. Madeleine estava sósinha, a ler.

—Donde vem o senhor? perguntou a sorrir, deixando o livro, contente e surprehendida.

Pierre, em lugar de responder, fechou a porta, e, pondo-lhe de repente a carta deante dos olhos, disse-lhe:

—Accusam-a. Defenda se.

REMÉDIOS DE AYER

O Remédio de Ayer contra sezões, febres intermitentes e biliosas.

Peitoral de Cereja, de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tubérculos pulmonares.

Frasco, 1\$100 réis; meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pílulas Cathárticas, de Ayer.—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



O Vigor do Cabello DO DR. AYER,

impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e forma-sura.



Salsaparrilha de Ayer.

Para a cura effica e prompta das Molestias provenientes da impureza do Sangue.

Tónico Oriental—(marca Cassel)—Exquisita preparação para aformosear o cabelo—Extirpa todas as affecções do cráneo, limpa e perfuma a cabeça.

Água Flórída (marca Cassels).—Perfume delicioso para o lenço, o touca-dor e o banho.

Sabonetes de glicerina.—(marca Cassels).—Muito grandes, qualidade superior.

A venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermifugo de B. L. Fahnestock.—E' o melhor remédio contra lombrigas. O proprietário está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

Frasco, 1\$100 réis

Frasco, 1\$100 réis

ESTABELECIMENTO

DE FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO

DE JOÃO GOMES MOREIRA

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os maisapparelhos concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gesso vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moinhos e torradores para café, máchinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Rédes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ébano e marfim, completo sortido em taqueiros e outros artigos de Guimaraes.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatório e cozinha.

CURSO DE HABILITAÇÃO

PARA O

MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

Rua da Sophia, 57—COIMBRA

Continúa a funcionar este curso, dirigido pela professora complementar da cidade de Coimbra, Olívia Fontes d'Almeida, habilitada com o curso complementar pela Escola Normal do Porto.

Os resultados obtidos pelos alumnos que têm frequentado este curso, sam garantia bastante para os candidatos que desejem habilitar-se para o magistério primário.

Para que possam certificar-se da veracidade do que affirmamos, publicamos os nomes e residência dos alumnos que obtiveram approvação, tanto na Escola Districtal de Aveiro, como na de Villa Real e Braga, único réclame que a Directora deste curso costuma fazer.

O corpo docente deste curso é constituído pelos seguintes professores: Olívia Fontes d'Almeida.

Julião Maria Paes da Silva, legalmente habilitado.

Francisco Duarte d'Almeida.

Alumnos que frequentaram o curso e obtiveram approvação

- D. Maria da Graça Cancellia Fontes, de Villa Real.
- D. Luiza Carmelina Teixeira d'Azevedo, de Coimbra.
- D. Maria do Carmo Ventura, de Coimbra.
- D. Maria d'Assumpção Sant'Anna Ladeira, de Coimbra.
- D. Maria Amália Pereira Monteiro, de Coimbra.
- D. Albertina Veiga, da Figueira da Foz.
- D. Maria d'Assumpção Figueiredo Gomes, de Coimbra.
- D. Maria Guilhermina Xavier Pereira, de Miranda do Côrvo.
- Accácio Alves Fontes, de Villa Real.

RECEBEM-SE ALUMNOS INTERNOS



Escriptorio e officinas RUA GARRETT, 48, 1.º, LISBOA

Escriptorio e officinas RUA GARRETT, 48, 1.º, LISBOA

Marca registada

Premado com a medalha d'ouro na Exposição Industrial do Porto de 1897

O Bico Auer é o único cujas mangas sam fabricadas em Portugal e portanto o Único Nacional, o que foi reconhecido pelo digno jury da Exposição de productos nacionaes do Porto, concedendo unicamente a elle a Medalha d'Ouro que constituiu a mais alta recompensa.

Succursal em Coimbra, rua do Visconde da Luz, 101 a 103.

F. Fernandes Costa

E

ANTÓNIO THOMÉ

ADVOGADOS

Rua do Visconde da Luz, 50

Charrette

Vende-se uma. Trata-se com Francisco Nogueira Sácco.

Terreiro da Erva Coimbra

SALON DE LA MODE

92—Rua Ferreira Borges—92

A única casa que vende barato

em Coimbra

12 **Artigos** de primeira qualidade e últimas novidades para a presente estação.

Vestidos de bonitas lãs elegantemente feitos pelos últimos figurinos a 12\$000 réis.

Chapéus novidades para senhora a 4\$500 réis. Capas, pelerines, casacos, o que se pôde imaginar de mais elegante.

Camisas, collarinhos, punhos, gravatas e luvas

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20—(Detraz de S. Bartholomeu)

COÍMBRA

25 **Esta** casa a mais antiga e mais bem montada neste género continúa a encarregar-se de funeraes completos desde os mais modestos aos mais pomposos, tanto nesta cidade como fóra, para o que tem boas peças douradas para adultos e creanças; e completo sortimento de armações de velludo e todos os mais ornamentos preciosos para este effeito.

Grande sortimento de fitas de faile, moiré, ganfré, glacé e setim em todas as côres e larguras.

O mais completo sortido de cordas e bouquets tanto fúnebres como de gala, que vende por preços muito diminutos.

Tem tambem um grande armazem de fazendas nacionaes e estrangeiras em que faz grandes descontos para revender.

FABRICA DE CERAMICA

João da Silva Pinho

91—Rua Direita, 93—COIMBRA

3 **Diversos** materiaes de construcção, taes como: manilhas, telhões, balaustres, tijolos de todas as dimensões para fornos e chaminés, syphões e bacias para retretes, tanto em barro branco como em vermelho, e bem assim diferentes utensilios, como: vasos para jardins, tachos para cosinha, fogareiros, etc, tudo de boa construcção.

Esta fábrica está montada nas condições de poder satisfazer de prompto qualquer encomenda.

COZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços commodos. Tem bons quartos para alugar, acceitando hóspedes permanentes.

O proprietário, José Maria Junior.

15 **Duas** senhoras recebem creanças de qualquer idade, externas e internas, para tratar da sua educação e instrucção.

Para mais esclarecimentos, rua Ferreira Borges, 185, 3.º andar.

19 **Quem** quizer tomar de arrendamento o grupo de casas da rua das Padeiras que tem estado arrendado ao sr. Manuel José de Sousa Guimarães, dirija-se ao solicitador Rocha Ferreira, Sophia, —Coimbra.

18 **Senhora** habilitada ensina a confeccionar todo o genero de flôres. Tambem ensina bordados a ouro, escama, froco sobre vidro, trabalhos em vidro fundido, ouro sobre vidro, fio de côco, etc.

Dam-se informações em casa do sr. Miguel da Fonseca Barata na rua dos Sapateiros.

26 **Chegaram** à Papelaria Borges as seguintes novidades:

Mais 4 Bilhetes Postaes com vistas de Coimbra, um album de photographias do Centenário da Sebenta e outro de vistas de Coimbra uma linda collecção de chromos para calendários e para felicitações.

ALEMTEJO

27 **O** melhor enchido do Alemtejo que se vende em Coimbra (o que se pôde garantir) é na mercearia de António Fernandes, na rua do Corvo.

Officina de malas

DE

Pedro da Silva

39, Rua de Quebra-Costas, 39 Coimbra

Nesta officina encontra-se um variado sortido de malas em diversos gostos e formatos. Satisfazem-se quaesquer encomendas com promptidão, assim como se fazem concertos com a máxima perfeição. Preços resumidos, attendendo a que o proprietário desta officina se fornece directamente da fábrica.

RESISTENCIA

Relação e administração, Arco d'Almedina, 6

Editor, José Pereira da Motta

Officina typographica, Arco d'Almedina, 6

N.º 507

COIMBRA — Domingo, 31 de dezembro de 1899

5.º ANNO

Verdades da monarchia

Sam do *Diário Popular* as palavras que transcrevemos em seguida. Quem as escreve é dos que melhor conhecem a situação política do país e o valor dos nossos homens públicos. É um jornalista monarchico; de opposição é verdade, mas contudo da monarchia. As suas palavras têm, pois, um especial valor; o valor que merecem pela pena d'onde saíram. É um pequeno quadro da acção desse governo, em que se salientam, simples mas intensamente, os traços mais vivos duma administração mesquinha, perdulária e odiosa, com a nota dominante dos desperdícios feitos por favoritismo e dos despachos por compadrio.

Mas é de notar que o exposto em relação ao partido progressista é perfeitamente applicavel, com mudança de figuras, ao regenerador. Quer dizer — photographa-se a monarchia com as palavras que seguem:

«O ministério já não presta para nada, tendo sempre prestado para pouquissimo, mas nestes tempos que vam correndo não se pôde dizer que esteja ainda gasto, porque o nivel da moralidade politica desceu tam baixo e o grau do desdem publico subiu tanto, que já não ha coisa que espante nem que indigne. Para comprová-lo sobram exemplos.

No reinado de D. Maria II, mormente no de D. Pedro V e ainda no de D. Luis I, o minimo dos escândalos praticados pela actual situação bastaria para derrubar um ministério e fazer perder todo o conceito a qualquer homem publico. Com o andar dos tempos tudo mudou.

Coisas mínimas causavam noutros tempos enorme abalo na opinião. Agora vimos passar quasi incólumes as estranhas proezas dos milhos açorianos, tornando-se magistrados administrativos, ajudados pela zumplicidade do governo, agentes de negócios e negociantes elles próprios com desprezo de todos os preceitos do decoro. Mas vimos mais que isso, porque vimos as affrontosas africanas dos negócios da prata, porque vimos as vergonhosas peripécias das tramoiás da farinha. Aqui foi comprado quatro vezes o que era preciso para servir interesses particulares e foram pagas pelo thesouro contas de centenas e centenas de contos de réis sem nenhuma fiscalização, antes sendo preteridos os mais comensinhos preceitos dos regulamentos de administração e contabilidade pública. Então se viu até o escândalo de ás escondidas serem concedidas importações illegaes de trigo exóticos a fim de favorecer interesses, claros e occultos.

Não queremos fallar de altos cargos politicos conferidos não ao mérito e aos serviços, mas dados nos regalos do passado, aos mimos do presente ou ás esperanças de futuros prévios, nem precisamos relembrar as escandalosas peripécias pré-

sas á exposição de Paris ou aos estudos de contabilidade avariada, porque nos é sufficiente apontar o escárneo, com que é affrontada a miséria pública e com que sam esbanjados os dinheiros do empobrecido thesouro com a criação de centenas de empregos e a collocação de nuvens de apaniguados e parentes.

A desvergonha chegou ao ponto de numa situação angustiosa serem acobertados com pretextos de economia tantos aumentos de despesa e tantos provimentos de empregos como nunca os houve eguaes em nenhum periodo semelhantemente duradouro da nossa historia politica. Basta o rol dos despachos por um só ministério para exceder tudo quanto em três ou quatro meses com a mesma devoção se fez por todas as repartições do Estado. E ousamos que tam escandalosos desperdícios têm praticado ou delles sido cúmplices, fallar em elementos dissolventes da politica portugueza, como se alguma coisa mais dissolvente pudesse haver do que esse impudico compadrio a descer em torrentes dos gabinetes ministeriaes.

Dr. Júlio Sacadura

Falleceu na quinta feira o sr. dr. Júlio Sande de Sacadura Bote, illustre professor aposentado da Faculdade de Medicina, onde se distinguiu como um trabalhador indefesso, que votou a sua vida academica aos cuidados da sciencia, e como um professor distincto e honesto. O seu funeral, que teve lugar na sexta feira, foi largamente concorrido, conduzindo a chave do caixão o sr. dr. Costa Alemão, como decano da Faculdade de Medicina e intimo amigo do fallecido. Á beira da campa enalteceram as qualidades do illustre morto os srs. drs. Costa Alemão, Bernardino Machado, Daniel de Mattos, e o quintannista de Medicina sr. Cid.

O cadáver do sr. dr. Sacadura Bote será, provavelmente, trasladado para a Louzã, terra da sua naturalidade, onde o seu carácter e o seu nome eram respeitados e admirados.

Defesa naval da França

Em França e especialmente desde o lamentavel incidente de Fashoda, accentua-se um sério movimento de opinião para que se não regateiem á esquadra os elementos de combate de que ella carece, e que se não falte á organização das defesas dos portos militares, especialmente dos do Mediterraneo, onde a Gran-Bretanha tem concentrado o melhor das suas forças navaes.

Assim parece que muito brevemente vam seguir os trabalhos de fortificação de Bizerta, em Tunis, e a par disso dos portos de Corsega, com o que a divisão naval franceza do Mediterraneo já pôde contar seguras bases de operações.

O ministro da fazenda telegraphou ao Centro commercial do Porto dizendo que, segundo o regulamento que hoje será publicado, os livros commerciaes bem sellados á data da publicação da nova lei do sello, continuam a servir sem novo sello, seja qual fôr o seu padrão.

ANTIGUIDADES DE COIMBRA

D. ANDRÉ JOANNES

Entre as commemorações epigraphicas, embutidas nas paredes da velha cathedral coimbricense, ha uma que se achava implantada na parede, próximo da porta principal, e que de lá foi retirada, talvez no século XVI, quando o bispo D. Jorge mandou revestir as paredes de azulejos. Removida para o alto da parede junto do logar onde foi rasgado o arco da capella de S. Thomás de Villa-nova, lá se achava ultimamente, onde ninguem podia lê-la. A tinta e restos da dou- radura de que a revestiram dam a

esta lápide o aspecto do bronze. Tem no alto dois escudetes, nas extremidades da primeira linha, ornados com leões rompantes.

Commemora o passamento de um chantre da Sé de Coimbra, lombardo de origem, chamado D. André Joannes (ou Annes, ou Ennes).

Era, segundo refere a inscripção, descendente dos militares D. Accursio e D. Guilherme, mestres in *utroque jure*, e falleceu a 3 de setembro 1345 (Era de 1383).

Eis o que nella se encontra:

III : DIE : MEN : STER : DE : E : M : CCC :
LXXX : III : OBIT : DON^o : ANDREAS : IOHIS : CAN
TOR : HVI^o : ECCE : NEPOS : DONI : ACCVRSII : ET :
DONI : GVILHLI : MILITV : MAROS : IN : IVR : CA
NOICO : ET : CIVILI : CVI^o : AIA : REQ^oESCAT : INPACE :

Que se lê:

Tertio die mensis septembris de era millesima trecentesima octogesima tertia obiit Domnus Andreas Johannis, can/for huius ecclesie, nepos Domni Accursii et Domni Guilhelmi, militum, magistrus (sic) in iure canonico et civili; cuius anima requiescat in pace.

Portugal na exposição de Paris

É por demais conhecida a figura vergonhosa que nos obrigam a fazer perante o mundo, na próxima exposição de Paris, aquelles que o favoritismo mais indecoroso collocou á frente da representação portugueza no universal certamen.

O modo reles e mesquinho como sam feitas as installações para os nossos productos; o atrazo inqualificavel em que tudo aquillo se encontra; e as quantiosas sommas que nos tem custado e está custando, além das condições vergonhosas que nos impôs o empreiteiro da estranja que daquillo tomou conta, têm sido apresentados mais ou menos detidamente ao público portuguez. Mas a explicação da maneira por que todas aquellas coisas se consentem não está dada ainda de modo formal e indubitavel. Alguma coisa diz, porém, neste sentido o correspondente de Paris para o nosso collega do *Diário de Noticias*. Leiam-no e comecem a comprehender:

«O meu amigo Xavier de Carvalho, correspondente daquella folha em Paris, dá-nos nesse numero, em logar de honra, como o caso requer, um largo *compte-rendu* do bello jantar e da brilhante *soirée* que o sr. visconde de Faria, inspector dos trabalhos da secção portugueza na futura exposição offerceu ao seu primo e amigo o sr. conselheiro Ressano Garcia, commissário geral do governo portuguez junto da mesma exposição, no seu elegante *appartement* da rua Boissière.

«Eu já tinha ouvido fallar vagamente numa festa e jantares dados no pavilhão da rua Boissière, enquanto que os barrotes do outro, desenhavam no espaço a carcassa

dam *Chalet de nécessité* sobre que fluctua a bandeira portugueza. Mas attribua esses boatos á má vontade alguns invejosos das glórias do nosso pais no estrangeiro.

«O correspondente do *Século* descobriu-me porém o mysterio, e a sua chronica da brilhante festa da rua Boissière explica a razão do elevado preço que se diz já terem custado ao thesouro portuguez os barrotes da carcassa do *Chalet de nécessité* destinado a expôr os artigos de pesca, de caça e não sei de que mais coisas lusitanas — de pesca... sobretudo.

«E como a organização de taes festas exigem cuidados especiaes, que tomam muito tempo, é tambem essa a causa do atrazo em que se acham os trabalhos da secção portugueza. Que diabo! um inspector não tem o dom da ubiuidade. E enquanto dirige os preparativos das recepções na rua Boissière, não pode dirigir as obras do nosso pavilhão na rua das Nações.

«Por outro lado, o commissário do governo não pode andar a estudar contabilidade por esses países fóra, assistir ás festas do primo inspector, e ao mesmo tempo fiscalizar a marcha dos trabalhos collocados sob sua responsabilidade. É muita coisa para um homem só!

«E a propósito, lembra-me que foi talvez ao voltar de um dos banquetes da rua Boissière que o nosso architecto concebeu o projecto luminoso de imprimir a forma de um *Chalet de nécessité* ao futuro pavilhão portuguez da exposição de 1900. A ideia, em taes circunstancias, além de symbolica... seria lógica.»

Vam percebendo?...

A VARIOLA

O estado de abandono a que tem sido votado pelas auctoridades o momentoso assumpto da saúde pública perante a invasão de variola que ha largos

mêses assentou e se propag nesta cidade, provocou de parte da imprensa local e do correspondente daqui para o *Primeiro de Janeiro* reclamações promptas de providências energicas, que não vemos que se tenham dado.

O *Tribuna Popular*, referindo-se a um artigo publicado sobre o assumpto na *Correspondência de Coimbra*, dá a entender que em Coimbra as coisas correm pelo melhor, como se todos se mostrassem interessados em atacar com energia a doença que vai lavrando insistentemente.

Ora é isto precisamente que nós não vemos; o que se averigua sam negligências constantes, como as que denuncia o correspondente do *Primeiro de Janeiro*. Desinfectões têm sido feitas algumas; mas com certeza se não tem procedido á de todas as casas em que tem havido doenças de variola, nem, embora se tenham feito, nós parece que estas sejam de effectos sempre seguros. Desinfectão de roupas de variolosos não tem havido, nem em Coimbra ha onde se façam; pois o maximbombo que para ahí veiu foi um lôgro do governo que o mandou. Não serve para nada, ao que nos consta; e é talvez por isso que ainda não serviu. E embora fôsse útil para desinfectões de pouca intensidade, ouvimos dizer que não serve para desinfectão de variola, por não poder desinvolver sufficiente energia esterilizadora dos germens variolosos.

Parece-nos por isso indispensavel que as auctoridades se resolvam de vez a pôr em prática todos os meios de prevenção que se lhes offereçam, mas que principalmente promovam as vaccinações de creanças e adultos. E para os pobres facilite-se quanto possivel este meio preventivo.

Enfim o nosso dever é clamar por que se attenda com o maior cuidado ás condições da saúde pública; as auctoridades cumpram pelo seu lado com o seu dever, que é bem mais imperioso do que o nosso.

Em Lageosa, concelho de Celorico da Beira, falleceu inesperadamente, victimado por uma doença do coração, o sr. dr. Francisco Maria de Lima e Nunes, natural desta cidade, mas ha muitos annos residente na Figueira da Foz, onde exercia com muita distincção as funções de facultativo municipal, guarda-mór de saúde e medico da Companhia dos caminhos de ferro da Beira-Alta.

O fallecido era um distincto clinico e um carácter honestissimo, gosando de geraes sympathias na Figueira e nesta terra, que lhe foi bérço, onde era geralmente estimado.

Está concluida a impressão do Anuário da Universidade para o corrente anno lectivo de 1899-1900.

VIDAS SIMPLES

JOÃO MACHADO

A renascença é a vida nova da riqueza, do amor, e da aventura.

O gótico é torturado e severo, a renascença elegante e graciosa.

Para atar um capricho vegetal, o gótico torce a pedra numa corda, dá um nó forte, como se tivessem de resistir aquélles troncos ao vento aspero que fustiga os mares.

Outras vezes corta-se numa corcêia, mordida pelo dente duro duma fivella de ferro.

Na renascença, as fitas, para atar, abrem um laço duma elegância feminina, sam leves de sêda, e, antes de terminarem na borla em que se desfazem na última carícia, deixam-se ondular, a enrugar a pedra, como os beijos leves do vento sobre as águas serenas dos ribeiros.

Por toda a parte brinca delicadamente a luz em esbatidos suaves, sem a dureza das sombras fundas.

Por toda a parte a vida.

A pedra levanta-se numa ondulação brilhante de vida, a medo, não vá apparecer a sombra e fugir a luz.

Num friso, vê a gente de repente apparecer a vida a luzir e a tremer, como uma gotta de azougue. A principio não se sabe o que é; mas sente-se a vida que dahí a pouco se accentua na haste duma planta, rompe para o lado no capricho duma folha que se ergue, arquia, abaixa e se vai perder na pedra. Mas a espira de luz continúa a abrir-se em flôres a desdobrar-se em folhas, para terminar na curva elegante dum corpo de mulher. Da carícia dos seus cabelos, a perder-se na pedra, solta inteso o último grito da vida que nascera humilde na haste delicada duma planta de fantasia.

Assim é nalgumas pilastras de João Machado. Começa o desenho por um florão de bronze que prende numa fita um ramo de folhas. Mais adiante abrem a flores, e a luz faz brilhar, triumphante, o medalhão central, de que irrompe um busto delicado de mulher, fresco como um olho d'água a nascer da terra. Depois vai a vida decrescendo até terminar em folhas e flôres delicadas a luzirem ao sol, como a água dos ribeiros a perder-se na relva verde dos campos.

E tudo isto é feito muito delicadamente num grande amor pela pedra. O cinzel parece nem a ha ver ferido. Foi a pedra que se er gueu assim, cheia de vida, a carícia do sol.

João Machado estudou a graduação subtil dos planos da renascença, achou a arte daquella graça.

E tam delicada a graduação dos planos, que a pedra quasi se não levanta, e a gente, ao vêr os anjos e as mulheres cheias de vida intensa, caminhando na transparência dos veus e no ondular dos vestidos delicados, se julga preso de uma illusão de luz, como a dos cortejos triumphaes das nuvens ao pôr do sol.

Por isso parecem feitos de luz, e voam leves, sem nuvens a que se encostem, os anjos que no Pio cercam um baixo relevo de João Machado, representando a virgem numa acariciadora figura de mulher a deitar o filho no berço do seu braço de mãe, curvo, como a aza duma ave.

Esta vida do ornato cantam nas todas as obras da renascença sempre a abrir-se em janellas e varandas cheias de figuras a vêr, a conversar.

Nos jazigos de João Machado, planeados pela arte e o saber de Pinto, o illustre professor d'architectura na *Eschola Brotero*, as archivoltas animam-se do vôo dos anjos.

Nas cimalthas, por entre as azas, que se agarram a pedra, como osinhos das andorinhas, sorriem os anjos a espreitar.

Sob os baldaquinos abertos em arcadas vêem-se figuras cheias da graça ingênua da adolescência, como aquella linda fé que representou tam nova no olhar innocente

e bom duma menina, no jazigo de Moura Bastos. No mesmo jazigo ha a admirar a figura do pagem que espreita, e o medalhão central duma pilastra, capricho sentido de artista delicado.

De tanto estudar as obras da renascença, João Machado sabe de cór a vida daquélles animaes phantásticos.

Algun, que nas obras da renascença apenas apparece parado, vò num frizo, ou pousa a cantar num capitel de João Machado, com a graça e movimento das phantasias da renascença.

E que maravilhosos animaes aquélles.

O monstro, que na arte gòthica se apresenta sem pelle, os músculos a mostra, a bôcca torsida numa tortura a gritar, na renascença cobre-se da doçura das penas, da frescura das fôlhas e conta, como os animaes da fábula, histórias que fazem rir.

Sam os animaes que nos jardins encantados dos contos de fadas pousam na borda dos tanques de marmore e dizem, a mirar-se na água, as palavras mysteriosas que quebraram o encanto da princesa transformada em flôr por uma fada má.

Vi na officina de João Machado o estudo de dois baixo-relevos para o palácio do sr. dr. Ayres de Campos em que o artista se possuiu absolutamente do espirito da renascença.

Num dëlles volta-se uma mulher, e parece puxar com a mão calda na graça languida da renascença a espira que é terminada por um grifho, o olhar irritado, as pernas levantadas as garras saídas para deante, a bôcca aberta contra um menino a balouçar-se na última espira do baixo-relevo que parece enroscar-se para dar impulso ao menino em luta contra aquélle animal perseguido.

E' cheio de vida intensa, na irritação do grifho, e no corpo do menino bem modelado, os músculos cariciosamente detalhados, a carne a tremer, o hombro deitado para deante a querer saltar.

O outro baixo-relevo é mais sereno, é uma scena de fábula contada gentilmente a uma senhora.

A mão apoiada sobre o motivo decorativo central, um menino volta-se a ouvir o grifho com que termina a curva do desenho que se lhe segue, e que estende o pescoço, a fazer se comprehender, a bôcca aberta o corpo numa curva de respeito.

O menino volta-se a sorrir, e o corpo torse-se, um pé em movimento, meio suspenso no ar.

Na última espira uma mulher descança e sorri a ouvir aquella história.

Para sublinhar o effeito grotesco daquella scena fábula, uma cabeça phantástica termina em uma curva, olhando para o corpo delicado da mulher, e lambendo com a lingua o seu bico de papagaio.

O olhar luz lhe de malícia na sombra que projecto a sobrance-lha muito muito levantada.

O amor que João Machado tem pelas bellas obras d'arte da antiguidade torna o um decorador excepcional do estylo da renascença que nasceu da admiração da arte antiga.

Por isso surprehendem os dois medalhões da casa do sr. dr. Araujo, bellos, como dois camapheus romanos.

Esta casa é um canto de renascença, cheia de festões pendurados, da graça das creanças, do voar das fitas, do abrir das flôres.

Parece o capricho dum senhor da renascença para esconder a amada. Devia andar rodeada de rosas, sorrir por entre a verdura das arvores e os gritos das flôres.

Veio para a beira da estrada aquella casa, como as mulheres bonitas, a ver quem passa, a colher sorrisos.

E nunca fica sem um olhar enamorado dos que passam aquella casa linda.

(Continúa)

T. C.

Naufrágios

Deu à costa perto de Cascaes um navio espanhol, procedente de Napoles e que dirigia a Saint-Naraire. Da tripulação pereceram quatro homens.

Perto de Setubal naufragou uma canôa de pesca tripulada por nove homens, que pereceram todos.

Nova mercearia

Inaugura-se amanhã no lugar da Arregaça, uma *Nova mercearia*, que alli acaba de ser installada pelo sr. Manoel de Campos Garcia Abranches. E' um estabelecimento muito elegante e bem fornecido de generos de principal necessidade, constituindo uma innovação de ha muito reclamada pelos habitantes daquélle populoso lugar.

A benemèrita corporação dos bombeiros voluntários desta cidade, inaugurou no dia de Natal uma estação de socorro a incêndios, no lugar de Cellas.

A junta geral da Bulla votou a verba de 50:220:000 réis, como subsidio para os diferentes seminários, cabendo ao de Coimbra a quantia de 600:000 réis.

Foi transferido para fevereiro próximo, durante as férias da Páschoa, o 4.º congresso pedagógico anunciado para as férias do Natal.

Termina hoje a validade das estampilhas do imposto do sello, de décima de juros, industriaes e letras de câmbio actualmente em circulação, as quaes poderam ser trocadas na Casa da Moeda, desde o dia 2, por outras idénticas que ham de vigorar no futuro anno de 1900.

A requisição do commissário de policia civil d'Aveiro, seguiu hontem para aquella cidade, Esperança Ferreira, acompanhada sob prisão pelo cabo Nunes, n.º 4 da policia desta cidade.

Os decretos nomeando lentes substitutos da Faculdade de Direito, os srs. drs. José Tavares e Alberto dos Reis, já foram remetidos ao tribunal de contas.

A junta de paróchia da freguesia de Santo André de Poiares foi auctorizada a contrahir um empréstimo de 1:500:000 réis, amortizavel em sete annos com o producto das derramas sobre os seus parochianos e sem encargo de juros, cuja quantia será applicada ás obras de construcção dum novo cemitério e de reparação da mesma igreja.

Começa amanhã a vigorar o novo regulamento de serviço de distribuição de jornaes pelo correio.

E' posta em praça na Estação telegrapho-postal desta cidade, no dia 3 do próximo mês de janeiro, pelas 11 horas da manhã, a conducção de malas do correio, em carro, entre a mesma estação e a do caminho de ferro de Coimbra B.

Está em Lisboa o sr. António Augusto Baptista, zeloso director da Escola nacional de agricultura, estabelecida nesta cidade.

Deu entrada no ministério da fazenda uma relação de annullações por sinistros occasionados na Covilhã.

A reorganização republicana

Em diversos e importantes períodos da nossa devida e leal propaganda democrática e nos mais criticos momentos da nossa vida partidária, temos sempre affirmado com a máxima isempção e firmeza d'animo as mais arrojadas concepções theóricas em prol da reorganização do partido.

O que vemos apenas encetado é simplesmente o que se denomina uma organização rudimentar que não é bastante para synthetizar e concretizar um agrupamento politico; verdadeira cohesão de sentimentos não existe e a suprema e commum aspiração de todos quantos commungam nos principios democraticos a implantação da Republica no nosso país—homogénea na discussão propriamente theórica dos principios, é mal comprehendida e perde-se num labyrintho de devaneios utopistas quando se pretende pôr em prática os meios para se chegar ao almejado fim.

Eis vagamente explicada a razão porque os diversos Directórios têm fracassado uns após outros como que a annullar todos os esforços dos propagandistas republicanos, inutilizando os trabalhos do gabinete e os mais habéis planos da politica de combate, que umas vezes é posta em acção desordenada e tumultuária, outras tantas posta de parte como coisa inútil.

A imprensa republicana apenas tem preenchido brilhantemente a missão para que foi expressamente creada: a vulgarização dos principios democraticos e a revelação dos escândalos da administração pública, estigmatizando com rara energia os abusos e fraudes postos em prática pelos dois partidos da rotação constitucional na sua triste faina do descrédito nacional, anarchizando todos os serviços públicos confiados a sua fiscalização. Daqui tem partido a principal origem da desconsideração do estrangeiro e o pesado aggravamento da nossa triplice crise moral, económica e social.

Mas num ponto se assemelha em tudo e por tudo a imprensa republicana a coorte assalariada do jornalismo monarchico: é quando se entrega, talvez devido à escassez e penuria do meio, a deploraveis controvérsias pessoas entre os próprios membros do partido como tantas e irremediaveis vezes tem succedido com grave prejuizo do decóro partidário, e ninguem esqueceu ainda as vergonhosas questões em dezembro de 1895 motivadas pela saída do sr. Alves Correia da direcção da *Vanguarda*, que elle próprio fundára, e mais recentemente ainda pelas disputas entre o prestigioso jornalista sr. José Caldas e o valente pamphletário sr. João Chagas.

E' forçoso confessar que todo esse tempo perdido duma forma completamente irremediavel, seria muito melhor aproveitado na propaganda theórica dos principios democraticos, convencendo-se a opinião pública com a fácil demonstração da superioridade do regimen republicano sobre o monarchico, o que bastaria para se formar uma eloquente confrontação, invocando-se o exemplo da França, da Suissa, dos Estados Unidos, do Chili, do Brasil e de tantas outras florescentes nacionalidades, que continuam a prosperar sob a moralizadora e severa fiscalização do sistema democratico.

Cançam-se os sophistas da reacção na sua ridicula pretensão de tentarem demonstrar a utilidade pratica do seu odioso sistema de oppressão e retrocesso para as épocas mais calamitosas da nossa história. Argumentam os sectários da Liberdade na sua demolidora, mas abençoada tarefa, em prova rem com a evidência dos factos que a forma republicana do governo é a única possível *vis à vis* do Progresso social e das exigências

sempre crescentes da Civilização, convencendo os scépticos e os indifferentes com o suggestivo exemplo do que se passa na França republicana, que—unicamente devido à sua boa e sensata administração—marcha triumphalmente na verdadeira senda da sua grandéza como poderosa potência continental e colonial, rivalizando já hoje com a Inglaterra no formidavel desenvolvimento da sua marinha de guerra, cujo ininterrupto progresso recebeu brilhantissimo e irresistivel impulso com a gloriosa aquisição da Tunisia, do Tonkin e de Madagascar.

Mas no seio de toda esta violentissima lucha de principios, a desorientação da imprensa dum e outro lado, manifesta-se frequentemente nos seus primitivos processos de combate, onde a preocupação bastante irritante das personalidades—muitas vezes extranhas ao assumpto que se debate—occupa, ou para melhor me exprimir, usurpa o lugar reservado à rigorosa discussão dos principios.

E' este um perigoso e deprimentissimo vicio do nosso temperamento excessivamente meridional, de que urge rigorosamente corrigir a imprensa portuguesa e que também se encontra nas suas congéneres espanhola, italiana e franceza, notando-se nesta última em menor grau, devido talvez à influencia do jornalismo do Norte inglés—allemao, russo e hollandez—onde a exemplar educação e brilhante disciplina de raça imprime o luminoso cunho da absorvente discussão dos principios, aferindo-se a importância individual pelos serviços prestados a Nação.

Eis imparcialmente apontado o primeiro caminho que a imprensa republicana deve conscienciosamente trilhar para se conseguir a patriótica e indispensavel organização partidária em bases sólidas e inabalaveis, o que só se poderá realizar abstrahindo-se de luctas pessoais, confinando cada individuo na sua esphera d'acção propriamente politica, reconhecendo-se unicamente o seu mérito enquanto se conserva em acção, ou fidelidade aos principios que jurou manter e sustentar na sua vida pública e politica.

Reduzindo o personalismo à sua esphera d'acção meramente politica e subordinando o aos principios, a verdadeira organização republicana terá alcançado a sua plena e indiscutivel realização, e ao Directório compete a iniciativa deste emprehendimento se as minhas considerações forem secundadas pela imprensa do partido, pelo menos naquillo que tem algum mérito real:—*A verdade incontestavel dos factos.*

FAZENDA JUNIOR.

O temporal

Noe últimos dias tem chovido em Coimbra copiosamente, de dia e de noite. De quinta para sexta feira a noite esteve verdadeiramente tempestuosa.

CONCURSOS

Estám abertos para os logares de escrivães de direito, contadores das relações; contadores e distribuidores do juizo de direito e de tabelliães de notas.

Bem se vê que a politica do ministro da justiça não a deixa ainda fazer a tam fallada reforma do tabelliado. Que é assim que se chega a chefe do partido com a presidência do conselho de ministros...

Para provimento de logares de professores, vagos nos lyceus, termina o prazo para a entrega de requerimentos no próximo dia 5, ás quatro horas da tarde.

Aquestão da Ribeira-Peixe na ilha de S. Thomé

(2.ª série)

VIII

«A denuncia da usurpação das terras do Estado denominadas Ribeira-Peixe não está nem ficará deserta; «O... que as traz songadas não gozou ainda nem gozará nunca do seu rendimento; «Só pela farronca de as chamar suas, tem gasto e ha de gastar muito d'algo que de igual origem lhe adveio; «Comem-lhe sempre outros os figos e a elle arrebeita-lhe a bocca.

(Resistencia, n.º 500.)

A' segunda vez em que, eu por mim só, renovei e repeti a denuncia e repliquei ao despacho recaido no requerimento transcripto no numero antecedente, fi-lo nos termos seguintes:

—Ill.ª e ex.ª sr. Inspector da Fazenda da Provincia de S. Thomé e Principe.

Ligório Nicolau Cabral, médico-cirurgião, domiciliado e residente nesta ilha de S. Thomé, repete pela quinta vez e renova, por meio deste requerimento, a denuncia que, em 14 de julho de 1894, elle e o Visconde de Nova-Java fizeram perante v. ex.ª, de como a firma agricola Visconde de Valle Flôr & C.ª, representada hoje sómente pelo Conde deste titulo, usurpára consciante e usufruía gratuitamente as terras denominadas Ribeira-Peixe, situadas na freguesia de Santa Cruz dos Angolares, do concelho desta mesma ilha, pertencentes ao Estado.

Esta denuncia, feita, como fica dito, em 14 de julho de 1894, tem sido, competentemente e em devidos termos, renovada em 3 de julho de 1895, 4 de julho de 1896, 8 de maio de 1897 e 14 de julho de 1898. E de tudo tem o requerente documentos em seu poder.

No ultimo desses requerimentos, —no de 14 de julho de 1898— proferiu v. ex.ª o seguinte despacho: —... (transcripto no n.º antecedente).

Ora a port. rég. cit. dispôs exactamente que «havendo contestação de dominio e posse dos terrenos sobre allegação de pertencem ao Estado... deixa aos denunciantes interessados o intentarem sob sua responsabilidade as acções respectivas que julgarem convenientes...»

Mas, para haver essa contestação de dominio e posse, é necessario, segundo a lei, que v. ex.ª mandando o termo da denuncia feita, promova a verificação, isto é: demarcação e delimitação do ter-

reno denunciado; e se na occasião alguém allegar essa posse e dominio sobre elle, mande então passar ao denunciante o competente alvará que o habilite a intentar a acção de reivindicacão perante os tribunaes judiciais.

O requerimento não tem agora que exhibir outros documentos para instruir o seu requerimento de renovação da denuncia. Os essenciaes que a lei exige foram juntos ao requerimento primordial e foram os sufficientes para, em vista d'elles, a denuncia ser accetada por v. ex.ª; fazem parte integrante deste e dos anteriores requerimentos; sam propriedade dos denunciantes e a base inicial do processo de reivindicacão, quando haja de ser intentado.

Para não fatigar a attenção de v. ex.ª, repetindo as razões do direito e da justiça que lhe assistem, expostas nos já citados requerimentos que devem estar todos archivados na repartição de fazenda e, uns nos outros, têm sido sempre dados como reproduzidos; —pondera apenas a v. ex.ª que, apesar de todas as diligências empregadas no empenho de proseguir a sua denuncia e reivindicar para o Estado os terrenos usurpados, não conseguiu até hoje uma resolução clara e terminante que a isso o habilite; ou que indefira ou invalide de vez a sua pretensão.

Nesta situação indefinida, receia que, espaçado o praso de um anno, se dêe como prescripto o seu direito de preferéncia, se a não renovar a tempo.

Por isso repete de novo a sua denuncia e roga a v. ex.ª que se digne de mandar tomar della o termo requerido e seguir os ultimos de lei.

P. deferimento.

E. R. M.º

S. Thomé, 14 de julho de 1899.

Ligório Nicolau Cabral.

Despacho—Mantenho o meu despacho de 19 de julho de 1898 exarado no requerimento que o supplicante dirigiu a esta inspecção em 14 do mesmo mês e anno sobre identica pretensão, pelos mesmos fundamentos expostos no alladido despacho.

Agosto — 3 — 1899.

O mesmo Fulano — Inspector.

Vou agora analysar, com todo o cuidado, os dois despachos e passal-os a limpo, do borrador para o livro de contas correntes.

E' de notar que o primeiro, o que mais gemidos deve ter custaa-

da a ser exprimido, pois foi arrancado a ferros, depois de três investidas em três annos successivos, levou cinco dias para vir a luz: — o requerimento foi entregue em 14, deu entrada em 16 e o despacho é de 19 de julho de 1898. Ao passo que o segundo, — tendo a denuncia sido, como da vez anterior, renovada na memoravel data de 14 de julho, só foi lançado e visto em 4 de agosto! Levou o sr. Inspector vinte dias para dizer que ma... mantinha o mesmo que tinha ex... exarado, no anno passado, em quatro!... Neste intervallo de vinte dias, certo avençado do nobilissimo Conde de Valle Flôr (do Norte!) preparou um *quet á pens* à minha injúria e desleixo, em que desde já confesso que caí; e que, com solemnidade e estrondo, hei de liquidar, talvez um dia; — mas que para aqui não vem ao caso...

Para o caso vem só accentuar que: — Enquanto a denuncia e as suas renovações eram assignadas e entregues ao sr. Inspector por dois collegas (s. ex.ª é advogado de provisão e tem o diploma de médico cirurgião; exerce ambas as profissões e até paga contribuição industrial pelas duas (os duplicados dos requerimentos eram nos restituídos immediatamente na occasião, com o recibo d'entrada passado à vista. E, desde que a denuncia é proseguida por mim só, não se me restituem o duplicado dos requerimentos e dá-se lhes entrada como e quando se quer. Verdade é que têm um despacho qualquer, o que dantes não tinham.

Verdade é tambem que, até certo ponto, andou o sr. Inspector de Fazenda com a sua habitual direitura em manter no segundo despacho o que tinha escripto no primeiro; porque os dois requerimentos não eram mais do que um a repetição do outro. Mas é que em nenhum destes eu pedi que se me accetasse a denuncia. Aceite já ella tinha sido, mesmo por s. ex.ª, em 14 de julho de 1894, à face dos cinco documentos que a instruíam; e foi com certeza legalmente aceita, porque esses documentos eram os essenciaes que a lei exige para a comprovação do direito da fazenda publica aos terrenos denunciados. O que eu requeri, requiero e hei de requerer, em quanto me não seja deferido, é: que se lave o competente termo dessa denuncia, e, verificado que alguém allega dominio e posse desses terrenos — o que, segundo a lei, deve ser feito administrativamente — se passe então o alvará preciso para os denunciantes interessados demandarem pelos meios que julgarem con-

venientes a reivindicacão dos bens denunciados em favor do Estado. Desde o principio vi eu que este era tambem o proceder que a linha da conducta funcional do sr. Inspector de Fazenda lhe ditava; assim o manifestou até no officio dirigido ao governador da provincia, remettendo o processo da denuncia, depois della aceite; e é poisso que s. ex.ª, não podendo coonestar, à vontade, a sua escrupulosa correccão no exercicio do cargo que honrosa e honradamente exerce, vê-se forçado a derretê-la nesses despachos anódinos. Mas eu hei de pô-lo à vontade. Hei de comprovar novamente, com os mesmos documentos, os direitos da Frzenda Publica ás Terras denominadas Ribeira Peixe. O ponto é que seja só isso, e que se não exija depois mais alguma cousa...

Pelo exposto, vêem todos como até um funcionário, aliás escrupulosissimo pelos mais pequenos e reconditos interesses do fisco, deixa de procurar estes que tam importantes sam e tanto ás claras se esperdiçam.

S. Thomé, 5 novembro de 1899.

LIGÓRIO NICOLAU CABRAL.

Mercado de Coimbra

Os preços dos cereaes, durante a semana finda, foram os seguintes:
Trigo de celorico, novo, graúdo, 600 — Dito tremês, 620 — Milho branco, 420 — Dito amarello, 420 — Feijão vermelho, 760 — Dito branco, miúdo, 700 — Dito branco graúdo, 760 — Dito rajado, 500 — Dito frade, 580 — Centeio, 480 — Cevada, 360 — Grão de bico graúdo, 720 — Dito meúdo, 560 — Favas, 480 — Tremoços (20 litros), 320. Azeite da colheita de 1898 está a 17800 e o novo a 17350 réis.

Cruz Vermelha

Esta sociedade destinou 300 libras em oiro (2 contos réis) para socorros aos feridos da guerra da Africa do sul, sendo esta quantia repartida, em donativos de 100 libras, ás três sociedades da Cruz Vermelha dos países belligerantes — Gran-Bretanha, Orange e Transvaal. Tendo a sociedade inglesa declarado que não recebe, ao menos por agora, donativos das sociedades extranjeiras, ficará reservada a parte que lhe corresponde, até ulterior resolução. Os donativos ás sociedades dos boërs foram remetidos por via segura.

A Cruz Vermelha portugüesa tomou estas resoluções para responder a um appello do Comité Internacional da Cruz Vermelha, em Genebra, centro official das sociedades deste nome. Além disto, e a exemplo do que fez por occasião da guerra hispano-americana, a sociedade portugüesa offereceu os seus serviços ás sociedades dos belligerantes para lhes servir de intermediária na troca de correspondências entre os prisioneiros e suas familias.

EDITAL

29 **Augusto Vieira de Campos**, recbedor do concelho de Coimbra, faz público que o cofre da recebedoria do dito concelho se abre no dia 2 de janeiro próximo, encerrando se no dia 31 do mesmo mês, para o pagamento voluntário das contribuições predial, industrial, renda de casas, sumptuária e décima de juros do anno de 1899. Coimbra, 29 de dezembro de 1899. O Recbedor, Augusto Vieira de Campos.

BOAS FESTAS

A empresa do BICO AUER

Desija felizes festas e bom anno novo aos seus clientes

Succursal em Coimbra, rua do Visconde da Luz

Folhetim da «RESISTENCIA»

ERNEST DAUDET

DEPOIS DO PECCADO

LIVRO SEGUNDO

III

Magdalena olhou para elle semprehender, pegou na carta e viu ao lê-la uma commoção tam grande, que o papel tremia nas suas mãos, e a physionomia se decomponha. A mentira, que ia dizer, morreu nos lábios. Caiu de joelhos, as mãos postas, e disse só a palavra: —Perdão! —Desgraçada! Então era verdade. Pierre, deixando-se cair sobre a cadeira que estava atraz d'elle, os cotovellos nos joelhos, mettas mãos nos cabellos e pôs-se chorar repetindo: —Era verdade! Era verdade! Então Magdalena, humilhando-se diante d'elle, desfez-se em gemidos e em supplicas. —Fiz mal em querer enganá-lo;

mas desculpa-me o amor. Não me atrevi a confessar; não ousei contar-lhe a minha vida; tive medo de deixar de ser amada. E' verdade, enganava-o; mas qual seria a mulher que o não enganaria no meu logar? Julgava ter posto um mundo entre o presente e o passado; pensava que não conheceria nunca esse passado. Sendo assim, para que havia eu de tomar a iniciativa duma revelação que havia de fazê-lo desgraçado? Fui culpada, a minha vida é cheia de vergonhas, mas pensava que o ceu as perdoaria. O seu amor tinha-me regenerado e esperava reparar pela ternura pelo cumprimento do dever, esse passado que acaba de lhe ser revelado. Ao ouvir estas palavras, Pierre deu um salto, e levantando-se olhou para Magdalena, e disse: —O seu dever! Como se atreve a fallar d'elle, depois de ter faltado ao mais sagrado de todos? Devia-me ter dito a verdade. —Dizer-lh'a estava acima das minhas forças. —Seja; comprehendo que tivesse medo de me dizer a verdade, e até ao dia d'hontem, não tinha obrigação de o fazer; porque, apesar de tudo, não animava o meu amor. Mas hontem, quando a sua bocca me embriagava, quando me dizia que me amava, quando eu a interrogava agitado por uma dúvida mysteriosa que renascia sem cessar da minha alma, como teve

coragem para me escutar e para me responder, que digo eu! para me provocar; porque eu nunca teria a audácia de lhe fallar sem que a senhora me animasse! Não teve medo de me armar um laço, de me expôr à infâmia; teria sido na verdade um infame, sem querer, e sem saber, se tivesse coberto com o meu nome as suas faltas, se tivesse accedido uma fortuna cuja origem é ignominiosa. —Oh! Ouvir-lhe essas palavras, Pierre! Tenha dó de mim. —Dó da senhora! Posso lá! Não fica destruida toda a felicidade que sonhei? Posso por acaso unir a minha vida, a uma vida deshonrada? Não se mettem entre nós a separar-nos os bens que a senhora possui, fructo da sua vida desordenada? —Esses bens detestados dou os aos pobres. Já tinham parte, fiquem com o resto. Não quero nada. —E' muito tarde! disse Pierre sacudindo a cabeça. —Mas o senhor não vai abandonar-me? disse Magdalena, erguendo-se louca de terror. —Só me resta partir. —E' impossivel! —Mais impossivel é dar-lhe o meu nome. —Seja! Não serei tua mulher; mas serei a tua escrava, a tua serva. Tinha-se aproximado d'elle, pegava-lhe nas mãos, agarrava-se-lhe

ao fato supplicante, os cabellos soltos, desesperada. —Deixe-me! murmurou elle furioso. Causa-me nojo. —Pierre! Pierre! exclamou Magdalena; mata-me; mas não me abandones assim. Desta vez não respondeu. Com um movimento saccudido deitou para longe Magdalena; depois fugiu, enquanto ella, magoada, caía desmaiada no tapete do quarto. Antes de sair, viu-a cair. Fez um movimento para voltar para traz; mas, quasi logo, obedecendo à impulsão da sua cólera, continuou a correr, descendo quatro a quatro, como doido, aquella escada que na véspera subira de coração alegre. No dia seguinte já não estava na terra, e Magdalena só pensava em morrer.

IV

Chegou o inverno; as montanhas estão cobertas de neve, e, quando o sol se levanta, deixa cair os seus raios sobre os cumes brancos das serras. O castello de Joyeuse, cuja fachada cinzenta estava oculta numa cortina de castanheiros, de tilias e de plátanos, vê-se agora de longe por entre os ramos sem folhas, cheios de chrisitalizações de gelo pulverizadas, como vidro moído. Tudo é triste, é tudo sombrio. E o frio, que reina em toda a parte, penetra o homem até ao coração.

PUBLICAÇÕES

O Occidente. — Recebemos o n.º 755 do Occidente que publica as seguintes gravuras: Retrato de J. A. Ferreira da Silveira, lente da Academia Polytechnica do Porto; A primeira missa no Brasil, desenho de Condeixa; Tumbulo de S. Francisco Xavier; Estado em que foi encontrado S. Francisco Xavier em 1859; Necrologia, José Ferreira Chaves. A parte litteraria compõe-se dos seguintes artigos: Chronica Occidental, por D. João da Cámara; Os séculos da Revolução, por Conde de Valença; As nossas gravuras; O apóstolo das Indias, por D. Francisco de Noronha; O tambor-mór Ponte do Sul, por Pin-Sel; O Jagado, por Henrique de Carvalho; O descobrimento do Brasil, narrativa de um marinheiro; Necrologia; Publicações, etc.

A peste no Porto

Autopsia a um sábio da China

(Resposta ás cartas de J. Gomes da Silva publicadas no «Commercio do Porto»)

por

Eduardo de Sousa

(Médico e Jornalista)

A venda em todas as livrarias do reino

(Continúa).

REMÉDIOS DE AYER

O Remédio de Ayer contra sezões, febres intermitentes e biliosas.

Peitoral de Cereja, de Ayer. O remédio mais seguro que ha para curar a Tosse, Bronchite, Asthma e Tubérculos pulmonares.

Frasco, 1,200 réis; meio frasco, 600 réis.

Todos os remédios que ficam indicados sam altamente concentrados de maneira que saem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

Pilulas Cathárticas, de Ayer.—O melhor purgativo, suave, inteiramente vegetal.



O Vigor do Cabello DO DR. AYER,

impede que o cabelo se torne branco e restaura ao cabelo grisalho a sua vitalidade e formosura.



Salsaparrilha de Ayer.

Para a cura efficaz e prompta das Molestias provenientes da impureza do Sangue.

Tónico Oriental—(marca Cassel)—Exquisita preparação para aformosear o cabelo—Extirpa todas as affecções do cráneo, limpa e perfuma a cabeça.

Água Flórida (marca Cassels).—Perfume delicioso para o lenço, o toucador e o banho.

Sabonetes de glicerina.—(marca Cassels).—Muito grandes, qualidade superior.

A venda em todas as drogarias e lojas de perfumarias. Preços baratos.

Vermífugo de B. L. Fahnestock.—E' o melhor remédio contra lombrigas. O proprietário está prompto a devolver o dinheiro a qualquer pessoa a quem o remédio não faça o effeito quando o doente tenha lombrigas e seguir exactamente as instrucções.

15 **D**uas senhoras recebem creanças de qualquer idade, externas e internas, para tratar da sua educação e instrucção.

Para mais esclarecimentos, rua Ferreira Borges, 185, 3.º andar.

19 **Q**uem quizer tomar de arrendamento o grupo de casas da rua das Padeiras que tem estado arrendado ao sr. Manuel José de Sousa Guimarães, dirija-se ao solicitador Rocha Ferreira, Sophia, —Coimbra.

18 **S**enhora habilitada ensina a confeccionar todo o genero de flôres. Também ensina bordados a ouro, escama, froco sobre vidro, trabalhos em vidro fundido, ouro sobre vidro, fio de côco, etc.

Dam se informações em casa do sr. Miguel da Fonseca Barata na rua dos Sapateiros.

26 **C**hegaram à Papelaria Borges as seguintes novidades:

Mais 4 Bilhetes Postaes com vistas de Coimbra, um album de photographias do Centenário da Sêbenta e outro de vistas de Coimbra uma linda colleção de chromos para calendários e para felicitações.

ALEMTEJO

27 **O** melhor enchido do Alemtejo que se vende em Coimbra (o que se pôde garantir) é na mercearia de António Fernandes, na rua do Corvo.

Officina de malas

DE **Pedro da Silva**

39, Rua de Quebra-Costas, 39 Coimbra

Nesta officina encontra-se um variado sortido de malas em diversos gostos e formatos. Satisfazem se quaesquer encomendas com promptidão, assim como se fazem concertos com a máxima perfeição. Preços resumidos, attendendo a que o proprietário desta officina se fornece directamente da fábrica.

ESTABELECIMENTO

DE **FERRAGENS, TINTAS E ARMAS DE FOGO**

DE **JOÃO GOMES MOREIRA**

50, Rua Ferreira Borges, 52, (Em frente ao Arco d'Almedina)

COIMBRA

Cal hydraulica: Grande depósito da Companhia Cabo Mondego. — Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Electricidade e optica: Agência da casa Ramos & Silva de Lisboa, constructores de para-raios, campainhas eléctricas, óculos e lunetas e todos os mais apparatus concernentes.

Tintas para pinturas: Alvaiades, óleos, água-ráz, crés, gessos, vernizes, e muitas outras tintas e artigos para pintores.

Cimentos: Inglês e Cabo Mondego, as melhores qualidades que se empregam em construcções hydraulicas.

Diversos: Bandejas, oleados, papel para forrar casas, moínhos e torradores para café, máquinas para moer carne, balanças de todos os systemas.—Rêdes de arame, zinco e chumbo em folha, ferro zincado, arame de todas as qualidades.

Ferragens para construcções: Grande sortido que vende por preços eguaes aos de Lisboa e Porto.

Pregagens: De ferro e arame primeira qualidade com grandes descontos.—Aviso aos proprietários e mestres d'obras.

Cutilaria: Cutilaria nacional e estrangeira dos melhores auctores. Especialidade em cutilaria Rodgers.

Faqueiros: Crystófle, metal branco, cabo d'ebano e marfim, completo sortido em taqueiros e outros artigos de Guimarães.

Louças inglesas, de ferro: Esmaltada e estanhada, ferro Agate, serviço completo para mesa, lavatório e cozinha.

CURSO DE HABILITAÇÃO

PARA O

MAGISTÉRIO PRIMÁRIO

Rua da Sophia, 57 — COIMBRA

Continua a funcionar este curso, dirigido pela professora complementar da cidade de Coimbra, Olivia Fontes d'Almeida, habilitada com o curso complementar pela Escola Normal do Porto.

Os resultados obtidos pelos alumnos que têm frequentado este curso, sam garantia bastante para os candidatos que desejem habilitar-se para o magistério primário.

Para que possam certificar-se da veracidade do que afirmamos, publicamos os nomes e residência dos alumnos que obtiveram approvação, tanto na Escola Districtal de Aveiro, como na de Villa Real e Braga, único réclame que a Directora deste curso costuma fazer.

O corpo docente deste curso é constituído pelos seguintes professores: Olivia Fontes d'Almeida.

Julião Maria Paes da Silva, legalmente habilitado. Francisco Duarte d'Almeida.

Alumnos que frequentaram o curso e obtiveram approvação

- D. Maria da Graça Cancella Fontes, de Villa Real.
- D. Luiza Carmelina Teixeira d'Azevedo, de Coimbra.
- D. Maria do Carmo Ventura, de Coimbra.
- D. Maria d'Assumpção Sant'Anna Ladeira, de Coimbra.
- D. Maria Amália Pereira Monteiro, de Coimbra.
- D. Albertina Veiga, da Figueira da Foz.
- D. Maria d'Assumpção Figueiredo Gomes, de Coimbra.
- D. Maria Guilhermina Xavier Pereira, de Miranda do Côrvo.
- Accácio Alves Fontes, de Villa Real.

RECEBEM-SE ALUMNOS INTERNOS

Escritorio e officinas
RUA GARRETT, 48, 1.º, LISBOA

Escritorio e officinas
RUA GARRETT, 48, 1.º, LISBOA

Marca registada

Premiado com a medalha d'ouro na Exposição Industrial do Porto de 1897

O **Bico Auer** é o único cujas mangas sam fabricadas em Portugal e portanto o **Único Nacional**, o que foi reconhecido pelo digno jury da Exposição de productos nacionaes do Porto, concedendo unicamente a elle a **Medalha d'Ouro** que constituiu a mais alta recompensa.

Succursal em Coimbra, rua do Visconde da Luz, 101 a 103.

F. Fernandes Costa

ANTÓNIO THOMÉ
ADVOGADOS

Rua do Visconde da Luz, 50

Charrette

8 **V**ende-se uma. Trata-se com Francisco Nogueira Sácco.

Terreiro da Erva
Coimbra

SALON DE LA MODE

92—Rua Ferreira Borges—92

A única casa que vende barato

em Coimbra

12 **A**rtigos de primeira qualidade e últimas novidades para a presente estação.

Vestidos de bonitas lãs elegantemente feitos pelos últimos figurinos a 12,000 réis.

Chapéus novidades para senhora a 4,500 réis. Capas, pelerines, casacos, o que se pôde imaginar de mais elegante.

Camisas, collarinhos, punhos, gravatas e luvas

JOÃO RODRIGUES BRAGA

SUCCESSOR

17, Adro de Cima, 20—(Detraz de S. Bartholomeu)

COIMBRA

25 **E**sta casa a mais antiga e mais bem montada neste género continua a encarregar-se de funeraes completos desde os mais modestos aos mais pomposos, tanto nesta cidade como fóra, para o que tem boas eças douradas para adultos e creanças; e completo sortimento de armações de velludo e todos os mais ornamentos preciosos para este effeito.

Grande sortimento de fitas de faile, moiré, ganfré, glacé e setim em todas as côres e larguras.

O mais completo sortido de corôas e bouquets tanto fúnebres como de gala, que vende por preços muito diminutos.

Tem tambem um grande armazem de fazendas nacionaes e estrangeiras em que faz grandes descontos para revender.

FABRICA DE CERAMICA

João da Silva Pinho

91—Rua Direita, 93—COIMBRA

3 **D**iversos materiaes de construcção, taes como: manilhas, telhões, balaustres, tijolos de todas as dimensões para fornos e chaminés, syphões e bacias para retretes, tanto em barro branco como em vermelho, e bem assim diferentes utensilios, como: vasos para jardins, tachos para cosinha, fogareiros, etc, tudo de boa construcção.

Esta fábrica está montada nas condições de poder satisfazer de prompto qualquer encomenda.

GOZINHA POPULAR

RUA DA CONCÓRDIA, N.º 27, 29 e 31

Figueira da Foz

O seu proprietário, antigo cozinheiro do Hotel Reis, encarrega-se de fornecer almoços e jantares, para fóra, por preços commodos.

Tem bons quartos para alugar, acceptando hóspedes permanentes.

O proprietário,

José Maria Junior.